



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

ALISON DOS SANTOS SILVA

**QUEM FALA SOBRE E PELO FUTEBOL
PROFISSIONAL DE MATO GROSSO DO SUL?
ANÁLISE DE FONTES E CANAIS DE INFORMAÇÃO
DO JORNAL CORREIO DO ESTADO (2015-2020)**

Campo Grande - MS
OUTUBRO / 2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



QUEM FALA SOBRE E PELO FUTEBOL PROFISSIONAL DE MATO GROSSO DO SUL? ANÁLISE DE FONTES E CANAIS DE INFORMAÇÃO DO JORNAL CORREIO DO ESTADO (2015-2020)

ALISON DOS SANTOS SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídia e Representação Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva

ALISON DOS SANTOS SILVA

Quem fala sobre e pelo futebol profissional de Mato Grosso do Sul? Análise de fontes e canais de informação do Jornal *Correio do Estado* (2015-2020)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Mídia e Representação Social. Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade.

Campo Grande - MS, 20 de Outubro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Silvan Menezes dos Santos
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Universidade de São Paulo



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO

Aos vinte dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e cinco, às oito horas, via Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos membros: Marcos Paulo da Silva (UFMS), Luciano Victor Barros Maluly (USP) e Silvan Menezes dos Santos (UFAL), sob a presidência do primeiro, para julgar o trabalho do aluno: **ALISON DOS SANTOS SILVA** CPF ***.417.911-**, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Curso de Mestrado, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado sob o título "**Quem fala sobre e pelo futebol profissional de Mato Grosso do Sul? Análise de fontes e canais de informação no jornal Correio do Estado (2015-2020)**" e orientação de Marcos Paulo da Silva. O presidente da Banca Examinadora declarou abertos os trabalhos e agradeceu a presença de todos os Membros. A seguir, concedeu a palavra ao aluno que expôs sua Dissertação. Terminada a exposição, os senhores membros da Banca Examinadora iniciaram as arguições. Terminadas as arguições, o presidente da Banca Examinadora fez suas considerações. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se para avaliação, e após, emitiu parecer expresso conforme segue:

EXAMINADOR

Dr. Marcos Paulo da Silva (Interno)

Dr. Luciano Victor Barros Maluly (Externo)

Dr. Silvan Menezes dos Santos (Externo)

Dr. Mario Luiz Fernandes (Interno) (Suplente)

RESULTADO FINAL:

Aprovação (X)

Aprovação com revisão ()

Reprovação ()

Nada mais havendo a ser tratado, a Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Paulo da Silva, Professor do Magisterio Superior**, em 20/10/2025, às 09:40, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Silvan Menezes dos Santos, Usuário Externo**, em 21/10/2025, às 14:07, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Victor Barros Maluly, Usuário Externo**, em 23/10/2025, às 07:25, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5968903** e o código CRC **1EEF3A26**.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone: (67)3345-7437

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.025529/2025-30

SEI nº 5968903

O presente trabalho foi realizado com apoio do edital de bolsa permanência do Carrefour.

Dedico aos meus pais, irmãos, minhas sobrinhas Maria Fernanda, Helena e Melina e àqueles
que se interessam pelas particularidades do futebol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Amelia e Alberto, meus irmãos Adalberto, Alexandre e Aline pelos incentivos durante o percurso da pesquisa.

Ao meu orientador Dr. Marcos Paulo da Silva pela paciência e pelas inúmeras contribuições e conversas durante o desenvolvimento da dissertação.

Agradeço aos meus tios Alesandro Marcelo e Rosemere pelo suporte incondicional ao longo de toda minha carreira acadêmica e profissional.

Agradeço àqueles que contribuíram de forma direta e indireta para a construção do presente trabalho.

Aos jornalistas e profissionais que trabalham junto ao Jornal Correio do Estado pelo acesso integral ao acervo histórico do veículo.

À universidade pública.

“Eu sou uma pessoa marcada para morrer. Por uma causa justa a gente morre. Alguém tem que perder a vida por uma causa!”

Marçal de Souza, líder indígena

RESUMO

A pesquisa se debruça sobre um levantamento longitudinal para identificar e problematizar as vozes legitimadas a falar sobre e pelo futebol profissional de Mato Grosso do Sul entre os anos de 2015 e 2020 no escopo da editoria esportiva do veículo *Correio do Estado*, principal jornal impresso da região, localizado na capital Campo Grande (MS). Ancorado no conceito de fontes jornalísticas (Lage, 2001; Soley, 1992; Gans, 2004) e de canais de informação (Sigal, 1974), o trabalho se volta à compreensão do processo de seleção e de legitimação jornalística dos agentes sociais habilitados a enunciar sobre o tema. Pelo método da análise de conteúdo, foram categorizadas 11.547 notícias para traçar um perfil histórico das fontes ao longo do período mencionado, correlacionando-se a atuação do campo jornalístico regional com o período de derrocada da modalidade em Mato Grosso do Sul e a perda de proeminência da mesma no cenário nacional. Entre as principais constatações, a pesquisa evidencia que, ainda que haja certa diversidade na seleção de pautas, a editoria esportiva do *Correio do Estado* sustentou-se majoritariamente em fontes primárias, privilegiando atores diretamente vinculados ao espetáculo esportivo – jogadores, técnicos e dirigentes –, enquanto reduziu drasticamente o espaço das fontes secundárias ou especializadas, responsáveis por ampliar a complexidade do debate. Outro ponto que merece destaque é a hierarquia de modalidades, na qual o futebol ocupa mais de dois terços do espaço midiático, consolidando-se como pauta hegemônica. A pesquisa também revelou desequilíbrios de gênero. O baixo percentual de mulheres mobilizadas como fontes (apenas 6%) confirma a perpetuação de desigualdades estruturais. Outro achado relevante refere-se aos canais de informação, com a predominância dos canais corporativos (96,4%), o que revela a dependência dos repórteres do contato direto com suas fontes, sem mediações institucionais mais robustas, como coletivas de imprensa ou assessorias estruturadas, quadro que expõe a fragilidade do ecossistema comunicacional do futebol regional, marcado pela carência de profissionalização dos clubes.

Palavras-chave: Jornalismo; Fontes; Correio do Estado; Futebol; Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This study uses longitudinal research to identify and analyze the voices that were considered legitimate to speak about professional soccer in Mato Grosso do Sul state between 2015 and 2020. This analysis is limited to the sports section of *Correio do Estado*, the main printed newspaper in the region, which is located in the capital of Campo Grande (MS). Grounded in the concepts of journalistic sources (Lage, 2001; Soley, 1992; Gans, 2004) and information channels (Sigal, 1974), the study aims to understand the selection process and journalistic legitimization of individuals deemed qualified to discuss the topic. Using content analysis, 11,547 news items were categorized to trace the historical profile of the sources during the aforementioned period. This analysis correlates the performance of the regional journalistic field with the period of the sport's decline in Mato Grosso do Sul and its loss of prominence on the national stage. The research reveals that, although the selection of topics is somewhat diverse, the sports section of *Correio do Estado* primarily relies on primary sources and favors individuals directly involved in the sporting event, such as players, coaches, and managers. This approach drastically reduces the space allotted to secondary or specialized sources, which are essential for broadening the complexity of the debate. Another notable point is the hierarchy of sports, in which soccer occupies more than two-thirds of the media space, thus consolidating its position as the dominant topic. The research also revealed gender imbalances. The low percentage of women mobilized as sources (only 6%) confirms the perpetuation of structural inequalities. Another relevant finding concerns the predominance of corporate channels (96.4%) in information channels, revealing reporters' dependence on direct contact with their sources rather than more robust institutional mediation, such as press conferences or structured press offices. This situation highlights the vulnerability of the regional soccer communication ecosystem, which is characterized by a lack of professionalism among clubs.

Keywords: Journalism; Sources; *Correio do Estado*; Soccer; Mato Grosso do Sul.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: POSIÇÃO DAS EQUIPES SUL-MATO-GROSSEENSES NO CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL ENTRE 1973 E 1986.	71
TABELA 2: POSIÇÃO DAS EQUIPES SUL-MATO-GROSSEENSES NA DIVISÃO DE ACESSO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL ENTRE 1980 E 1992.	78
TABELA 3: POSIÇÃO DAS EQUIPES SUL-MATO-GROSSEENSES NA TERCEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL ENTRE 1981 E 2008.	80
TABELA 4: POSIÇÃO DAS EQUIPES SUL-MATO-GROSSEENSES NA SÉRIE D DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL ENTRE 2009 E 2020	83
TABELA 5: POSIÇÃO DAS EQUIPES SUL-MATO-GROSSEENSES DE FUTEBOL NA COPA DO BRASIL ENTRE 1989 E 2020	85
TABELA 6: POSIÇÃO DAS EQUIPES SUL-MATO-GROSSEENSES DE FUTEBOL NA COPA VERDE ENTRE 2014 E 2020.	87
TABELA 7: POSIÇÃO DOS CLUBES DE FUTEBOL DE MATO GROSSO DO SUL NO RANKING NACIONAL DE CLUBES DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL ENTRE 2004 E 2020.	89
TABELA 8: POSIÇÃO DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DE MATO GROSSO DO SUL NO RANKING NACIONAL DE FEDERAÇÕES DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL ENTRE 2005 E 2020.	90
TABELA 9: LEVANTAMENTO GERAL DOS DADOS ANALISADOS.	96
TABELA 10: LEVANTAMENTO DE FONTES E NOTÍCIAS REGIONAIS DENTRO DA EDITORIA ESPORTIVA DO JORNAL CORREIO DO ESTADO (2015-2020).	97
TABELA 11: CARACTERÍSTICAS DE FONTES (2015-2020)	100
TABELA 12: TABULAMENTO MENSAL DE FONTES (2015-2020)	103
TABELA 13: RECORTE DE GÊNERO DENTRO DA EDITORIA ESPORTIVA DO CORREIO DO ESTADO (2015-2020).	108
TABELA 14: CANAIS DE INFORMAÇÃO DENTRO DA EDITORIA ESPORTIVA DO CORREIO DO ESTADO (2015-2020)	117

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: FREQUÊNCIA MENSAL DE FONTES EM 2015	104
GRÁFICO 2: FREQUÊNCIA MENSAL DE FONTES EM 2016	105
GRÁFICO 3: FREQUÊNCIA MENSAL DE FONTES EM 2017	105
GRÁFICO 4: FREQUÊNCIA MENSAL DE FONTES EM 2018	106
GRÁFICO 5: FREQUÊNCIA MENSAL DE FONTES EM 2019	106
GRÁFICO 6: FREQUÊNCIA MENSAL DE FONTES EM 2020	107
GRÁFICO 7: OCORRÊNCIA MENSAL DE FONTES (2015-2020)	107
GRÁFICO 8: OCORRÊNCIA MENSAL DE FONTES POR GÊNERO	110
GRÁFICO 9: PORCENTUAL DE FONTES POR GÊNERO (2015-2020)	111
GRÁFICO 10: CANAIS DE INFORMAÇÃO	118
GRÁFICO 11: AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS	118

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: TRIBUNA, 31 DE MARÇO DE 1927	41
FIGURA 2: O TRÊS LAGOAS, FEVEREIRO DE 1935	42
FIGURA 3: CORREIO DO ESTADO, 7 DE FEVEREIRO DE 1954	46
FIGURA 4: CORREIO DO ESTADO, 13 DE FEVEREIRO DE 1954	47
FIGURA 5: CORREIO DO ESTADO, 14 DE JUNHO DE 2004	63
FIGURA 6: CORREIO DO ESTADO, 4 DE MARÇO DE 2002	64
FIGURA 7: CORREIO DO ESTADO, 25 DE DEZEMBRO DE 2015	112
FIGURA 8: CORREIO DO ESTADO, 12 DE MAIO DE 2016	114
FIGURA 9: CORREIO DO ESTADO, 15 DE FEVEREIRO DE 2015	115
FIGURA 10: CORREIO DO ESTADO, 18 DE ABRIL DE 2017	116
FIGURA 11: CORREIO DO ESTADO, 5 DE ABRIL DE 2017	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM - Amazonas

BA - Bahia

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CE - Correio do Estado

CND - Conselho Nacional de Desportos

CEMAT - Centrais Elétricas Matogrossenses

ES - Espírito Santo

FFMS – Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul

FMT - Federação Mato-Grossense de Futebol

FPF - Federação Paulista de Futebol

GAECO - Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado

MG - Minas Gerais

MPMS - Ministério Público de Mato Grosso do Sul

MS - Mato Grosso do Sul

PA - Pará

PB - Paraíba

PE - Pernambuco

PSD - Partido Social Democrático

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

RJ - Rio de Janeiro

RNC - Ranking Nacional de Clubes

RNF - Ranking Nacional de Federações

RS - Rio Grande do Sul

TJMS - Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul

TO - Tocantins

UDN - União Democrática Nacional

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – FONTES E CANAIS DE INFORMAÇÃO NO JORNALISMO ESPORTIVO	24
1.1 A INFLUÊNCIA DAS FONTES NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA	26
1.2 SELEÇÃO DE FONTES E ESTREITAMENTO DO ESPECTRO DE VOZES	31
1.3 CANAIS DE INFORMAÇÃO E OFICIALIZAÇÃO DE FONTES	37
CAPÍTULO 2 - O CORREIO DO ESTADO E O JORNALISMO ESPORTIVO EM MATO GROSSO DO SUL	40
2.1 PRIMÓRDIOS DO JORNALISMO ESPORTIVO REGIONAL	40
2.2 CORREIO DO ESTADO: HISTÓRICO E FASES EVOLUTIVAS	43
2.3 MEMÓRIAS DO JORNALISMO ESPORTIVO SUL-MATO-GROSSENSE	52
2.3.1 RECORDAÇÕES DO APOGEU E DO DECLÍNIO	53
2.3.2 ESTRUTURA DAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS	59
2.3.3 PROFISSIONAIS E CONVIVÊNCIA	61
CAPÍTULO 3 – ASCENSÃO E QUEDA DO FUTEBOL SUL-MATO-GROSSENSE	66
3.1 FUTEBOL SUL-MATO-GROSSENSE NA ELITE NACIONAL	69
3.2 O CLUBE DOS 13 E O DECLÍNIO DO FUTEBOL DE MS	72
3.3 MATO GROSSO DO SUL NA COPA DO BRASIL E COPA VERDE	83
3.4 MATO GROSSO DO SUL E AS QUEDAS NO RANQUEAMENTO DA CBF	87
3.5 FFMS: GESTÃO DE UM HOMEM SÓ	90
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE LONGITUDINAL DAS NOTÍCIAS ESPORTIVAS DO JORNAL CORREIO DO ESTADO	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
APÊNDICES	131

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte de inquietações pessoais e profissionais acerca das relações entre futebol e mídia em Mato Grosso do Sul. As considerações e apontamentos voltam-se ao tratamento dado pelo jornalismo regional à elite do futebol profissional do Estado. Busca-se identificar e problematizar quantos e quais são os agentes sociais legitimados a enunciar sobre e pelo futebol profissional sul-mato-grossense entre 2015 e 2020 no escopo da editoria esportiva do jornal *Correio do Estado*, periódico impresso mais antigo ainda em circulação entre os 79 municípios de Mato Grosso do Sul e que veiculou em suas páginas as mais diferentes fases do desporto na região.

Compreender a relação entre os jornalistas e seus pares e identificar o perfil das fontes mobilizadas ao longo de duas décadas no jornalismo esportivo regional mostra-se salutar para o desvelamento crítico das dinâmicas de uma redação tradicional no interior do Brasil, como a do próprio *Correio do Estado*, locus no qual o autor deste estudo atuou como repórter entre fevereiro de 2022 e agosto de 2023, retornando ao mesmo em novembro de 2024, onde segue até o fechamento da presente dissertação.

Com a inserção no contexto do veículo, obteve-se a oportunidade de entendimento das dinâmicas e do *modus operandi* dos repórteres e editores. Internamente, assim como em outras redações espalhadas pelo interior do Brasil, pôde-se verificar a necessidade operacional por demandas rotinizadas de produção que acabam por sobrepor, em muitos momentos, a própria capacidade crítica e de abstração dos profissionais que ao longo do cotidiano se veem sobrecarregados em seus afazeres.

Nesse sentido, embora o foco desta pesquisa não seja propriamente compreender a lógica da precarização contemporânea do jornalismo regional, constata-se de modo exploratório que frente à alta demanda de produção e o curto espaço de tempo entre apuração, construção, edição e finalização das matérias, os jornalistas acabam por recorrer aos caminhos mais curtos, que por vezes também se tornam os mais cômodos. Diante da necessidade de conclusão do trabalho diário, recorre-se habitualmente às fontes mais acessíveis.

Parte-se, portanto, de constatações vivenciadas na prática cotidiana da redação, mas que constituem objetos de problematização e de conceituação de autores devotados ao universo das Teorias do Jornalismo ao longo das últimas décadas. Toca-se, nesse sentido, em teorias e conceitos como *Gatekeeping* e *Newsmaking*, trabalhados por autores como White (1950), Sigal (1974), Tuchman (1978), Shoemaker e Reese (1996), Bourdieu (2004), Gans (2004), Shoemaker e Vos (2009) e Wolf (2009).

Em síntese, tal como será aprofundado no primeiro capítulo desta dissertação, as dinâmicas operacionais ligam intrinsecamente a atividade jornalística ao tempo e ao espaço de trabalho, fatores que enquadram os próprios critérios de seleção dos repórteres que se deparam com um dilema entre produção e qualidade produtiva: quem contatar e como contatar dentro do espaço-tempo disponível? Com base nas reflexões e tipologias de Gans (2004), Soley (1992), Lage (2001) e, principalmente, na abordagem longitudinal de Sigal (1974), o levantamento a ser realizado neste estudo tem por objetivo compreender o perfil das fontes selecionadas pelos jornalistas durante a produção de seus conteúdos.

O caráter longitudinal de seis anos do levantamento, atrelado à reflexão crítica sobre as dinâmicas de trabalho dos repórteres, busca elucidar a construção de uma compreensão coletiva nas rotinas do jornal acerca do perfil das fontes selecionadas diariamente na produção das notícias dentro do período pesquisado. O recorte temporal, assim, não se estabelece ao acaso. Ao longo das últimas décadas, o futebol profissional sul-mato-grossense perdeu proeminência e se distanciou das primeiras divisões nacionais (Rafael, 2017) – temática que será aprofundada ao longo do segundo e do terceiro capítulos desta dissertação.

Longe das cotas televisivas de cifras milionárias que caracterizam a modalidade no país nas décadas iniciais do século XXI (Santos, 2019) e atrelado ao semiamadorismo que permeia a modalidade em âmbito estadual há anos, o desenvolvimento do futebol em Mato Grosso do Sul afastou-se das lentes da imprensa esportiva concentrada nos centros hegemônicos do país e circunscreveu-se à reverberação nas páginas do jornalismo regional nas quais os agentes sociais envolvidos com o esporte ocupam espaço de legitimação. Entretanto, de forma tácita, nota-se de antemão que as dinâmicas produtivas dos jornais locais e a cobertura do jornalismo profissional acerca do futebol e do esporte regional estão aquém do que poderiam ser entregues.

De modo geral, a partir da experiência profissional anteriormente mencionada, verifica-se no interior do próprio veículo pesquisado – um dos jornais mais significativos na região centro-oeste do Brasil em termos históricos – certo desmerecimento com a editoria esportiva, seja por questões editoriais ou mercadológicas, tema que as análises desta dissertação pretendem problematizar. Evidentemente, os constrangimentos e pressões organizacionais acima citados recaem e influem sobre as demandas produtivas dos jornalistas em todos os setores do veículo, contudo – também de forma tácita – nota-se que a editoria esportiva tende a receber ainda menor prestígio do que as demais, fator determinante para a proposição desta pesquisa.

Em termos de objeto de análise, além de se debruçar sobre a cobertura do futebol regional dentro veículo durante os anos de 2015 a 2020, a pesquisa também pretende verificar, como consequência, se proporcionalmente os demais esportes praticados ao longo do período podem ter perdido espaço dentro da editoria esportiva deste que constitui um relevante acervo do jornalismo sul-mato-grossense.

O levantamento a ser realizado de modo secundário e dentro do escopo longitudinal mencionado, mira identificar de modo geral uma eventual derrocada do esporte de alto rendimento em Mato Grosso do Sul. Nesse cenário, como previamente indicado, o projeto visa problematizar no plano teórico-conceitual as relações entre jornalistas e fontes a fim de estabelecer reflexões sobre os impactos dos contatos entre as partes na cobertura produzida pelo jornal.

De forma mais ampla, o estudo proposto pretende contribuir para uma abordagem científica acerca do próprio cenário esportivo sul-mato-grossense, dada a relevância do esporte na sociedade, em particular do futebol, modalidade mais popular no país. O desenvolvimento desta pesquisa, nesse contexto, se ampara na compreensão de que o âmbito do jornalismo regional sofre com os impactos e as influências dos conglomerados de mídia, o que pode acarretar uma sobreposição do futebol nacional e internacional em relação aos conteúdos locais – circunstância abordada por Pires (2002) e Spà (1999). Tal aspecto tem se aprofundado nas últimas décadas particularmente em virtude do distanciamento dos clubes sul-mato-grossenses das primeiras divisões do país.

Em síntese, o jornalismo esportivo produzido por veículos com circulação nacional, regional ou local tem sido tensionado, em diferentes proporções, pela formação e consolidação dos conglomerados midiáticos transnacionais desde os anos 1990 (Pires, 2002; Spà, 1999), processo decorrente principalmente globalização da economia (Moraes, 1998). Dentro deste entendimento, a cobertura do futebol regional é atingida diretamente nas dinâmicas das redações jornalísticas tradicionais e em suas dinâmicas de construção das notícias, fator que pode contribuir não somente para a invisibilidade da modalidade praticada por agremiações regionais em competições nacionais, mas também ter impactos na própria percepção local sobre o esporte.

Com a derrocada da modalidade profissional em âmbito regional, principalmente ao longo das últimas décadas, o quadro se agrava e o futebol sul-mato-grossense dá mostras de que pode desaparecer gradativamente das páginas esportivas dos próprios veículos de Mato Grosso do Sul, o que, em certa medida, pode contribuir para que trabalho jornalístico acerca do futebol profissional regional perca força nas redações. Neste sentido, faz-se necessário mapear

o volume de conteúdo atribuído ao futebol sul-mato-grossense com base em um recorte quantitativo considerável (2015-2020), frente à perda de prestígio do Estado nos ranqueamentos desportivos e da influência político-esportiva no cenário nacional.

Em 2024, por exemplo, a Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FFMS), que possui em sua circunscrição equipes como Comercial e Operário, que ocuparam protagonismo no futebol nacional entre as décadas de 1970 e 1980 (Rafael, 2017), situava-se na vigésima quinta posição no ranking nacional de federações da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), à frente apenas das federações de Rondônia e Amapá (CBF, 2024) - discussão que será aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação.

Nesse contexto, a pesquisa parte da hipótese de que a relação intrínseca entre os campos esportivo e midiático (Bourdieu, 2004; Betti, 2001; Spá, 1999), estabelecida também no cenário regional, pode contribuir para que o processo declínio do futebol profissional se perpetue e, porventura, acelere-se no Estado.

Em relação ao veículo escolhido como locus de enunciação para a análise, tal como será debatido no segundo capítulo, frisa-se que o *Correio do Estado* foi fundado em fevereiro de 1954 com o objetivo de disseminar ideias do partido União Democrática Nacional (UDN) no então estado de Mato Grosso unificado (Dal Moro, 2012; Gois, 2020). Diário e com circulação contínua desde sua fundação, o jornal passou a ter forte orientação política de ênfase conservadora e manteve-se ativo desde a separação e a emancipação político-administrativa entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, feito ocorrido em outubro de 1977, que contou com apoio do próprio veículo (Dal Moro, 2012). Nacionalmente, o jornal apoiou a presença dos militares no poder após o golpe de abril de 1964 (Gois, 2020), outra mostra de seus ideais conservadores.

Nesse ínterim, como um dos principais meios de comunicação da região, o *Correio do Estado* (CE) tem desempenhado um papel fundamental na formação das representações sociais do Estado e da capital Campo Grande, inclusive no campo esportivo. O veículo já dedicou diversas páginas ao futebol regional, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980, período em que os clubes de maior expressão do Estado detinham projeção esportiva no cenário nacional da modalidade (Rafael, 2017).

Em termos contextuais, o presente estudo pretende compreender as produções acerca do futebol profissional sul-mato-grossense, uma vez que este está distante territorialmente e financeiramente dos grandes centros do país. A partir do reconhecimento do monopólio dos grandes clubes, localizados sobretudo nas porções sudeste e sul do Brasil, polos do esporte nacional, estabelece-se a hipótese de que está em curso uma espécie de apagamento simbólico

do futebol profissional praticado longe do eixo hegemônico e que tende a ser escanteado das páginas dos jornais regionais.

Deste modo, não só o futebol de Mato Grosso do Sul, mas o futebol de outros estados, pode caminhar para um mesmo itinerário, por diferentes fatores, seja pela falta de incentivo financeiro ou mesmo pelas baixas contribuições em relação às cotas de televisão e patrocinadores (Santos, 2019). Conforme o cerco representado pela espetacularização midiática do futebol se amplia motivado por grandes bilheterias, prêmios, imagens, jogadores celebridades, ou mesmo cotas milionárias de televisão, observa-se que clubes e estados periféricos na modalidade podem sucumbir ao ritmo da invisibilização, seja esportiva ou jornalística por parte dos veículos regionais.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), o esporte é tido como um espaço estrutural de práticas sociais, um campo de tensionamentos, onde as posições dos agentes sociais são estabelecidas a partir da concorrência e da disputa por objetos e elementos de distinção. Neste campo, a mercantilização e a midiaticização interferem na definição dos capitais atribuídos a determinadas práticas. Definem-se, assim, as relações entre a oferta e a demanda dos esportes.

Dentro desse processo, o levantamento das fontes de informação que viabilizam o trabalho dos jornalistas e editores mostra-se de grande relevância, uma vez que são parte da engrenagem de construção das notícias, desde os contatos iniciais, até a finalização e publicação do material, concedendo visibilidade ao tema. O processo de invisibilização do esporte das páginas dos jornais, porém, parece ocorrer também com os agentes sociais – fontes primárias e secundárias (Lage, 2001; Soley, 1992) – legitimados pelo campo jornalístico a falar sobre assunto, vozes que hipoteticamente têm se limitado a um espectro cada vez mais estreito. Entender esse processo numa perspectiva longitudinal pode ajudar a identificar os padrões da cobertura esportiva regional acerca da modalidade.

Cabe destacar quanto ao entendimento sobre o apagamento simbólico do futebol regional que esta pesquisa se propõe a identificar, para além dos agentes sociais legitimados a falar sobre e pelo futebol profissional sul-mato-grossense, uma eventual sobreposição nacional em relação à modalidade regional, mesmo no âmbito dos veículos circunscritos na região, notadamente o jornal *Correio do Estado*, objeto de investigação.

Constata-se que as notícias publicadas em torno das competições e equipes de maior visibilidade nacional são geralmente recebidas nas redações por meio de serviços de agências de informação localizadas nos grandes centros urbanos do país, afastando-se do âmbito da produção local. Assim, o estudo apresenta como motivação oferecer algumas contribuições não

apenas para o entendimento da comunicação local acerca do futebol profissional de Mato Grosso do Sul, mas também para o campo do esporte regional, dada a relevância da prática esportiva para o desenvolvimento econômico e cultural da região.

Em termos metodológicos, a pesquisa é construída de acordo com os parâmetros da análise de conteúdo (Bardin, 1977) para o estudo das fontes jornalísticas e dos canais de informação em notícias referentes futebol sul-mato-grossense na editoria esportiva do jornal *Correio do Estado* entre os anos 2015 e 2020. Ao todo, foram coletadas e categorizadas 11.547 notícias sobre esporte correspondentes ao período de janeiro de 2015 a março de 2020.

Além da identificação e da caracterização dos agentes sociais mobilizados para tratar do assunto no jornal, outro ponto importante a ser observado na pesquisa remete às características apresentadas pelas fontes no conjunto das categorizações definidas por autores como Soley (1992) – que divide as fontes entre *news shapers* e *news makers* – e Lage (2001), especialmente no escopo das fontes primárias, secundárias, oficiais, oficiosas e independentes.

Já por canais de informação, serão consideradas a definição e a tipologia adotadas por Sigal (1974). Para o pesquisador, canais são “os caminhos pelos quais informações atingem o repórter” (Sigal, 1974. p. 120, tradução nossa) e se dividem em três categorias: de rotina, informais e corporativos.

Em termos práticos, o processo de mapeamento de fontes e de canais informativos nesta pesquisa tem passado por alguns levantamentos prévios, tal como indicado por Bardin (1977, p.99), “por meio de regras de homogeneidade, ou seja, critérios precisos de escolha (...) e de pertinência, adequação, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise”.

Dentro dessa linha, definiu-se o perfil do conteúdo estudado na dissertação: em meio ao grande volume de informações, adotou-se um tratamento específico de identificação e das notícias e fontes que permitiu que a construção do *corpus* seguisse seu trajeto de leitura e de interpretação. Afinal, a definição de período, do objeto de estudo e do recorte atribuído, como mencionado anteriormente, são determinantes e influenciam no processo. Para Bardin (1977, p. 28), faz-se pertinente “‘tornar-se desconfiado’ relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo”.

No transcurso do processo de pesquisa, realizou-se um levantamento junto ao acervo do jornal *Correio do Estado* no período em questão para coleta do material bruto e posterior tratamento categorial como forma de garantir sua validação. Posteriormente ao tratamento das informações, mediante análise do conteúdo coletado, buscou-se validar as hipóteses iniciais

acerca das fontes ligadas ao futebol sul-mato-grossense dentro da editoria de esporte ao longo do período referido (2015-2020).

Em termos analíticos, como recomenda Bardin (1977, p.101), os dados levantados foram levados até uma planilha e dispostos em um armazenamento eletrônico, para então receberem avaliações por meio de operações “estatísticas simples (porcentagens), e/ou através de análises fatoriais que permitam estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise”.

Estabelece-se, por fim, como forma de garantir a cientificidade do estudo, o processo de interpretação do conteúdo, etapa conclusiva do método. Todo o procedimento leva em consideração informações sobre o período de veiculação das notícias, categorização das fontes e canais informativos, catalogação geográfica das ocorrências (local, regional, nacional ou internacional), além de outros dados pertinentes à análise, tal como será desvelado ao longo dos próximos capítulos.

1. FONTES E CANAIS DE INFORMAÇÃO NO JORNALISMO ESPORTIVO

No contexto desta pesquisa, que se volta à análise dos agentes sociais legitimados como fontes jornalísticas utilizadas pelo jornal *Correio do Estado* acerca do futebol profissional de Mato Grosso do Sul, o presente capítulo se propõe a debater no terreno teórico-conceitual as concepções de fontes e de canais de informação, bem como a compreender as relações entre os jornalistas e seus pares no processo de estruturação e de construção da narração noticiosa.

A apresentação e a discussão dos conceitos, portanto, fornecem subsídios para os levantamentos quantitativo e qualitativo acerca de quais são as fontes que compõem as notícias e como elas chegam até o veículo, ou seja, quais são seus canais de acesso. O estudo alicerça-se, assim, na compreensão dos perfis dos agentes sociais mobilizados na construção noticiosa no escopo da editoria esportiva do referido veículo entre os anos de 2015 e 2020 – período que coincide com a consolidação da derrocada do futebol profissional no Estado frente ao contexto nacional, como será debatido no terceiro capítulo.

A amostragem longitudinal, a ser desenvolvida por meio de análise de conteúdo, reforçará as relações entre fontes e jornalistas. Para tanto, o capítulo se debruça sobre a interpretação de tais relações a partir da contribuição de autores como Gans (2004), Sigal (1974), Soley (1992), Wolf (1995), Tuchman (1978), Lage (2001), Bourdieu (2004) e Sanfelice (2010).

Pretende-se fornecer suporte teórico-conceitual para a compreensão da dinâmica de identificação das fontes mais recorrentes mobilizadas pelos jornalistas, isto é, verificar quantas as fontes e quais são os agentes sociais que compõem o processo de construção da informação sobre o futebol profissional de Mato Grosso do Sul no interior do recorte citado.

De acordo com Bourdieu (2004), o campo esportivo, de forma análoga a outros campos sociais, possui autonomia relativa. O mesmo pode ser dito em relação ao campo da mídia – por seu turno, um espaço social dotado de legitimidade para “criar, impor, manter, sancionar e reestabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas a respeito desses valores, num determinado domínio específico de experiência” (Rodrigues, 2000, p.193-194). Não por acaso, considerando a interface entre os campos, faz-se necessário elucidar as relações entre futebol e mídia no processo de construção da cobertura jornalística do esporte.

Betti (2002, p.1) é provocativo ao argumentar que não existe “esporte na mídia, apenas esporte da mídia”. Segundo o autor, “se a mídia enfocasse o esporte como cooperação, autoconhecimento, sociabilização, em vez da habitual ênfase no binômio vitória-derrota,

recompensa extrínseca, violência, ainda assim estaria fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo.”

Diferentemente do recorte empírico desta pesquisa, as reflexões de Betti (2002) partem da análise da cobertura televisiva do esporte, mas ainda assim apontam com precisão padrões mais gerais que remetem à redução da complexidade do fenômeno esportivo na mídia, o que encontra sintonia com as hipóteses de fundo do presente estudo. Os padrões destacados pelo autor são: 1) a ênfase na “falação esportiva”; 2) a monocultura esportiva; 3) a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo; 4) a superficialidade; e 5) a prevalência dos interesses econômicos.

Em termos gerais, a midiaticização do esporte reveste-se de primazia no interior dos processos de globalização econômica e de mundialização da cultura. Nesse contexto, os meios de comunicação constituem peças centrais que protagonizam a mediação sociocultural do fenômeno esportivo (D’áuria, Salerno, Santos, 2021), sobretudo na compreensão do esporte como atividade social que responde pelo “domínio da experiência sobre o qual é competente e sobre o qual exerce competência legítima”, mesmo que passe por “experiências ambivalentes” (Sanfelice, 2010, p.138).

De acordo com Sanfelice (2010), numa perspectiva bourdieusiana, cada vez mais os campos sociais estão afeitos a experiências que escapam aos limites do domínio próprio de suas estruturas. O campo esportivo, nesse ínterim, possui cada vez mais dependência dos campos político, econômico e, sobretudo, midiático. Dessa forma, contemporaneamente, pode-se afirmar que o esporte está na mídia emaranhado nas estruturas umbilicais desses dois campos. O esporte “fora” da mídia, por seu turno, não goza da mesma “legitimidade” em relação àquele produzido e respaldado pelos veículos de comunicação (Sanfelice, 2010, p.138).

Amparado na teoria bourdieusiana, Sanfelice (2010) destaca a precedência do campo midiático na atribuição de poder simbólico ante aos demais campos sociais, o que coloca em debate a própria autonomia relativa dos campos originalmente proposta pelo sociólogo francês:

O campo dos media tendo como bem específico o discurso, garante a mediação social generalizada do próprio campo com os demais e de todos estes entre si. Os mecanismos de mediação devem garantir a abertura dos campos sociais para que cada um possa se relacionar com os demais. Entre os campos, o que tem funções sociais de maior importância é o campo dos media. Essas funções consistem na razão de ser do próprio campo. (Sanfelice, 2010, p.139).

Conforme argumenta Sanfelice (2010, p. 140), “os demais campos tornam-se coautores de suas próprias histórias, muitas vezes regidas pela lógica midiática, que, ao

‘construir’ acontecimentos, propicia uma nova ambiência, derivando sentidos aos mais diversos campos sociais”. Em uma espécie de simbiose, ao mesmo tempo em que o campo midiático tem sua legitimidade “posta em xeque” ante os demais campos que utilizam estratégias de apropriação, por outro lado a lógica e a estrutura da mídia mostram-se essenciais para que os demais campos se sustentem e se legitimem.

Em síntese, o universo do esporte não se constitui como um espaço fechado em si mesmo, pois está inserido em um terreno de práticas e consumos construído enquanto um sistema (Bourdieu, 1997). Mesmo relativamente autônomo, o esporte é constituído de forças externas ao próprio campo e que, por conseguinte, não se aplicam única e exclusivamente a ele. O jornalismo esportivo – objeto de investigação desta pesquisa – desempenha papel fundamental nesse horizonte. Com base no domínio de códigos linguísticos e de estruturas discursivas entranhadas socialmente, os meios jornalísticos mostram-se passíveis de “nomear, dar sentido, construir novas práticas sociais tendo como base seus consumidores, ao passo que este fazer, indiretamente, institucionaliza o espaço esportivo” (Sanfelice, 2010, p.142).

Todo esse processo, finalmente, estabelece-se como uma espécie de “significante-simbólico” envolto em negociações entre os agentes sociais envolvidos – jornalistas, editores, proprietários de meios de comunicação, atores do mundo esportivo, atletas, dirigentes, patrocinadores, entre outros – para que regras e estratégias coexistam e possam ser compatibilizadas (Sanfelice, 2010, p.142-143).

Isso posto, partir-se-á na sequência para a discussão sobre como a mobilização de fontes e de canais de informação na construção das notícias no jornalismo esportivo contribuem para os processos de legitimação e de deslegitimação do esporte – em especial, do futebol profissional – de modo que seja posteriormente aplicado no âmbito regional de Mato Grosso do Sul.

1.1 A influência das fontes na construção da notícia

O processo de construção das notícias passa pela concepção de noticiabilidade, isto é, pelo “conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos” para que ganhem projeção nas pautas do jornalismo (Wolf, 2009, p. 195). Trata-se de uma dinâmica que garante a existência pública das notícias, seja do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação ou das regras e dos valores profissionais partilhados pelos jornalistas em suas rotinas laborais.

Para Gomes (2009, p. 29), as notícias fazem referência a “dados da realidade, que se apresentam na forma de eventos ou fenômenos, com os quais é possível pôr-se em relação imediata na experiência e/ou mediada por meio do texto – os fatos”. Nesse horizonte, as notícias

constituem-se o resultado de um processo de construção discursiva no interior dos parâmetros jornalísticos a respeito dos acontecimentos que se instituem na realidade vivida (Sodré, 2009). Complementarmente, Alsina (2009, p.133) discute as próprias diferenças entre os acontecimentos e as notícias:

Poderíamos diferenciar o acontecimento da notícia dizendo que é uma mensagem recebida, enquanto a notícia é uma mensagem emitida. Ou seja, o acontecimento é uma percepção de fenômeno do sistema, enquanto a notícia é um fenômeno de geração desse sistema.

Nesse ínterim, as características que fogem aos parâmetros consensuados de nociabilidade acabam por ser “excluídas”, uma vez que a validação do processo de seleção noticiosa perpassa a adesão e a adequação às rotinas produtivas da profissão, fator diretamente atrelado à cultura profissional dos jornalistas (Tuchman, 1978; Bourdieu, 1997; Gans, 2004). De acordo com Sigal (1974), esse processo se estabelece por meio da interdependência entre fontes e profissionais do jornalismo nas dinâmicas de coleta e de construção das notícias.

O entendimento crítico das relações entre fontes e jornalistas, portanto, mostra-se fundamental para o desvelamento dos processos de construção e de desconstrução de legitimidade de um campo social pela mídia – por exemplo, o campo esportivo –, uma vez que os meios de comunicação, via de regra, expõem as declarações daqueles agentes sociais “convocados” para auxiliar na formatação e no enquadramento de determinada informação, seja um agente político, um dirigente de clube, um *expert* ou mesmo o presidente de um país – fator entendido por Soley (1992, p.19, tradução nossa) como uma “função de conferência”.

Para o autor, a engrenagem deste processo engendrado pela mídia “confere status a questões públicas, pessoas, organizações e movimentos sociais”. O reconhecimento pelo noticiário, nesse cenário, atesta que determinado agente social é interessante o suficiente para ser destacado no espaço público jornalístico. Enfatiza-se, assim, o “status” conferido pela mídia e não propriamente a efetividade dos argumentos e das informações fornecidas por esses “formadores de opinião” (Soley, 1992).

Toda a constituição deste processo de legitimação de agentes sociais, conforme expõe Alsina (2009, p.134), dispõe de acontecimentos que antecedem a própria relação entre entrevistador e entrevistado: “a mídia lança mão de acontecimentos sociais como a matéria prima, e ao mesmo tempo, constrói e transmite um produto que pode chegar a se tornar um acontecimento social”.

Tal constatação enfatiza a influência da mídia na legitimação de agentes sociais envolvidos na construção das notícias, pois a mediação realizada pelos veículos – que perpassa,

sobretudo, a seleção das fontes – acaba por impactar e ditar, em grande medida, a própria relação entre o público e a informação.

Segundo Alsina (2009, p.171), no escopo da construção noticiosa, a relação entre jornalistas e suas fontes constitui não raramente uma espécie de “caixa preta”, inclusive fechada ao acesso dos próprios profissionais da comunicação, uma vez que “o relacionamento entre jornalista e fonte pode ser tão estreito que mesmo os colegas de redação podem não saber da proximidade entre repórter e determinado contato”. Parte desta relação “acontecimento-notícia”, mediada pelas fontes, como argumenta o autor, tem como característica a repetição como forma de legitimação, fator que se reflete também no contato cotidiano entre jornalistas, seus pares e os agentes sociais mobilizados como porta-vozes de determinados assuntos.

Desse modo, o processo de construção das notícias viabiliza-se e ganha sentido por meio de convenções jornalísticas, da partilha de valores e de questões epistemológicas que permeiam a profissão. De acordo com Sigal (1974, p.65, tradução nossa), “dentro de uma comunidade jornalística, o consenso toma forma sobre as notícias no interior de uma estrutura de valores partilhados, o que pode ser entendido como uma espécie de credo dos jornalistas”.

As dinâmicas de compreensão sobre o próprio campo pelos jornalistas perpassam relações e critérios utilizados por esses profissionais na seleção das fontes e na composição das notícias. A relação intrínseca entre os pares facilita o entendimento estrutural das notícias a partir do contato profissional cotidiano e das rotinas produtivas. Nesse sentido, para Gans (2004, p.116, tradução nossa), um entendimento crítico sobre os agentes que compõem as notícias deve também recair sobre o restante da sociedade que é alijado deste processo de seleção por parte dos jornalistas: “um estudo completo das notícias deve, portanto, incluir uma investigação tanto dos indivíduos que se tornam fontes como dos 99% da população que não o fazem.”

Na tentativa de categorizar algumas das principais relações e tensionamentos entre jornalistas e fontes, Lage (2001) propõe uma tipologia. Segundo o autor, um dos critérios empregados na categorização busca separar as fontes aptas a descrever e/ou explicar certas ocorrências a partir de seus graus de envolvimento e de sua legitimação institucional. Tais fontes são nomeadas como fontes “oficiais”, “oficiosas” e “independentes”:

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são

aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso. Das três, as fontes oficiais são tidas como as mais confiáveis e é comum não serem mencionadas: os dados que propõem são tomados por verdadeiros. (Lage, 2001, p.27).

Outra caracterização possível diz respeito à hierarquia das fontes mediante o envolvimento no processo de construção da notícia. Por este vértice, as “fontes primárias” são, naturalmente, aquelas que estão envolvidas diretamente no processo que desencadeou a ocorrência noticiosa.

No caso do futebol, por exemplo, foco deste estudo, podem ser jogadores, técnicos, torcedores e outros agentes sociais que circundam diretamente o meio futebolístico. Complementarmente, porém, outras demandas exigem a consulta de “fontes secundárias”, aquelas que são chamadas ao campo jornalístico para atuar como “especialistas” passíveis de explicação das ocorrências. No contexto do jornalismo esportivo, podem ser estudiosos e pesquisadores do tema tratado, como cientistas do esporte, profissionais de educação física, fisiologistas, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros especialistas, bem como ex-atletas e árbitros. Para efeitos ilustrativos, segundo a exemplificação trabalhada por Lage (2001, p. 29):

As fontes primárias serão, naturalmente, os plantadores e seus agrônomos de campo. Mas, antes de partir para a apuração, será conveniente consultar fontes secundárias, que podem ser funcionários de instituições de pesquisa agropecuária e apoio à agricultura, ou, eventualmente, economistas ou geógrafos.

Na acepção de Soley (1992, p.2, tradução nossa), essa distinção decorre também da categorização entre aqueles agentes sociais intitulados como “*news makers*” – numa tradução literal, os “fazedores das notícias” – e “*news shapers*” – os chamados “*experts*” ou “formadores de opinião”, recorridos pela mídia para obtenção de informações privilegiadas que antecedem previsões sobre o desfecho das histórias ainda não esclarecidas.

Em termos tipológicos, os *news shapers* agem num processo de interpretação das ocorrências abordadas pelos jornalistas e diferem-se daquelas fontes que genuinamente fazem parte de um evento, os *news makers* – conceituação que encontra paralelo com a distinção entre as fontes “primárias” e “secundárias” de Lage (2001).

Na posição de “especialistas”, conforme ilustra Soley (1992, p. 26), os *news shapers* executam funções semelhantes para os processos sociais à que os meteorologistas desempenham para o clima: “fornecem conhecimentos especializados sobre fenômenos complexos que os consumidores de notícias presumivelmente não entenderiam se não fosse pelas análises desses indivíduos” (Soley, 1992, p.26, tradução nossa). Quanto mais

frequentemente a mídia mobiliza os *news shapers*, mais insinua implicitamente que os efeitos das ocorrências noticiosas são explicáveis apenas por especialistas.

Em sentido complementar, Gans (2004, p.117-118, tradução nossa) propõe outra distinção entre as fontes, as quais denomina de “recorrentes”, “interessadas” e “relutantes”, sendo as “interessadas”, ou “recorrentes”, aquelas que a partir da relação com os repórteres se tornam agentes regulares de informação. Conforme explica o sociólogo estadunidense, as fontes “interessadas” não precisam das notícias para sobreviver; entretanto, quando convocadas, desfrutam dos benefícios, como o prestígio que advém da exposição midiática. Por fim, as fontes “relutantes”, ou “teimosas”, são muitas vezes vistas nas figuras de agentes do campo político e de funcionários públicos que contribuem com o processo de construção das notícias, contudo, voltam-se contra os próprios jornalistas na medida em que se sentem prejudicados.

Em suma, como advertem Leal e Carvalho (2015, p.609), a produção das notícias envolve um “campo de disputas desigual” no qual se tensionam os diferentes agentes sociais que também integram a “comunidade interpretativa” do jornalismo. Segundo os autores, trata-se de agentes que “concorrem entre si por espaços, enquadramentos e falas, podendo se impor ou não, ser ‘convocados’ ou não, como fontes legítimas e/ou como agentes/personagens nas narrativas informativas”.

Ademais, a provocação de Leal e Carvalho (2015), inspirados nas reflexões do sociólogo francês Érick Neveu (2006), segue em direção à própria utilização da metáfora “fonte” no universo do jornalismo. Os autores denunciam as limitações da natureza hídrica do termo e a inadequação da semântica frente ao jogo de tensionamentos próprio do campo jornalístico:

O termo “fonte”, usado sem maiores problematizações, certamente não permite ver que os processos de obtenção de informação, de definição de enquadramentos e modos de interpretação, de configuração narrativa da notícia e de sua apreensão envolvem dinâmicas complexas, em diferentes jogos de interesse, de poder e ação se fazem presentes. (Leal; Carvalho, 2015, p. 613).

De acordo com Leal e Carvalho (2015, p.617), os agentes são “pessoas e/ou instituições presentes nos processos e narrativas jornalísticas sobre acontecimentos diversos a partir da dinâmica de disputas de sentido em torno do que (e como) é narrado”. Assim, as relações e laços entre repórteres e suas fontes, aqui compreendidas enquanto agentes sociais legitimados (Bourdieu, 1997; Gans, 2004; Soley, 1992; Leal, Carvalho, 2015), também determinam, em grande medida, quem está apto ou inapto para compor o processo noticioso.

Esse processo acaba circunscrito às escolhas dos jornalistas e de suas interfaces com as fontes, culminando em relações de mútuo interesse. Para Gans (2004, p.116, tradução nossa), tal dinâmica pode ser explicada por outra metáfora, a de uma dança:

A relação entre fontes e jornalistas assemelha-se a uma dança, pois as fontes procuram aceder aos jornalistas e os jornalistas procuram aceder às fontes. Embora sejam precisos dois para dançar o tango, tanto as fontes como os jornalistas podem liderar, mas, na maioria das vezes, são as fontes que conduzem o passo.

Decorre daí a compreensão de que o processo construtivo de uma pauta e a própria estruturação da relação entre repórteres e suas fontes expõe certa simbiose entre as partes e a partilha de uma ótica pela qual há mútuos interesses e reconhecimentos. Afinal, como aponta Gans (2004, p.117, tradução nossa), “as fontes veem-se a si mesmas como pessoas com uma oportunidade de fornecer informações que promovam os seus interesses, de divulgar as suas ideias ou, em alguns casos, apenas para que os seus nomes e rostos apareçam nas notícias” – dinâmica que, em última instância, favorece a redução da diversidade de perspectivas e o estreitamento no espectro de vozes no jornalismo.

1.2 Seleção de fontes e estreitamento do espectro de vozes

As relações entre fontes e jornalistas, enquanto agentes sociais que integram um campo social sob constantes tensionamentos intrínsecos e extrínsecos (Bourdieu, 1997), endereçam à busca por espaços, enquadramentos e falas (Leal, Carvalho, 2015). Dentro desse processo de seleção, os jornalistas acabam por negociar implícita e explicitamente os níveis de contato e de hierarquização de suas fontes à medida em que estas se aproximam ou se distanciam de uma melhor adequação na produção das notícias.

Ao mesmo passo, porém, como adverte Gans (2004, p.120, tradução nossa), “os repórteres que redigem as notícias que são explícita ou implicitamente críticas às fontes dotadas de poder têm de fornecer provas consideráveis para fundamentar os seus fatos”. Tais pautas, frisa o autor, provavelmente “resultarão em telefonemas das fontes e os executivos não poderão defender os jornalistas cujas provas não sejam convincentes”.

Ademais, acrescenta Gans (2004, p.126, tradução nossa), as fontes geralmente buscadas pelos jornalistas costumam ser próximas daquelas mobilizadas por seus pares, pois repórteres e pauteiros passam um volume considerável de tempo consultando outros veículos concorrentes em busca de suas pautas: “na maioria das vezes, analisam uma história já publicada em busca de novos ‘ângulos’, formas diferentes de a conceitualizar ou cobrir; depois atribuem a ideia aos seus próprios repórteres como uma nova história”.

O sociólogo estadunidense destaca outros dois cenários nos quais o contato com os próprios pares de profissão se mantém útil na busca por fontes. Primeiramente, o aparecimento prévio de uma história em um veículo concorrente significa que um colega já julgou a “disponibilidade” e a “adequação” do acontecimento como uma ocorrência jornalística, eliminando assim a necessidade de uma decisão editorial por conta própria. Adicionalmente, nesta dinâmica de construção das notícias, nota-se que as relações cotidianas levadas à cabo pelos jornalistas – o contato com os pares e a própria relação com as fontes – são consequências das rotinas de trabalho dos profissionais do campo. Conforme explicita Gans (2004), a adequação das fontes disponíveis é determinada pelos jornalistas a partir de julgamentos baseados numa série de considerações direcionadas a um objetivo primordial das rotinas produtivas: a eficiência.

Os repórteres que dispõem apenas de um tempo escasso para recolher informações devem, por conseguinte, tentar obter as fontes mais adequadas a partir do menor número de possibilidades, mais rapidamente e facilmente, e com o menor esforço possível para o orçamento da organização. (Gans, 2004, p.128, tradução nossa).

Nesse sentido, segundo Wolf (2009), compreende-se o processo de seleção das notícias – ou de *gatekeeping*, subcampo das práticas jornalísticas que funciona como mecanismo de filtragem das ocorrências noticiosas – como decorrência direta e indireta dos níveis hierárquicos com poder de influência nas organizações do campo.

Para Robinson (1981, p.97), as decisões dos profissionais *gatekeepers* são tomadas menos a partir de avaliações individuais baseadas em concepções próprias de noticiabilidade do que em relação a um conjunto de valores mais amplos que incluem critérios organizacionais, tais como eficiência, rapidez e exatidão. Trata-se de fatores que, segundo Alsina (2009, p. 175), provocam a retroalimentação do sistema jornalístico – ou ainda, na acepção de Bourdieu (1997), um processo de homogeneização.

Essa constituição das influências cotidianas que recaem sobre as rotinas da atividade jornalística expõe também a interdependência entre os profissionais e a manutenção dos contatos com as fontes, uma vez que estão intrinsecamente atreladas aos processos de busca pela informação e de construção de angulações e de enquadramentos. Para Soley (1992, p. 25, tradução nossa), “embora os jornalistas talvez não façam buscas diretas para encontrar uma ‘citação certa’ [que se encaixe em sua pauta], se tornam tão dependentes de determinadas fontes que simplesmente não entram em contato com outras.”

Essa sistematização expõe a influência sobre a produção jornalística de atores externos às rotinas de trabalho do campo, seja de um ponto de vista organizacional (como o estabelecimento de parâmetros para o tratamento e a interpretação da informação) ou nas relações mercadológicas vinculadas às exigências dos financiadores e de outros grupos de influência. Toda essa cadeia processual leva em consideração normas ocupacionais, organizacionais e administrativas que, em elevado sentido, parecem ser mais fortes do que as preferências pessoais dos jornalistas.

Em estudo clássico conduzido nos Estados Unidos nos anos 1950, Breed (1960) já indicava uma série de fatores para o “controle social” exercido nas salas de redação, isto é, sistematizou-se um conjunto de regras profissionais implícitas partilhadas no interior do campo e que se sobrepunham as decisões individuais dos jornalistas: 1) a autoridade profissional explícita e a possibilidade de sanções diretas; 2) possíveis sentimentos de gratidão, compromisso ou estima pelos superiores; 3) a própria aspiração de mobilidade profissional; 4) a ausência de fidelidade a grupos de pressão (como sindicatos, por exemplo); 5) o prazer natural pelo trabalho (o sentimento de bem-estar atrelado à “solidariedade” profissional compartilhada com os demais jornalistas, ainda que estejam em funções superiores); e, finalmente, 6) a compreensão da ideia de “notícia” como uma espécie de “valor superior” a ser constantemente buscado (independentemente do local de trabalho, do horário ou da função exercida) (Breed, 1960, p.184-188).

Outro fator determinante apontado por Sigal (1974) no processo de construção das notícias é a localização social das fontes que, em certo sentido, podem ser restritas, a depender do espaço geográfico e social do jornalista. Segundo o autor, ao recorrer a uma metáfora química, os repórteres não são átomos que flutuam livremente em uma massa da humanidade. Todos ocupam lugares fixos, geográfica e socialmente, que limitam sua busca por notícias, fator que os coloca em condição de conseguir acesso a algumas fontes e não a outras. Sigal (1974, p.119, tradução nossa) argumenta que “os repórteres não podem testemunhar muitos eventos diretamente, pois são limitados em número e devem ir para locais com maior fluxo de informação” – circunstância que é ainda aprofundada em cenários de precarização das relações profissionais.

Diante desses constrangimentos organizacionais, identificar as fontes com rapidez e eficiência acaba por ser primordial. Não por acaso, enfatiza o autor, os jornalistas preferem fontes conhecidas às desconhecidas – e, quando não possuem conhecidos, criam relações com essa finalidade.

No campo da identidade social, por seu turno, Alcoff (2020, p.411) frisa que “a localização social de um/a falante tem impacto epistemicamente significativo nas afirmações desse/a falante e pode servir para autorizar ou desautorizar o discurso de alguém”. O foco da reflexão volta-se à “produção e à reprodução de discursos através dos quais meus próprios e outros seres são constituídos” (Alcoff, 2020, p. 428). Transportada para o campo da mídia, a premissa da autora é a de que a localização de um/a orador/a se faz também epistemologicamente saliente:

Somos coletivamente capturados/as em uma teia intrincada e delicada, na qual cada ação que eu tomo, discursiva ou não, desencadeia, interrompe ou mantém a tensão em muitas vertentes da teia em que outras pessoas também se movem. Quando falo por mim, estou construindo um eu possível, uma maneira de estar no mundo, e estou oferecendo isso, quer eu pretenda ou não, para os/as outros/as, como uma maneira possível de ser (Alcoff, 2020, p.426).

Em última instância, o debate endereça à abertura e ao fechamento de possibilidades de enunciação de agentes sociais no espaço público do jornalismo – ou, ainda além, à própria lógica do “lugar de fala” no escopo das fontes jornalísticas:

Tanto o estudo quanto a defesa dos/as oprimidos/as devem ser feitos principalmente pelos/as próprios/as oprimidos/as, e que devemos finalmente reconhecer que divergências sistemáticas a localização social entre os/as falantes e os/as falados/as terá um efeito significativo no conteúdo do que é dito. (Alcoff, 2020, p.412).

Em consonância com a discussão, Kischinhevsky e Chagas (2017, p.112) argumentam que “a mídia só poderia promover e garantir a diversidade e a pluralidade cultural e social se ela mesma for plural e diversificada”. Nesse sentido, pluralidade e diversidade, conforme criticam os autores, são tratados como valores ambicionados, mas geralmente são dados como sinônimos e abordados como conceitos auto-evidentes. As reflexões de Kischinhevsky e Chagas (2017) partem de um estudo exploratório conduzido em um corpus de 25 horas de programação da rádio BandNews FM, do Rio de Janeiro.

A pesquisa aponta que a distribuição quantitativa das fontes ao longo da programação revela as disparidades entre os grupos sociais nas disputas de sentido por determinadas temáticas: “A ausência de diversidade (...) corrobora a prevalência das fontes oficiais” (Kischinhevsky, Chagas, 2017, p.118). Ao todo, 223 fontes foram detectadas, sendo 55% delas oficiais, o que, segundo o estudo, denota a preferência dos veículos pelos agentes públicos enquanto fontes de notícia. Os autores complementam:

A limitada diversidade de atores acionados como fontes possibilita repensar as lógicas de produção noticiosa (...), lançando nova luz sobre os mecanismos por trás do estabelecimento de uma agenda pública de debates sociais e de mobilização da audiência. (Kischinhevsky; Chagas, 2017, p. 121).

O debate promovido por Kischinhevsky e Chagas (2017) também encontra sintonia com a reflexão sobre o estreitamento no espectro de vozes no jornalismo proporcionada por Soley (1992, p. 17, tradução nossa):

Grandes “nomes” são notícia não apenas porque tendem a saber mais do que os nomes menores, mas porque geralmente fazem o que interessa a mais pessoas. Assim, as fontes se tornam dignas de notícia à medida que exercem mais poder, funcionando como "causas de arranjos sociais" cada vez mais importantes.

Em sentido complementar, Veiga da Silva e Moraes (2019, p. 1) estabelecem uma crítica severa ao paradigma histórico da objetividade jornalística, denunciando o “ideário falacioso da neutralidade e impregnada por valores sociais dominantes”. Para as autoras, “as construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística” ajudam a ratificar “processos de transformação de diferenças em desigualdades, contribuindo para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo” (Veiga da Silva, Moraes, 2019, p.2). Além disso,

Refletindo em analogia sobre os impactos dos pressupostos moderno-iluministas, tanto na Ciência quanto no Jornalismo, percebe-se que estas ideologias para a produção do conhecimento são permeadas de valores políticos, econômicos e culturais hegemônicos legitimados pelo paradigma moderno e resultam na manutenção do status quo em ambas as instâncias (Veiga, Moraes, 2019, p.6).

Como alternativa, Veiga da Silva e Moraes (2019, p. 3) defendem uma “virada epistemológica em que a prática jornalística preveja a subjetividade como uma ferramenta para a descolonização dos conhecimentos do Jornalismo”, o que passa pela desconstrução dos processos tradicionais de seleção e de legitimação de fontes. A fim de inverter a lógica, as autoras sugerem que “a subjetividade alavancada ao patamar de relevância na prática jornalística pode contribuir com a valoração e melhor compreensão dos elementos subjetivos potentes para uma melhor leitura da realidade e encontro com as alteridades” (Veiga, Moraes, 2019, p.19).

No escopo do jornalismo esportivo, foco desta pesquisa, John (2014) identifica como a perspectiva de gênero possui influência no jogo de forças que resulta na visibilidade

mediática das fontes. A partir de um estudo baseado na cobertura dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Lance!* nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, a autora constata uma categorização binária em ambos os veículos, os quais atribuem papéis exclusivos – “valores e anti-valores” – aos atletas homens e às atletas mulheres:

A criatividade, a atividade e a violência tributados ao masculino; e a passividade, a receptividade e a não-violência ao feminino. Desta forma, perpetuam-se os valores de dominação e reforçam-se os estereótipos em torno do homem e da mulher. Esses modelos são reforçados e construídos desde a infância. (John 2014, p.500).

Segundo John (2014, p.507-508), os resultados do levantamento, com mais de 70% das fontes pertencentes ao sexo masculino, evidenciam que “mesmo em um evento esportivo em que a presença das mulheres está consolidada” e “cujos esportes nacionais estão praticamente em condições de igualdade na representatividade dos sexos nos jogos”, explicita um quadro de desigualdades no qual “a prática jornalística esportiva do país ainda está presa aos estereótipos de gênero”.

É neste contexto de desigualdades que Veiga da Silva e Moraes (2019, p. 17) enfatizam que a “negativa da subjetividade”, em nome de uma deontologia dominante que facilita a reprodução irrefletida de ideologias, também “contribui para o apagamento dessas zonas ativas nas criações simbólicas desempenhadas na prática profissional”.

Semelhantemente, Soley (1992, p. 3) sublinha a restrição de perspectivas que os chamados “*news shapers*” ou “*experts*” representam historicamente no âmbito do jornalismo. Trata-se de formadores de opinião que constituem “uma classe de elite” – um grupo muito homogêneo em termos geográficos, étnicos, de gênero, de classe e de formação intelectual – que acaba por fornecer interpretações para “grande parte das notícias nacionais e internacionais que vemos e lemos”.

Em suma, tal como frisam Kischinhevsky e Chagas (2017, p. 112), o que poderia ser entendido como “pluralidade de vozes” não garante a “diversidade entre elas”, pois “a maioria fala de um mesmo lugar”. Ademais, segundo Soley (1992, p. 19), o próprio processo legitimador de fontes intrínseco ao campo jornalístico conduz ao estreitamento do espectro de agentes validados como vozes ativas no espaço público: “à medida que a atenção da mídia aumenta, o status também aumenta, os indivíduos atraem mais atenção da mídia”. Constitui-se, portanto, uma dinâmica de homogeneização que, em última análise, também colabora para o oficialismo de versões.

1.3 Canais de informação e oficialização de fontes

Complementarmente ao exposto nos tópicos anteriores, compreende-se nesta pesquisa que, além da constatação histórica do estreitamento do espectro de vozes que limita a diversidade de perspectivas no espaço público a partir de um conjunto homogêneo de agentes sociais, outro fenômeno crucial a ser problematizado no estudo de fontes no jornalismo diz respeito ao oficialismo – ou, em outros termos, a valorização de perspectivas oficiais na cobertura jornalística cotidiana.

Em termos históricos, um dos principais estudos sobre o oficialismo das fontes no jornalismo foi realizado nos anos 1970 nos Estados Unidos pelo sociológico Leon Sigal (1974). O pesquisador foi pioneiro na investigação das fontes mobilizadas pelos jornalistas em um extenso levantamento longitudinal de duas décadas (1949-1969) – que inspira metodologicamente o presente trabalho – em jornais diários, no caso o *The New York Times* e o *The Washington Post*. A partir de um corpus de cerca de 3 mil notícias, Sigal (1974) procurou mapear a seleção de fontes, a “*expertise*” e a institucionalidade dos agentes sociais mobilizados para falar sobre um assunto e os canais pelos quais as informações desses agentes atingem a mídia.

Uma das principais constatações do sociológico estadunidense – verificação explicitada, inclusive, no próprio título de seu livro clássico, *Reporters and Officials* – foi a mudança no perfil das fontes utilizadas pelos dois principais periódicos estadunidenses ao longo do recorte longitudinal que culminou num processo histórico de oficialização dos pontos de vista presentes nas notícias. Numericamente, as autoridades ou agentes sociais vinculados ao governo dos Estados Unidos “representaram quase a metade de todas as fontes citadas na amostra de matérias da primeira página do *Times* e do *Post*” (Sigal, 1974, p.124, tradução nossa).

Em termos metodológicos, uma das principais contribuições da obra de Sigal (1974) é a proposição de uma tipologia para o estudo dos canais pelos quais as informações chegam aos jornalistas. A categorização do autor remete a três modalidades principais: os canais “de rotina”, os canais “informais” e os canais “corporativos”. Conceitualmente, os canais “de rotina” remetem a conferências e comunicados de imprensa, audiências e eventos oficiais. Já os canais “informais” dizem respeito a vazamentos, a procedimentos não-governamentais ou a reportagens de outras organizações de notícias. No caso da presente pesquisa, em sintonia com Jeronimo (2019), entende-se também as postagens em redes sociais na internet (manifestações evidentemente não mapeadas no estudo original) como típicas do canal informal. Por sua vez, os “canais corporativos” relacionam-se a entrevistas realizadas por iniciativa dos próprios

repórteres, bem como a eventos espontaneamente presenciados pelos jornalistas, além de pesquisas em bases de dados e de conclusões e análises oriundas das próprias redações.

No caso da pesquisa de Sigal (1974), constatou-se que as fontes de informação dominantes no jornalismo dos Estados Unidos são essencialmente governamentais e oriundas de canais de rotina: “independentemente da localização de suas redações e de suas editorias, os repórteres dependem principalmente dos canais de rotina para obter informações” (Sigal, 1974, p.125). O autor complementa:

A adesão aos canais de rotina permite que os jornalistas lidem com o mundo incerto do jornalismo. Os jornalistas se agrupam no entorno desses canais, cada um coletando praticamente as mesmas informações que suas colegas. As rotinas de coleta de notícias produzem ‘notícias certificadas’ – informações que parecem válidas na medida em que são de conhecimento comum entre jornalistas e suas fontes (Sigal, 1974, p.130, tradução nossa).

No terreno da cobertura esportiva em veículos online no interior de Mato Grosso do Sul, tema que dialoga diretamente com a presente pesquisa, Silva, Silva e Santos (2022) aplicaram as categorias de Sigal (1974) em um mapeamento de 698 notícias publicadas em 18 diferentes sites de notícias no decorrer de 2019. Entre as constatações da pesquisa, destacou-se que “um indicativo da desertificação do conteúdo midiático-esportivo no contexto sul-mato-grossense é a desigualdade de gênero e, nesse sentido, o pouco espaço dedicado às mulheres” (Silva, Silva, Santos, 2022, p. 14). Detalham os autores:

Por exemplo, com relação ao naipe das 69 modalidades esportivas, temos a hegemonia das práticas dos homens (77,04%) em detrimento das mulheres (4,59%), aparecendo com um pouco mais de frequência as modalidades mistas (18,36%). Além disso, também predominam os homens (53%) nas fontes mobilizadas, relegando as vozes femininas a 9% do total do espaço jornalístico. (Silva, Silva, Santos, 2022, p. 14).

No que tange à identificação dos canais de informação, contribuição direta da metodologia desenvolvida por Sigal (1974), os autores também verificaram, para além de um elevado volume de reprodução de conteúdos de veículos maiores por jornais locais, uma significativa recorrência à utilização de fontes oficiais acionadas por intermédio de canais de rotina:

Notamos, de acordo com estes achados da pesquisa, a tendência da prática jornalística analisada de recorrer ao oficialismo, pois opta por buscar fontes de rotina em conferências, comunicados de imprensa e audiências oficiais (...). Por conseguinte, a partir da baixa incidência dos canais corporativos e informais, apontamos a decorrência da pouca mobilização de entrevistas de iniciativa dos próprios repórteres, o raro trabalho jornalístico investigativo,

bem como a inexistência, no contexto local, de uma cultura esportiva contra-hegemônica de vazamentos e/ou procedimentos não governamentais que se contrapõem às instâncias de poder da localidade.

Nesse horizonte, as reflexões de Sigal (1974) sobre os mecanismos da prática jornalística que favorecem não apenas a homogeneização de perspectivas sobre determinado assunto (Bourdieu, 1997; Soley, 1992; Veiga da Silva, Moraes, 2019; Kischinhevsky, Chagas, 2017), mas também a valorização do oficialismo das fontes (Silva, Silva, Santos, 2022), serão fundamentais na análise dos agentes sociais legitimados para enunciar sobre e pelo futebol sul-mato-grossense nas páginas do jornal *Correio do Estado* ao longo de seis anos (2015-2020) – foco desta pesquisa. Ademais, a identificação de canais de informação também será pertinente para o desvelamento da operacionalização cotidiana desses mecanismos – tal como será desenvolvido no terceiro capítulo, destinado à análise propriamente dita.

Na sequência, o foco da dissertação recairá sobre a contextualização histórica do desenvolvimento do jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul (Capítulo 2), bem como do futebol profissional na região ao longo do século XX e do processo de decadência da modalidade frente ao contexto nacional a partir dos anos 1980, com a consolidação da crise na entrada do atual milênio (Capítulo 3).

2. O CORREIO DO ESTADO E O JORNALISMO ESPORTIVO EM MATO GROSSO DO SUL

O jornalismo esportivo de Mato Grosso do Sul, especialmente no âmbito do *Correio do Estado*, foco deste estudo, constitui um capítulo fundamental da história cultural e midiática da região. Contudo, ao longo dos anos, como será observado a seguir, o declínio do futebol profissional sul-mato-grossense e a ausência de protagonismo regional em outros esportes têm transformado profundamente esse cenário. O esvaziamento das arquibancadas, a perda de patrimônio dos clubes e a ausência de estrutura têm repercutido diretamente na imprensa, que observa, não raramente impassível, sua função reduzir-se à margem do interesse público. Neste capítulo, serão apresentados dados históricos e memórias sobre o jornalismo esportivo no território de Mato Grosso do Sul, bem como alguns apontamentos sobre a própria trajetória do jornal *Correio do Estado*, locus de investigação da dissertação.

2.1 Primórdios do jornalismo esportivo regional

A história da imprensa em Mato Grosso do Sul está entrelaçada com a expansão territorial, os processos de colonização e a formação das cidades na região. Embora o atual estado tenha sido institucionalmente criado em 1979 (Lei Complementar nº. 31, de 11 outubro de 1977, que definiu a divisão de Mato Grosso), a circulação de jornais na região remonta ao século XIX, principalmente em cidades fluviais, como Corumbá (Fernandes, 2017).

Por sua posição geográfica e importância como entreposto fluvial e ponto de contato com rotas comerciais paraguaias e bolivianas, Corumbá foi um dos primeiros centros urbanos da região a abrigar publicações periódicas. Registros apontam para o surgimento de jornais no fim do século XIX – exemplificados por títulos como *O Iniciador* (datado de 1877) – que atuaram como veículos locais de informação e de debate de ideias. Essas publicações surgiram em um contexto pós-Guerra do Paraguai que impulsionou o crescimento urbano e a necessidade de mídias escritas para comunicação entre elites, comerciantes e autoridades (Fernandes, Boiago, Soares, 2025).

Os periódicos corumbaenses, por vezes, assumiram papel central na vida política local, divulgando notícias da economia do pantanal, assuntos militares, anúncios comerciais e debates sobre infraestrutura e investimentos. Não por acaso, foram nesses veículos que apareceram as primeiras menções ao esporte na região, o que pode ser considerada uma prática predecessora do jornalismo esportivo sul-mato-grossense.

Até a década de 1920, as referências relacionadas ao esporte eram escassas nos periódicos locais. Um levantamento realizado na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, para as finalidades desta dissertação, indica que as primeiras menções diretas ao esporte, particularmente ao então *football*, naquele que seria o futuro território sul-mato-grossense, ocorreram apenas na porção final década de 1920. O primeiro registro identificado no banco de dados remete ao jornal corumbaense *Tribuna*, que em 31 de março de 1927 publicou uma carta relacionada a uma contenda entre o clube Corumbaense e uma suposta liga desportiva não identificada: “Abandone o Corumbaense de tão bellas tradições, esse meio que lhe não honra e torne aos seus penates, onde será recebido como um elemento prestigioso, cooperando assim, para se erguer o *football* entre nós” (Figura 3). No mesmo ano, são localizadas outras 24 ocorrências relacionadas ao esporte no veículo.

Tribuna
Diário da tarde, independente

Redação, administração e oficinas: Rua Antônio Maral, 6 - Telefone N.º 141
CORUMBA - MATO GROSSO - TERÇA-FEIRA, 31 DE ABRIL DE 1927

Redator-chefe: **EDUARDO L. FIDELIS**
N.º 5.363

A galinha empavonada
Ora citamos número da a caricatura, república...
Relatório
Temos sobre a nossa mesa de trabalho o bem conhecido Relatório apresentado à Câmara Municipal pelo Sr. Cel. Cyro...
CARTAS
Alvaro de Azeite, Presidente.
Quando me contaram que haviam sido indicados para o cargo de...
Despedida
Não poderei, necessariamente, acompanhar em sua viagem...
Viagem
Ora, amigos, já existem na cidade...
Yvira Alegria
Ora, amigos, já existem na cidade...
MOTORES FORD
PARA EMBARCAÇÕES
Equipamento BARKER
Uma instalação completa que convertirá seu Motor de um automóvel FORD em motor marítimo.
Garage Sport
A Garage Sport oferece os seus serviços ao público, para...
Esta na Hora!
A mais importante das lojas...
Casa Metran
A casa mais barata de Corumbá
Passo instalação de lâmpadas, de todas as cores, 11.000 o par...
Intendência Municipal
BALANÇO DOS MESES DE JANEIRO A 31 DE MARÇO DE 1927
RECEITA
DESPESA
CAIXA (resumo)

(Figura 1: Tribuna, 31 de março de 1927)

Já na divisa oposta do que seria o futuro estado, em Três Lagoas, às margens do Rio Paraná, são identificados registros ao menos desde a década de 1930 de menções à prática do

futebol. No acervo digital do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), identifica-se que o periódico *O Três Lagoas* publicou ao fim de fevereiro de 1935 uma referência a um jogo entre as equipes do Oriente F. C. e do Cruzeiro S. C. (Figura 4). Não foi possível identificar no acervo menções anteriores a esta.



(Figura 2: O Três Lagoas, Fevereiro de 1935)

Por seu turno, a vila que viria a ser a capital do estado – Campo Grande – teve seus primeiros jornais nos anos iniciais do século XX. O registro de maior circulação e relevância aponta para a fundação de *O Estado do Matto-Grosso* em 1913, considerado por pesquisadores locais como o primeiro jornal impresso na vila campo-grandense. Antes dele, havia pequenas iniciativas manuscritas e folhetos, mas *O Estado do Matto-Grosso* representou a transição para a imprensa tipográfica mais estruturada na localidade (Fernandes, 2017). Ao longo das primeiras décadas do século XX, Campo Grande passou a concentrar títulos de maior alcance e periódicos com maior durabilidade e impacto político, constituindo-se como um centro

hemerográfico regional. Não há, todavia, registros identificados de menções ao esporte antes da década de 1920 na cidade.

Com o transcorrer do século XX, o avanço econômico e a urbanização do sul do então estado uniu e impulsionou a criação de periódicos em outras localidades. Em Dourados, por exemplo, o jornal *O Progresso* merece destaque ao ser fundado em 1951, consolidando-se como um dos jornais impressos de maior tradição no interior. A circulação de jornais nessa região acompanhou o crescimento urbano e a expansão agropecuária que redefiniram padrões sociais e econômicos (Rocha, 2020).

Embora sejam identificadas menções esporádicas prévias à cobertura de esportes, pode-se inferir que o desenvolvimento propriamente dito da prática do jornalismo esportivo no território sul-mato-grossense ocorreu apenas na segunda metade do século XX, com a profissionalização da atividade e a fundação de empresas jornalísticas mais estruturadas, caso do *Correio do Estado*, em Campo Grande, que contribuiu para crescimento da cobertura na área de esportes.

2.2 *Correio do Estado*: histórico e fases evolutivas

Como destacado anteriormente, esta pesquisa volta-se à compreensão acerca do espaço destinado ao futebol profissional de Mato Grosso do Sul nas páginas do jornal *Correio do Estado*, mais especificamente entre os anos 2015 e 2020, a fim de mapear os agentes sociais legitimados a falar sobre e pelo futebol sul-mato-grossense ao longo deste período. Trata-se do veículo impresso mais antigo em circulação em Mato Grosso do Sul. Diário e com tiragens contínuas desde a década de 1950, o periódico se mantém ativo desde antes da separação e da emancipação político-administrativa entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, ocorrida em outubro de 1977.

O veículo já dedicou diversas páginas ao futebol local, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980, período em que Operário e Comercial, clubes de maior expressão do Estado, detinham prestígio e projeção esportiva no cenário nacional da modalidade. Fundado no dia 7 de fevereiro de 1954, o periódico completou 71 anos de existência em abril de 2025. Com um significativo acervo histórico preservado, o veículo constitui uma peça importante para compreender as mudanças e construções que moldaram e continuam a construir o imaginário social dos sul-mato-grossenses.

O período que antecede a fundação do *Correio do Estado* coincide com o fortalecimento da vocalização do discurso divisionista de Mato Grosso do Sul, já iniciado na década de 1930 (Amarilha, 2006), frente ao desenvolvimento econômico da porção meridional

do então estado unificado. Conforme explicita Bittar (1997, p.137), na década de 1940 Campo Grande possuía uma arrecadação tributária superior à da capital Cuiabá, era a cidade mais populosa do estado e já ocupava a posição de centro político e econômico do sul de Mato Grosso:

Seus laços com São Paulo estreitavam-se cada vez mais intensamente, quer pela abertura da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, quer pela ressonância dos movimentos político-militares a partir da década de [19]20. Sua vinculação a Cuiabá passa a ser mais administrativa enquanto as lideranças políticas do sul, a partir da experiência de 1932, começam a se projetar e a se organizar em termos da defesa dos interesses econômicos e políticos dessa porção do estado.

Desde a criação do *Correio do Estado*, na primeira metade da década de 1950, seu grupo dirigente teve como propósito principal dar cobertura à União Democrática Nacional (UDN), caracterizando-se, portanto, como uma folha oficial udenista. Seus mentores foram Fernando Corrêa da Costa, então governador, José Manuel Fontanillas Fragelli, o primeiro diretor-presidente do periódico, ex-senador, ex-deputado e ex-governador, e José Inácio da Costa Moraes, então o principal acionista do referido veículo de comunicação (Scwhengber, 2005, p.52).

Segundo Abreu (2002, p. 09-12, *apud* Scwhengber, 2005, p. 49), o debate político conduzido pelos partidos de maior penetração nacional – de um lado o PSD e PTB; de outro, a UDN – dominou o espaço de todos os jornais de grande circulação do período. No antigo sul de Mato Grosso, essa realidade se repetiu e teve como maiores expressões os jornais *O Progresso*, em Dourados, apoiador do PSD, e o udenista *Correio do Estado*, em Campo Grande (Scwhengber, 2005, p. 49). Conforme argumenta a autora, a UDN foi fundada por lideranças alijadas do poder no período estadonovista de Getúlio Vargas (1937-1945), reunindo principalmente grandes proprietários rurais e tornando-se a principal agremiação de direita do país, com ideias conservadoras, defensoras do liberalismo tradicional.

Nos anos 1950, cada partido tinha seus instrumentos de divulgação para propagar suas ideias e seus instrumentos de ação. O *Correio do Estado*, nesse cenário, representou uma grande força política para a UDN estadual, que tinha muitos partidários em Campo Grande. Desde o início, o jornal não escondeu suas intenções e anunciou que era produto e esforço das contribuições espontâneas de políticos e de militantes da UDN. Sua função, conforme aponta Scwhengber (2005), era defender bandeiras políticas, mas também anunciava que não seria um órgão estritamente partidário, mas que lutaria pelas “causas de interesse social”.

Sua primeira edição foi publicada num domingo em formato tabloide. A capa da edição, que contou com oito páginas, destacava o nome do jornal e apresentava as suas intenções. O editorial da edição inaugural dizia: “O *Correio do Estado* quer também fazer eco das reivindicações populares, das nossas classes trabalhadoras, médias e classes produtoras”, denotando o interesse do jornal em se tornar porta-voz das reivindicações da população daquele que já era, então, o mais importante município do sul de Mato Grosso (Scwhengber, 2005). Naquele ano, a realidade da grande imprensa nacional, estabelecida no eixo Rio-São Paulo, consistia num total de 13 matutinos e seis vespertinos, com uma tiragem total de 1.271.844 exemplares no então Distrito Federal, e 21 matutinos e seis vespertinos com circulação de 1.272.554 exemplares em São Paulo (Wainberg, 1997, p. 311).

O *Correio do Estado* nasceu com mais de duas mil edições diárias vespertinas, tabloide, com oito páginas, num momento histórico em que Campo Grande contava com 50 mil habitantes. Além dos fundadores, também participaram da primeira fase do jornal outros políticos, empresários e profissionais liberais ligados à UDN, entre eles Vespasiano Martins (ex-prefeito de Campo Grande e ex-senador), Laucídio Coelho (ex-senador), Laudelino Barcelos e Wilson Barbosa Martins (ex-prefeito de Campo Grande e ex-governador).



(Figura 3: Correio do Estado, 7 de Fevereiro de 1954)

A edição inaugural de oito páginas foi apresentada como um presente do jornal – que “iniciava a sua vida” – a seus leitores, já que no início estabeleceu-se como padrão edições diárias de apenas seis páginas, com exceção das edições dominicais que geralmente também apresentavam oito páginas – dado que a circulação foi inicialmente estabelecida de terça a domingo (Correa, 2018, p.30).

No campo esportivo, com menção à competição futebolística que viria a ser futuramente o Campeonato Sul-Mato-Grossense, a quarta edição do periódico já trouxe o início da coluna “*O que vai pelo esporte campo-grandense*”, posteriormente denominada “*Pelo Esporte*”, assinada por Dauto Santiago, redator com passagem anterior pelo *Jornal do Comércio*. A trajetória do jornalista pelo *Correio do Estado* seria marcada por idas e vindas, em certa medida, também, por conta de sua carreira política, considerando que o jornalismo do período, geralmente, era compreendido “como uma atividade intermediária que possibilitava a distinção necessária para ocupar um cargo na administração pública” (Teixeira, 2015, p.76).

No terreno político, visando o pleito eleitoral de outubro de 1954, o *Correio do Estado* chegou a fazer campanha favorável àquele a quem cabia a redação da seção esportiva do jornal: “Operários e Desportistas – Votem, para vereador, em – Dauto de Almeida Santiago – candidato da UDN”. Em outra oportunidade, em clichê com foto, Dauto Santiago seria apresentado como futuro representante dos gráficos e desportistas campo-grandenses na Câmara Municipal. (Correa, 2018, p. 39).

Com o decorrer dos anos, as colaborações dos familiares do redator esportivo também se tornaram frequentes. A primeira a figurar no periódico, já em 1958, foi a esposa D. Eneida, com a publicação de crônicas esporádicas, o que lhe rendeu a designação de “nossa colaboradora”, para além da promoção de excursões à sede do jornal com seus alunos, quando atuava na Escola Municipal Bernardo Franco Baís. Os “garotos”, filhos do casal, começaram a

figurar na publicação somente na década de 1960. O primeiro a ser referido foi o caçula Antônio João Hugo Rodrigues – futuro proprietário do veículo – que, com 15 anos, em 1962, chegou a assinar a coluna “*Notas Esportivas*” ou “*Resenhas Esportivas*” (Correa, 2018, p.92).

Também nos anos 1960, ocorreu a aproximação discursiva do *Correio do Estado* com os movimentos conservadores que apoiaram o golpe militar de 1964, entre eles a própria UDN (Gois, 2020). Naquele período, o medo do “avanço comunista”, a insegurança causada pelas manifestações e ocupações de propriedades rurais fizeram João Goulart, então presidente do país, enfrentar pressões de militares, da sociedade civil e de empresários. O cenário de “desordem”, de estagnação econômica e de alta inflação projetou no cenário nacional a imagem de Carlos Lacerda (UDN), governador do então estado da Guanabara, como a solução para os problemas políticos e sociais. O líder udenista passou a representar uma alternativa à situação de “agitação” e desordem considerada intolerável por segmentos da sociedade brasileira (Gois, p.94, 2020).

Na construção discursiva, a liderança de Carlos Lacerda foi, segundo Gois (2020), um argumento utilizado pelo *Correio do Estado* para defender seu posicionamento político. O udenista foi apresentado como alternativa para restabelecer a ordem no país. Além disso, era visto pelos grandes latifundiários como alguém que estaria apto para resolver a questão agrária. Com o alarmante “avanço do perigo comunista” difundido por grande parte da imprensa nacional, incluindo o *Correio do Estado*, Lacerda representava o combatente ao comunismo que ameaçava a democracia e o bem-estar da família brasileira (Gois, 2020, p.95).

A aproximação do presidente João Goulart com os partidos de esquerda no final do seu governo, quando ocorreu um acirramento político mais intenso, foi retratada pelo *Correio do Estado* como uma ameaça à democracia e às instituições brasileiras. O periódico, assim como outros de nível nacional, adotou um tom mais combativo, fomentando a campanha antijanguista e o apoio à ruptura institucional. À época, o comunismo era tratado pelo jornal como “mal nefasto” para a pátria. Toda essa construção simbólica formou um enredo no qual o jornal buscou contrapor os cidadãos: os “bons brasileiros” querem preservar a democracia brasileira enquanto os “maus brasileiros” querem “comunizar” o Brasil (Gois, 2020, p.96-97). Assim, seguindo uma tendência de boa parte da imprensa na época do golpe de 1964, o periódico campo-grandense foi favorável à instalação do regime militar autoritário. Além disso, como adverte Scwhengber (2005, p.55), a boa relação de seu então proprietário José Barbosa Rodrigues com os militares “rendeu a ele, em 1976, a concessão para a criação da *Rede Centro-Oeste de Rádio e Televisão*, quando o *Correio do Estado* deixou de ser apenas um jornal e passou a ser um grupo”.

Em termos empresariais, no fim da década de 1960, o rádio se tornou a nova prioridade do *Correio do Estado*, que adquiriu a emissora campo-grandense *Rádio Cultura*, inaugurada em 1949, e teve suas páginas tomadas por anúncios, propagandas, notícias e até mesmo colunas referentes à emissora, tornando-se o diário o seu maior propagandista. A nova parceria contava com um mote próprio: “*Correio do Estado e Rádio Cultura ZYX-4*, unidos para a grandeza de Mato Grosso”. O primeiro programa da emissora com referência no jornal impresso foi justamente uma atração esportiva, o *Coquetel Esportivo*, que era transmitido diariamente pelo radialista Batista Fernandes, contando com o slogan “Esporte é com a Rádio Cultura”, posteriormente reduzido para “Esporte é Cultura” (Correa, 2018, p. 225). As alterações na programação da emissora eram sempre reportadas pelo jornal que, por vezes, oferecia também as sinopses dos programas. Dentre os quadros esportivos iniciais, destacou-se, conforme aponta Correa (2018, p. 230-231), o anúncio “A verdadeira equipe esportiva batendo bola no seu receptor diariamente às 17:30 horas”, atração que contava com o comando do radialista esportivo Ramão Achucarro.

Nesse contexto, de acordo com Scwhengber (2005, p.53), o *Correio do Estado* permaneceu encampando embates, como na década de 1960, pela implantação de infraestrutura energética no sul de Mato Grosso. Isso tudo, todavia, em meio a um processo gradativo de modernização de sua estrutura:

O *Correio do Estado* só demonstrou, explicitamente, vinculação partidária enquanto serviu aos interesses da UDN. Depois que passou para a propriedade de José Barbosa Rodrigues, o periódico não abandonou seu caráter conservador de direita, mas começou a se tornar um pouco mais profissional e acompanhar as mudanças tecnológicas e de conteúdo que ocorreram na imprensa nacional.

Tais transformações também foram registradas pelo próprio jornal campo-grandense. Pioneiro dentre os periódicos do antigo sul de Mato Grosso e do já emancipado Mato Grosso do Sul, o *Correio do Estado* foi o primeiro veículo da região a implantar algumas tecnologias, a exemplo das máquinas que agilizaram o processo de impressão (Scwhengber, 2005). Em 1999, era um dos únicos veículos do país a imprimir todas as suas páginas coloridas.

De acordo com Scwhengber (2005, p.55),

O investimento em tecnologia foi uma tendência da grande imprensa brasileira a partir da década de 1950, que o *Correio do Estado* acompanhou. As inovações que se implantavam nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo logo chegavam ao periódico campo-grandense, que sempre teve o jornal paulista *O Estado de São Paulo* como seu paradigma. Sob o comando da família Rodrigues, as pautas do jornal sempre priorizaram os acontecimentos locais, entretanto, em

alinhamento com os assuntos de repercussão nacional que recebiam destaque nos grandes jornais, principalmente a economia e a política.

Nesse cenário, no final da década de 1970, o *Correio do Estado* passou por mudanças significativas em seu perfil editorial. As transformações são detalhadas por Correa (2018, p. 275-276):

De forma que paulatinamente, seriam suprimidos os editoriais e os textos assinados pelos proprietários. O surgimento e constante ocaso de quadros e colunas também deixaria de ser uma marca, passando, por outro lado, a delimitar-se uma relação de assunto/página. Desta maneira, mesmo antes de haver a definição de sessões ou cadernos por página, os assuntos seriam divididos em geral, da seguinte forma: 1ª página – vitrine dos destaques da edição, com chamadas e resumos das principais notícias; 2ª página – Policial e editoriais; 3ª, 5ª e 7ª páginas – assuntos de ordem política nas três esferas (municipal, estadual, nacional), matérias e textos assinados; 4ª página – destinada, majoritariamente, as publicações do *CE* como órgão oficial da Prefeitura, declarações, reclames e a Coluna Jurídica, uma das mais longevas do diário; 6ª página – entretenimento, lócus dos quadros Horóscopo, Sociais, Cruzadas, crônicas, programação de rádios, cinemas e TV, e, por vezes, curiosidades e notas culturais internacionais; 8ª e 9ª páginas – “Anúncios Populares”, sessão de classificados do *Correio do Estado*; última página – espaço destinado aos esportes, sobretudo ao futebol estadual. A edição de fim de semana registraria pequena alteração dado a publicação dos suplementos Literário e Feminino, respectivamente, nas páginas 6 e 7. No período de 1978 a 1980, seriam acrescentadas as colunas: “Previsão do tempo” – alocado na primeira página, junto ao cabeçalho (1978); “Esporte Amador” – iniciado por Dauto Santiago em prol do “esporte amadorístico”.

Naquele mesmo período, outra ocorrência de destaque que recebeu defesa nas páginas do *Correio do Estado* foi a divisão do então estado unificado de Mato Grosso em duas unidades da federação, fato que resultou na criação de Mato Grosso do Sul e na oficialização do poder de muitos políticos do sul. Segundo Scwhengber (2005, p. 56), “essa postura foi a forma encontrada pelo periódico para fazer sua aquela campanha que envolveu os segmentos sociais que buscavam tirar proveitos políticos e econômicos com a montagem do aparelho de estado”. Ademais, conforme a historiadora, o interesse da empresa era se transformar “no maior veículo de comunicação impresso de Mato Grosso do Sul”, estando totalmente “alinhado com o grupo político que sempre dominara na região, o que lhe renderia importantes investimentos governamentais em publicidade” (Scwhengber, 2005, p. 56).

Nos anos seguintes, diante do desenvolvimento econômico e do crescimento populacional do estado e, particularmente, da nova capital, o *Correio do Estado* passou a priorizar os interesses da vida citadina campo-grandense, que diante do cenário desenvolvimentista do período, voltava as atenções aos assuntos referentes à política estadual,

prioridade na ocasião, pautados por temas do cotidiano e do agronegócio (Scwhengber, 2005, p. 56).

A estruturação gráfica e a inovação empresarial trazida pelo *Correio do Estado* não apenas no cenário regional, mas no próprio contexto nacional daquele período, tornou-se um atrativo relevante para o fortalecimento da marca e a articulação com os setores da política regional nos anos finais do século XX, fatores que chamaram a atenção de seus leitores, tal como destaca Scwhengber (2005, p. 69):

O fato de ser colorido também passou a atrair mais publicidade, que se tornou 30% mais cara. Essa modernização foi necessária à imprensa de todo o país para criar o seu autossustento e caracterizou uma nova fase do jornalismo, em que o marketing tornou-se fundamental: o jornal, agora, se caracterizava como uma mercadoria que discursava sobre outras mercadorias.

Scwhengber (2005) enfatiza que a localização geográfica do veículo na cidade onde está localizado o comércio de maior expressão de Mato Grosso do Sul deu vantagens competitivas frente aos concorrentes de outras regiões do estado. Entre o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, a iniciativa privada representava a maior parte dos anunciantes – uma média de 80%. Naquele período, conforme a historiadora, o *Correio do Estado* circulava em 58 dos 79 municípios sul-mato-grossenses com tiragem de aproximadamente 20 mil exemplares diários, além de vendas com 48% nas bancas e 52% por assinatura. Apesar de boa tiragem e adesão fidelizada de seu público, no mesmo período, a venda avulsa superava a assinatura nos dias em que a manchete principal era de grande impacto na população (Scwhengber, 2005, p. 69-70).

Na virada do século, ainda segundo Scwhengber (2005, p. 70), o *Correio do Estado* apresentava uma estrutura e funcionamento de um grande jornal:

Conta com mais de 100 funcionários e correspondentes em Brasília (DF), quando apenas os periódicos de referência nacional contam com jornalistas na capital brasileira. Além da sucursal em Dourados, também conta com correspondentes nos municípios de Ponta Porã, Naviraí, Três Lagoas, Aquidauana e Corumbá. Seu formato é standart (48 cm X 76 cm) e impresso com uma média de 24 páginas e três cadernos: A (opinião, geral, política, economia, política), B (cultura), C (classificados), além do suplemento Rural, que é semanal. É o periódico que registra a maior circulação no estado dentre os demais existentes.

Já na primeira década dos anos 2000, conforme a pesquisa de Bassetto (2008), o *Correio do Estado* possuía tiragem de 17 mil exemplares por dia, 13 mil deles com circulação apenas para em Campo Grande. No quadro de funcionários, o jornal contava com uma média

de 35 profissionais em sua redação e nas sucursais – “a maioria jornalistas da era da informática, que não chegaram a conhecer a máquina de escrever para produzir seus textos” (Bassetto, 2008, p. 81-82). Silva (2014) sinaliza que apenas em 2011 o *Correio do Estado* passou a adotar estratégias características de uma redação integrada com o jornalismo digital com a contratação de repórteres e editores exclusivos para seu site. Além disso, realizou a reconfiguração da infraestrutura da redação, integrando as reuniões de pauta e o espaço físico.

Finalmente, em 2025, ano de finalização desta pesquisa, o veículo conta com um quadro de 90 funcionários (Campo Grande News, 2025a). O veículo integra um grupo homônimo que também administra as emissoras de rádio *Mega 94 FM* e *Rádio Hora*, além das empresas *Agium Soft*, *Portal de Imóveis Vem Pra Casa*, *Portal de Veículos Vip Marcas* e a produtora de vídeo *Macaw*. O grupo já contou, ainda, com a *TV Campo Grande* - posteriormente renomeada *SBT-MS*, afiliada ao *Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)* e a Fundação Barbosa Rodrigues. A distribuição do *Correio do Estado* abrange 24 dos 79 municípios de Mato Grosso Do Sul, com uma tiragem diária de 11 mil exemplares (Silva, 2025). O número de assinantes no estado é de 9 mil, segundo dados da empresa¹. De acordo com a pesquisa de Silva (2025, p. 75), trabalhavam em 2025 na redação do jornal um total de 16 jornalistas (um editor-chefe, três editores, três subeditores e nove repórteres), três estagiários, dois fotógrafos e um analista de marketing.

2.3 Memórias do jornalismo esportivo sul-mato-grossense

Descritos os primórdios da cobertura de esportes na imprensa sul-mato-grossense e a história do jornal *Correio do Estado*, ao qual este estudo se debruça, faz-se também pertinente compreender as dinâmicas esportivas e editoriais acerca do futebol regional entre as décadas de 1970 e o início dos anos 2000 sob a ótica de jornalistas que colaboraram para a construção noticiosa esportiva durante o período considerado áureo na cobertura dos clubes de Mato Grosso do Sul – tema que também será aprofundado no capítulo subsequente.

Desse modo, por meio de uma amostragem não-probabilística de conveniência (Lopes, 1999) e de entrevistas semiestruturadas (Duarte, 2009), realizadas entre novembro e dezembro de 2024, os jornalistas Marcelo Vicente Cância Soares e Mário Márcio da Rocha Cabreira relataram suas impressões e experiências profissionais no âmbito do futebol sul-mato-grossense. Complementarmente, buscou-se também ouvir as memórias e interpretações, em

¹ Disponível em: https://cdn.correiodoestado.com.br/upload/dn_arquivo/2022/11/midia-kit-regional-2022.pdf. Acesso em 26 set. 2025.

entrevista gravada em janeiro de 2025, do jornalista José Eduardo Miranda, que no período de realização desta dissertação exerce o cargo de editor-chefe do *Correio do Estado*, função ocupada há mais de uma década. Entende-se que, no escopo das finalidades da pesquisa, a seleção dos entrevistados, entre um rol mais amplo de profissionais consultados, cumpre o objetivo específico de construção de um quadro panorâmico sobre o jornalismo esportivo sul-mato-grossense no período.

2.3.1 Recordações do apogeu e do declínio

Repórter televisivo com décadas de atuação no estado e docente aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Marcelo Câncio corrobora as acepções de Helal e Gordon (2002) acerca da crise vivenciada pelo futebol nacional entre o fim da década de 1990 e o início dos anos 2000, sobretudo pelo aspecto mercadológico. Trata-se de fatores que, segundo ex-repórter, tornaram-se reflexo na linha editorial do próprio *Correio do Estado* com o decorrer dos anos. De acordo com o jornalista, a cobertura esportiva à época fazia-se mais presente não apenas nos gramados, mas nas páginas do jornal:

[...] Lembro-me de o *Correio do Estado* ter mais de uma página de esportes. Lembro-me que a *TV Morena* tinha um departamento de esporte, uma equipe só para fazer esporte. Muitas emissoras de rádio frequentavam o [estádio] Morenã, a *Rádio Educação Rural*, a *Rádio Capital*. Todas as rádios tinham um departamento de esporte. Lembro-me que as rádios eram muito presentes no Morenã (Câncio, 2024, entrevista pessoal).

No âmbito esportivo, para além de Operário e Comercial, o Clube Esportivo Nova Esperança (Cene) também foi lembrado pelo jornalista como destaque do período. Câncio (2024) recorda que a cobertura antes do início dos anos 2000 era significativamente maior do que a atual: “a impressão que eu tenho é que a cobertura naquela época do esporte era muito maior”. Para o jornalista, que migrou profissionalmente do Rio de Janeiro para Mato Grosso do Sul nos anos 1970, o desempenho esportivo dos clubes à época era basilar para que o esporte regional movimentasse o campo econômico ao redor dos estádios sul-mato-grossenses.

O futebol movimenta os vendedores ambulantes, vendem o escudo do time, essas coisas e isso movimenta a cidade também. (...) Tem toda uma movimentação em volta do estádio que proporciona uma economia que hoje não existe [em Mato Grosso do Sul]. São vários os fatores que um jogo de futebol influencia externamente. (Câncio, 2024, entrevista pessoal).

Tal qual um efeito cascata, a movimentação econômica percebida ao redor dos estádios, conforme a percepção de Câncio (2024), também é reflexo da falta de interesse

mercadológico por parte dos próprios veículos de comunicação. Desde 2021, a *TV Morena*, afiliada sul-mato-grossense da *Rede Globo*, decidiu pelas transmissões da Liga Terrão (Globo Esporte, 2025) em detrimento do Campeonato Sul-Mato-Grossense, que, em 2025, contou apenas com transmissão de sua fase final por meio do portal *Globo Esporte (GE)*.

Se tem projeção esportiva, obviamente que os veículos de mídia vão acompanhar. Se não tem, talvez esse abandono do esporte também aconteça por parte da mídia, não só mídia impressa, mas televisiva também, já que a *TV Morena* parou de transmitir os jogos. Eu acho que é uma coisa que está vinculada a outra (Câncio, 2024, entrevista pessoal).

Trabalhar no *Correio do Estado* era visto como um verdadeiro ápice para aqueles que frequentavam os bancos universitários, especialmente com interesse no jornalismo esportivo. Como recorda o servidor público Mário Márcio da Rocha Cabreira (2024), jornalista com experiência de décadas na cobertura de esportes no rádio e na televisão no contexto regional, “o sonho de quem se formava era atuar no *Correio do Estado*, era o principal veículo de cobertura esportiva, a voz do esporte era o *Correio do Estado*” (Cabreira, 2024, entrevista pessoal). Essa declaração evidencia o prestígio conquistado pelo periódico, que, além de registrar os eventos esportivos, funcionava como instância de consagração simbólica, capaz de transformar jogos em narrativas épicas e jogadores em heróis regionais.

O auge da cobertura esportiva coincidiu com os momentos de maior projeção do futebol sul-mato-grossense. O exemplo mais emblemático foi a campanha do Operário Futebol Clube no Campeonato Brasileiro de 1977, quando a equipe alcançou a semifinal da competição (ver Capítulo 3). Para Cabreira (2024), aquele episódio representou uma virada histórica, ainda que tenha se mostrado efêmera: “a década de 1980 já foi um pouco menos, mas o Operário foi semifinalista do Campeonato Brasileiro em 1977, acho que foi a grande e última cartada do futebol do Estado em nível nacional” (Cabreira, entrevista pessoal, 2024).

Na perspectiva do jornalista, apesar do destaque conquistado, o futebol regional não conseguiu se sustentar em patamares competitivos, sendo progressivamente excluído do calendário de maior visibilidade nacional. Esse declínio refletiu-se de forma direta no trabalho jornalístico. Se nas décadas de 1970 e 1980 a cobertura era intensa, diária e com amplo acesso, a partir das décadas seguintes o cenário se modificou, período que o ex-repórter relembra com nostalgia: “havia cobertura diária, inclusive a gente ia ao campo, não é como hoje que você não tem acesso, a gente tinha acesso integral” (Cabreira, entrevista pessoal).

A proximidade entre repórteres, atletas e dirigentes favorecia a produção de narrativas detalhadas e carregadas de emoção, o que também contribuía para aproximar o torcedor do

espetáculo esportivo. Contudo, à medida que o futebol local perdeu relevância, os jornais e emissoras reduziram gradativamente seus investimentos na editoria esportiva. O fenômeno, segundo Cabreira (2024), não ocorreu de maneira isolada, mas como reflexo da falta de projeção competitiva dos clubes: “a falta de projeção esportiva também reflete nos veículos, a cobertura foi enfraquecendo, e com isso a presença da mídia foi diminuindo” (Cabreira, 2024, entrevista pessoal). Tal círculo vicioso — menos desempenho, menor cobertura e menor interesse popular — consolidou o esvaziamento do futebol em Mato Grosso do Sul nas décadas iniciais do século XXI.

Um dos sinais mais evidentes desse processo pode ser percebido no comportamento das novas gerações de torcedores. A globalização midiática e a predominância de transmissões nacionais e internacionais deslocaram o interesse do público local. Como observa Cabreira (2024), “o público jovem sabe os nomes dos jogadores do Manchester City, mas não sabe o nome de um jogador local”. A fala do jornalista sintetiza uma problemática que vai além da falta de estrutura esportiva: trata-se de um deslocamento cultural, em que os ídolos e referências não são mais produzidos no ambiente regional, mas importados das grandes ligas europeias ou dos principais centros futebolísticos brasileiros (Moraes, 1998).

Nesse contexto, o jornalismo esportivo regional passou a enfrentar um dilema de sobrevivência. Se por um lado havia tradição e experiência acumulada, por outro, a ausência de produtos esportivos competitivos passou a inviabilizar a manutenção de um jornalismo especializado e profissionalizado. O resultado foi a redução do espaço dedicado ao futebol sul-mato-grossense ao mesmo tempo em que aumentava a cobertura de esportes nacionais e internacionais, mais rentáveis e atrativos para leitores e anunciantes.

O testemunho de Marcelo Cândia (2024) corrobora essa percepção. Ao longo de sua trajetória, o jornalista presenciou tanto os momentos de glória quanto a decadência dos clubes: “eu vi o Morenã lotado em finais de campeonato nos anos 80, depois vi jogos com 100, 200 pessoas, foi uma decadência muito grande” (Cândia, 2024, entrevista pessoal). A observação ilustra a transformação radical da cena esportiva regional: de um estádio vibrante, palco de rivalidades históricas que recebeu grandes equipes do futebol sul-americano, inclusive jogos oficiais da seleção brasileira, para um espaço esvaziado e sem capacidade de mobilizar a comunidade.

Esse processo de declínio não ocorreu apenas nas arquibancadas, mas também na estrutura administrativa dos clubes. Para Cândia (2024), houve uma perda significativa de patrimônio, resultado da má gestão e do acúmulo de dívidas: “os clubes foram perdendo patrimônio, o Operário tinha centro de treinamento, o Comercial treinava em Taveirópolis, e

tudo isso se perdeu por dívidas e má administração”. Tal deterioração institucional comprometeu não apenas o rendimento esportivo, mas também a sustentabilidade da cobertura jornalística, que depende de competições organizadas e atrativas para existir.

Por outro lado, a década de 1980 e parte da década de 1990 ainda marcaram um período de vitalidade do jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul. Como recorda Câncio (2024), naquele período “o *Correio do Estado* e o *Diário da Serra* tinham páginas de esporte, havia cobertura constante, fotógrafos, rádios presentes, o futebol movimentava a cidade”. A presença de profissionais especializados, de fotógrafos, repórteres e radialistas criava uma rede midiática intensa, que reforçava a centralidade do futebol no cotidiano urbano da capital.

No entanto, o afastamento dos torcedores dos estádios tornou-se inevitável à medida que o desempenho esportivo declinou. Para Câncio (2024), a recuperação ainda seria possível, desde que houvesse organização e profissionalização na condução dos clubes: “se um time daqui se organizar, como o Cuiabá fez, vai lotar estádio novamente, o torcedor gosta de futebol, mas precisa acreditar no time”. A interpretação do ex-repórter demonstra que a paixão pelo futebol não desapareceu, mas encontra-se adormecida, à espera de um projeto esportivo capaz de reacender o vínculo simbólico entre os clubes e a comunidade.

O início dos anos 2000 marcou um período de transição no jornalismo esportivo sul-mato-grossense. Ainda havia espaço significativo para a editoria de esportes, mas a vitalidade que caracterizou as décadas anteriores começou a dar sinais de esgotamento. O testemunho de José Eduardo Miranda (2025) é fundamental para compreender esse processo. Editor-chefe do *Correio do Estado* no período de desenvolvimento desta pesquisa, o jornalista trabalhou no veículo como repórter esportivo, além de ter sido editor da editoria de Cidades entre 2003 e 2014, período em que acompanhou tanto o auge da editoria esportiva quanto seu progressivo esvaziamento: “trabalhei no *Correio do Estado* entre 2003 e 2014, quando havia três a quatro páginas diárias de esporte, depois disso a editoria foi sendo reduzida” (Miranda, 2025, entrevista pessoal).

A observação de Miranda (2025) revela um duplo movimento. Por um lado, ainda havia estrutura, equipe e interesse do jornal em oferecer cobertura robusta. Por outro, a perda de relevância do futebol regional passou a limitar o alcance da editoria, fazendo-se cada vez mais difícil justificar investimentos em pautas regionais. A consequência foi um encolhimento gradativo, até que, em meados da década de 2010, o espaço dedicado ao esporte tornou-se residual.

Um dos episódios simbólicos dessa decadência, segundo Miranda (2025), foi a exclusão de Campo Grande como possível sede da Copa do Mundo de 2014. A derrota para

Cuiabá não apenas frustrou expectativas de investimentos, como também representou, para muitos, o fim definitivo das esperanças de revitalização do esporte regional. Em suas palavras, “o esporte em Mato Grosso do Sul morreu quando Campo Grande perdeu a chance de sediar a Copa do Mundo para Cuiabá, ali foi o enterro do esporte local” (Miranda, 2025, entrevista pessoal).

A declaração sintetiza uma percepção compartilhada por vários profissionais: o futebol estadual perdeu não apenas relevância esportiva, mas também simbolismo e capacidade de projetar o Mato Grosso do Sul no cenário nacional. A ausência de investimentos, de estádios modernizados e de clubes competitivos produziu um efeito dominó sobre o jornalismo esportivo, que deixou de encontrar no contexto local um campo fértil para a produção de reportagens e de narrativas jornalísticas mobilizadoras.

Os números da audiência digital reforçam esse diagnóstico. Enquanto matérias sobre o futebol brasileiro ou internacional alcançam milhares de acessos, o conteúdo sobre o campeonato sul-mato-grossense não desperta interesse. Como observa Miranda (2025), “uma matéria de campeonato estadual alcança 100 ou 200 leituras no máximo, enquanto matérias nacionais chegam a milhares, o apelo local é zero”. A comparação revela uma mudança estrutural no consumo da informação esportiva. O público, cada vez mais conectado às grandes competições, passou a ignorar o futebol local, que se tornou irrelevante tanto para os torcedores quanto para os anunciantes.

A crise de audiência, portanto, comprometeu o próprio modelo de negócio do jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul. Em termos práticos, a editoria deixou de justificar o investimento de tempo, profissionais e recursos. Miranda (2025) resume esse dilema ao reconhecer que “não adianta fazer jornalismo profissional em cima de um futebol amador, o que falta é estrutura, patrocínio, calendário e gestão profissionalizada”. A interpretação demonstra a consciência de que o jornalismo não existe no vazio: depende-se de um objeto de cobertura sólido e competitivo, que possa gerar interesse contínuo e sustentação econômica.

Esse esvaziamento do futebol regional também gerou uma transformação simbólica na forma como os jornalistas passaram a perceber o campeonato estadual. Em tom de ironia, Miranda (2025) afirma: “hoje, o futebol daqui é uma fazendona esportiva, cobrir um torneio de fazenda é praticamente a mesma coisa que cobrir o campeonato estadual”. A metáfora é dura, mas representa a realidade: um futebol sem calendário, sem atrativos e sem relevância, que se tornou objeto de cobertura esporádica e quase sem sentido dentro de uma lógica profissional de imprensa - tal como será debatido no próximo capítulo.

A experiência vivida por Miranda (2025) também permite observar como o encolhimento da editoria de esportes foi acompanhado de uma transformação profunda no ambiente das redações. Quando ingressou no *Correio do Estado*, o jornal ainda possuía uma estrutura sólida: “quando entrei no Correio do Estado, em 2003, a redação tinha cerca de 40 pessoas, era um jornal ainda forte e estruturado” (Miranda, 2025, entrevista pessoal). Esse ambiente com dezenas de jornalistas atuando diariamente, contrasta com o cenário posterior, em que as redações tornaram-se enxutas e a editoria de esportes perdeu peso no interior da hierarquia editorial.

Ainda antes de assumir cargos de maior responsabilidade hierárquica, o editor já percebia a fragilidade do futebol local, o que comprometia diretamente a força da editoria: “mesmo antes de virar editor, percebia que o esporte estava perdendo força. Faltava calendário e organização, era uma coisa amadora” (Miranda, 2025, entrevista pessoal). Tal percepção demonstra que o problema não estava apenas no jornalismo, mas sobretudo na falta de estrutura e planejamento do próprio futebol sul-mato-grossense, que não conseguia oferecer um produto competitivo a ser explorado pela imprensa.

Com a não realização da Copa do Mundo de 2014 em Campo Grande como sede e a ausência de times do estado em divisões nacionais mais fortes, a editoria esportiva passou a perder relevância aceleradamente. O próprio jornalista sintetiza: “depois de 2014, o esporte local deixou de ter apelo, a editoria encolheu porque não valia a pena dedicar gente e recursos a um futebol sem calendário” (Miranda, 2025, entrevista pessoal). A fala reforça o vínculo entre o desempenho esportivo e o jornalismo: sem futebol competitivo, a imprensa não encontra justificativa para investir em cobertura.

Outro aspecto relevante é a precariedade do calendário competitivo, especialmente no que se refere às divisões inferiores do futebol brasileiro. A participação dos clubes sul-mato-grossenses na Série D, por exemplo, é marcada pela falta de continuidade e previsibilidade. Como explica Miranda (2025): “a Série D é incipiente, não garante calendário, os jogadores terminam o campeonato estadual e ficam sem clube para o resto do ano”. Essa instabilidade, em suma, compromete não apenas a vida profissional dos atletas, mas também a capacidade do jornalismo de acompanhar o esporte de maneira consistente.

Diante desse cenário, Miranda (2025) passou a adotar uma postura irredutível ao orientar novos profissionais interessados em jornalismo esportivo com base em sua percepção de inviabilidade do setor esportivo na capital sul-mato-grossense: “cheguei a dizer a estudantes que se querem jornalismo esportivo profissional, saiam de Campo Grande, aqui não há cenário para isso” (Miranda, 2025, entrevista pessoal). Ainda que a postura seja impactante, conota o

grau de desencanto com a realidade local e a convicção de que apenas em centros maiores seria possível desenvolver uma carreira sólida na área.

Nesse cenário, a experiência do editor José Eduardo Miranda (2025) sintetiza a crise do jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul. De um início promissor, com páginas diárias e redações vibrantes, a editoria passou a um estado de fragilidade, quase irrelevante dentro do jornal. O processo, embora marcado por fatores internos da imprensa, foi sobretudo consequência do colapso do futebol regional, incapaz de gerar interesse, atrair torcedores e sustentar o trabalho jornalístico.

2.3.2. Estrutura das coberturas jornalísticas

O futebol sul-mato-grossense viveu, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, seu período de maior projeção. Os clubes locais, como Operário Futebol Clube e Esporte Clube Comercial, tornaram-se protagonistas de campanhas memoráveis, atraindo multidões para o Estádio Pedro Pedrossian, o popular Moreirão, e despertando o interesse de diferentes meios de comunicação. Esse contexto não apenas marcou a história esportiva do estado, mas também moldou a rotina do jornalismo, que se consolidou como elo entre a paixão do torcedor e a narrativa pública do esporte.

Pertencente à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o Moreirão, símbolo máximo desse período, tornou-se palco de grandes decisões, amistosos históricos e clássicos regionais que lotavam arquibancadas. Como relembra Mário Márcio Cabreira (2024), “o Moreirão era sempre cheio, um sinal de vitalidade do futebol sul-mato-grossense, hoje virou um deserto, um abandono”. A fala do jornalista reflete o contraste entre o passado glorioso e o presente de abandono, ressaltando como o estádio deixou de ser um espaço de encontro coletivo para tornar-se uma metáfora da decadência esportiva regional.

Nos anos de maior efervescência, a cobertura midiática era ampla e diversificada. Cabreira (2024) recorda: “havia programas de televisão diários, mesas-redondas aos sábados e segundas-feiras, a agenda esportiva era totalmente preenchida”. Essa programação constante garantia que o futebol estivesse sempre em evidência, ocupando espaço nas pautas e alimentando o interesse popular. A televisão desempenhava papel fundamental nesse processo, com transmissões locais e programas voltados exclusivamente ao esporte regional.

Marcelo Cândia (2024) também enfatiza a relevância da cobertura televisiva à época: “a televisão também tinha papel fundamental, a *TV Morena* [afiliada do *Grupo Globo*] possuía departamento de esportes e programas diários, cobrindo o futebol com constância” (Cândia, 2024, entrevista pessoal). Tal compromisso editorial demonstrava que o futebol local era visto

como produto relevante, capaz de atrair audiência e justificar investimentos. Entretanto, com o passar do tempo, as transmissões nacionais de clubes paulistas e cariocas passaram a ofuscar os jogos regionais. De acordo com Cândia (2024), “a televisão nacional passou a transmitir jogos de clubes paulistas e cariocas, afastando o torcedor dos estádios locais, muitos preferiram assistir Santos ou Corinthians na televisão do que ver o Operário no Morenã”. Esse deslocamento contribuiu, segundo o ex-repórter televisivo, para a perda de público nas arquibancadas e para o enfraquecimento do vínculo entre torcedores e clubes regionais.

Além da televisão, as rádios também tiveram papel decisivo na consolidação da cultura futebolística no estado. Nos anos 1980 e 1990, emissoras regionais como a *Rádio Educação Rural*, a *Rádio Capital* e outras mantinham departamentos de esportes dedicados à cobertura constante dos jogos, treinos e bastidores. O depoimento de Cândia (2024) reforça a ideia de que o futebol não era apenas um espetáculo dentro de campo, mas um fenômeno midiático capaz de mobilizar diferentes plataformas.

A vitalidade daquele período também pode ser observada na economia que girava ao redor dos estádios. O futebol movimentava comerciantes, ambulantes e prestadores de serviço, gerando impacto além dos gramados. Cândia (2024) rememora: “o futebol movimentava não só os torcedores, mas a economia ao redor dos estádios, ambulantes, transporte, vendedores de bandeiras e escudos”. Tal movimentação evidenciava que o esporte cumpria papel social e econômico, alimentando cadeias produtivas e fortalecendo laços comunitários.

Outro aspecto importante do período foi a credibilidade conquistada pelos clubes. Operário e Comercial, principais forças regionais, eram respeitados nacionalmente. Como destaca Cândia (2024), “nos anos 1980, o Operário e o Comercial eram respeitados, times grandes sabiam que jogar em Campo Grande era difícil”. Esse respeito se refletia não apenas em resultados dentro de campo, mas também na seriedade da cobertura jornalística, que retratava o futebol sul-mato-grossense como competitivo e desafiador para grandes equipes.

A credibilidade, entretanto, foi corroída com o passar dos anos. O processo de decadência foi marcado por administrações problemáticas, perda de patrimônio e sucessivos insucessos esportivos. Antes da derrocada, porém, houve momentos de intensa mobilização popular. Cândia (2024) recorda com nostalgia: “eu vi Operário e Ubiratan decidirem o estadual de 1988 com o Morenã lotado; anos depois, jogos com 200 pessoas mostravam a decadência”. O contraste revela o esvaziamento progressivo das arquibancadas e a perda da centralidade do futebol no cotidiano da população.

Naquele período áureo, o trabalho dos jornalistas também era marcado por um acesso muito mais amplo e direto às equipes. As barreiras institucionais que no futebol contemporâneo

limitam a proximidade entre imprensa e atletas praticamente não existiam. Como lembra Cabreira (2024), “havia cobertura diária, inclusive a gente ia ao campo, não é como hoje que você não tem acesso, a gente tinha acesso integral”. A proximidade permitia a construção de narrativas mais humanizadas a partir das quais os jornalistas conheciam de perto os jogadores, técnicos e dirigentes, aproximando o torcedor da intimidade dos clubes.

Outro ponto ressaltado por Cabreira (2024) diz respeito ao potencial multifuncional do Morenã, que passou a ser subutilizado: “o estádio poderia servir para outras funções além do futebol, como ciclismo, hotelaria e cultura, é um patrimônio cultural da cidade desperdiçado”. A opinião evidencia que, além da perda esportiva, houve também uma falha na gestão de equipamentos públicos que poderiam ter sido preservados como espaços de memória e de uso social.

A vitalidade do futebol sul-mato-grossense, portanto, não pode ser compreendida apenas pelos resultados dentro de campo, mas pela rede de relações midiáticas, econômicas e sociais que a modalidade mobilizava. Como observa o ex-repórter, o esporte era alimentado também por investimentos privados: “sem dinheiro não se faz futebol, naquele tempo havia empresários locais investindo, hoje eles desistiram por falta de retorno esportivo e midiático” (Cabreira, 2024, entrevista pessoal). A ausência desses investimentos no primeiro quarto do século XXI é reflexo direto da falta de atratividade do futebol regional, que perdeu sua capacidade de gerar retorno simbólico e financeiro.

2.3.3. Profissionais e convivência

O jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul presenciou, especialmente entre as décadas de 1970 e 1990, um período de intensa movimentação e de relevância, marcado pela presença de profissionais que consolidaram a memória coletiva do futebol regional e pelo vigor de uma imprensa que tratava o esporte como um eixo central de suas coberturas. Nesse cenário, o jornal *Correio do Estado* assumiu papel de protagonismo, tornando-se não apenas veículo de informação, mas também espaço de legitimação cultural, onde a trajetória do futebol sul-mato-grossense era acompanhada, registrada e narrada à sociedade.

O jornalista Mário Márcio Cabreira (2024) sintetiza esse espírito ao recordar que “o principal veículo de cobertura esportiva, a voz do esporte, era o *Correio do Estado*”. Para os jovens repórteres, integrar a redação significava alcançar o ápice da carreira profissional na região, em um ambiente que contava com estrutura robusta, apoio comercial e cobertura sistemática dos principais eventos esportivos do estado.

A esse respeito, o editor-chefe José Eduardo Miranda (2025) relembra ter ingressado em um período posterior ao auge dos clubes locais, o que permitiu vivenciar uma rotina de uma editoria esportiva com três a quatro páginas diárias, reflexo distante da centralidade do esporte na linha editorial do periódico. O espaço ocupado por esses jornalistas, no entanto, não se restringia ao papel de narradores e repórteres, visto que também se tornavam mediadores da cultura futebolística e da memória social. Nomes como Pedro Silva, Pereira Guedes, Lídio Portela, Arlindo Florentino, Jorge Franco, Gilson Jordano e Antônio Carlos Miranda marcaram época nos gramados e redações entre as décadas de 1970 e o início dos anos 2000, garantindo ao público informação diária e reforçando o vínculo da cidade com seus clubes.

Em consulta ao acervo do *Correio do Estado* para as finalidades desta dissertação, fez-se possível mapear, respectivamente, trabalhos de Arlindo Florentino e Jorge Franco. Para efeitos ilustrativos, as imagens a seguir são datadas de 14 de junho de 2004 e de 4 de março de 2002:

Segunda-feira, 14 de junho de 2004
esportes@correiadoestado.com.br

SALÃO | Heterossexistas começam hoje, pág. 10
LIGA MUNDIAL | Brasil vence Espanha, pág. 11
IRL | Kansas vence GP do Texas, pág. 12

Esportes

CORREIO DO ESTADO

Mais



Canorinho define os classificados
| Pág. 11
Participantes do Paulo Meneguetti e Concorista Marinho, de Dourados estão na 2ª fase que começa nesta-feira



Emoção na passagem da tocha pelo Rio
| Pág. 11
As equipes começaram com Póli, que não se contenta e foi às lágrimas ao iniciar o revezamento no Rio de Janeiro



Schumacher vence mais uma na F-1
| Pág. 11
Fórmula 1: o piloto alemão a vencer até agora em um país, no Canadá, Barrichello chegou em terceiro

BRASILEIRÃO 2004 – Equipe catarinense venceu o Juventude por 2 a 0 na rodada de ontem e se igualou em pontos com o São Paulo, mas tem dois gols a mais que o tricolor

Criciúma vence e mantém a liderança

Era Redação

Ao vencer o Juventude por 2 a 0, ontem à tarde, em Santa Catarina, o Criciúma assumiu a liderança do Campeonato Brasileiro. O autor do primeiro gol da Criciúma foi Rafael. Aos 25 minutos do primeiro tempo, ele aproveitou que a defesa do time gaúcho estava pedindo impedimento e chutou cruzado para marcar. No final do segundo tempo, Fábio Oliveira aproveitou uma falha do goleiro para aumentar a vantagem catarinense.

Agora, o time catarinense soma 18 pontos e está empatado com o São Paulo. Mas o Criciúma tem seis gols de saldo, contra quatro da equipe paulista.

O Ceará empatou com o Corinthians por 1 a 1, no Estádio Serra Dourada. Os gols não chegaram aos 12 pontos, enquanto os corinthianos foram aos nove. Foi a segunda partida corinthiana sob o comando de Tite. E sem vitória, Paulo Baier colocou o time da casa em vantagem aos 19 e Rogério empatou para o fim aos 24 minutos do segundo tempo.

Palmeiras e Vasco empataram por 2 a 2 no Parque Antártica, em São Paulo, em um jogo dos mais movimentados. Neri e Wagner Love marcaram para os alviverdes e Valdir e Polkinou fizeram os gols do time de São Januário.

O Figueirense venceu a

Páquer Love mais uma vez foi um dos destaques do Palmeiras e marcou sua marca no empate com o Vasco

de Santa Catarina. Na primeira partida sem o meia Alex, negociado com o futebol tunco, o Cruzeiro venceu o Paysandu por 1 a 0 na rodada de ontem, no Estádio Mineirão.

O único gol da partida foi

marcado por Martinez, com ramos de um minuto de bola rolando. O tricolor levou a equipe mineira aos 17 pontos, deixando o clube entre os vice-líderes.

O Flamengo ainda não havia vencido dentro do Cam-

peonato Brasileiro, mas sua primeira vitória acabou sendo goleada. Na primeira vitória de um time carioca no Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda, o Fla bateu o Atlético-PB por 3 a 0. Negreiros, Bion e Jean marcaram.

O Santos derrotou o Vitória por 2 a 1, no Estádio Bar-
radão, em Salvador. Chato e

Baúlio marcaram para o Peixe, enquanto Enilton diminuiu para os donos da casa. Já o

Coritiba venceu o São Carlos, em casa, por 1 a 0.

Campeonato Estadual entra na reta final

Artaldo Florentino

Faltando três rodadas para o seu término, o Campeonato Estadual de Futebol entra em sua reta final. Cene e Chapadão continuam na disputa para garantir a primeira colocação. As duas equipes estão com o mesmo número de pontos (19), mas o Cene ainda está em primeiro lugar, tendo pelas vitórias conquistadas (13 contra 12 do Chapadão) quanto pelo saldo de gols (45 contra 23).

Os três próximos compromissos serão decisivos para as

duas equipes. O Cene ainda terá pela frente Mundo Novo e Cosim, ambos fora de casa, e faz o último jogo em Campo Grande contra o Comercial. Já o Chapadão tem dois jogos em casa. No próximo domingo, enfrenta o Pantanal/Ladário.

Depois vir a Rio Brilhante, o Cene ainda está em primeiro lugar, tendo pelas vitórias conquistadas (13 contra 12 do Chapadão) quanto pelo saldo de gols (45 contra 23).

Na última sexta-feira, surgiu o comentário de que o Chapadão teria utilizado o

jogador Márcio Conrado Freire em condição irregular. Segundo dirigentes de Taverópolis, Comercial e Operário, o atleta estaria com dois contratos em vigência, um com o Chapadão e outro com o Caraburu, de Pernambuco. Os dirigentes do Chapadão negam o fato.

A situação virá ser esclarecida neste começo de semana, quando o Tribunal de Justiça confirmar se foi impropriado algum recurso neste sentido ou não. Caso a resposta seja negativa, a competição prosseguirá sem mais

res transtornos. A rodada que foi encerrada ontem, com a vitória do Mundo Novo sobre o Pantanal/Ladário por 3 a 2, em Corumbá, teve ainda os seguintes resultados: Taverópolis 1 x 1 Aguiá Negra, Comercial 1 x 1 Operário, Cene 2 x 1 Chapadão e Cosim 2 x 0 União.

Na próxima rodada, marcada para sábado, Comercial x Cosim. No domingo, o complemento será com Aguiá Negra x Operário, Mundo Novo x Cene, Chapadão x Pantanal e União x Taverópolis.

Brasileirão 2004 - Série A										
TIME	P	V	E	D	GP	GC	SG	%		
1º CRICÍUMA	18	6	3	1	17	11	6	66%		
2º SÃO PAULO	18	6	3	1	15	11	4	66%		
3º FULMINESE	17	6	2	2	12	7	5	62%		
4º INTERNACIONAL	17	6	2	2	11	6	5	62%		
5º CRUZEIRO	17	6	2	2	15	13	2	62%		
6º PERNAMBUCO	15	4	3	3	18	7	11	55%		
7º SÃO CARLOS	14	4	2	2	13	7	6	58%		
8º ALETO-PR	14	4	2	2	13	9	4	54%		
9º PONTA PRETA	14	4	2	2	8	9	-1	54%		
10º FLUMINENSE	14	4	3	5	10	8	2	54%		
11º VITÓRIA	13	4	1	4	19	12	7	48%		
12º GUARÁ	12	3	3	3	16	16	0	44%		
13º JUVENTUDE	11	3	3	3	11	8	3	45%		
14º PIRAMÁ	11	3	2	4	11	18	-7	46%		
15º SANTOS	10	3	1	5	13	18	-5	37%		
16º GRÊMIO	10	2	4	3	14	14	0	37%		
17º CORINTHA	10	2	4	3	6	8	-2	37%		
18º MACEIÓ	9	2	3	4	12	11	1	33%		
19º GUARANI	9	2	3	4	6	9	-3	33%		
20º CIENTISTAS	9	2	3	4	9	21	-12	33%		
21º ALETO-MG	9	1	6	2	12	15	-3	33%		
22º FLAMENGO	7	1	4	4	10	14	-4	25%		
23º BOTAFOGO	5	0	5	4	9	19	-10	18%		
24º POSITIVO	3	0	3	6	9	18	-9	11%		

PG = PONTOS GANHOS, J = JOGOS, V = VITÓRIAS, E = EMPATES, D = DERROTAS, GP = GOLS PRO, GC = GOLS CONTRA, SG = SALDO DE GOLS.

Tabela de classificação										
CAMPEONATO ESTADUAL 2004										
TIME	P	G	V	E	D	GP	GC	SG		
1º CENE	39	15	13	0	2	60	15	45		
2º CHAPADÃO	39	15	12	3	0	37	14	23		
3º DOURADOS	30	15	9	3	3	37	20	17		
4º COMERCIAL	21	15	6	3	6	24	23	1		
5º PANTANAL/LADÁRIO	18	15	5	5	5	22	18	4		
6º AGUIÁ NEGRA	17	15	4	5	6	22	33	-11		
7º MUNDO NOVO	17	15	4	5	6	16	22	-6		
8º PARANÁ	15	15	5	0	10	19	44	-25		
9º COSIM	7	15	1	4	10	15	30	-15		
10º UNIÃO	5	15	1	2	11	13	38	-25		

* PG = PONTOS GANHOS, J = JOGOS, V = VITÓRIAS, E = EMPATES, D = DERROTAS, GP = GOLS PRO, GC = GOLS CONTRA, SG = SALDO DE GOLS.

LOTECA CONCURSO Nº 117										
() Palmeiras	(K)	Vasco	()							
(X) São Paulo	()	Grêmio	()							
() Goiás	(X)	Corinthians	()							
(X) Flamengo	()	Atlético (PR)	()							
(X) Internacional	()	Atlético (MG)	()							
() Fluminense	(X)	Guarani	()							
(X) Coritiba	()	São Carlos	()							
() Santa Cruz	()	Náutico	(X)							
(X) Vila Nova	()	Botafogo	()							
(X) Criciúma	()	Juventude	()							
() Ponte Preta	()	Figueirense	(X)							
() Paraná	(X)	Botafogo	()							
(X) Cruzeiro	()	Paysandu	()							
() Vitória	()	Santos	(X)							

Zidane líquida com Inglaterra

Era Redação

Com dois gols de Zidane nos últimos minutos de jogo, a França conquistou uma vitória sobre a Inglaterra por 2 a 1 sobre a Inglaterra ontem, no primeiro clássico da Eurocopa 2004. A partida foi realizada no Estádio da Luz, em Lisboa.

Os ingleses haviam inaugurado o placar aos 38 minutos do primeiro tempo, com gol de

Lampard, e seriam o salvo da vitória até os 45 minutos da etapa final. Foi quando Zinedine Zidane mostrou por que acumula três troféus de melhor jogador do mundo.

No último minuto do tempo regulamentar, o meia cobrou falta com categoria e decidiu tudo igual. Já nos acréscimos, Henry foi derrubado na área e o árbitro marcou pênalti para a França. Zidane não des-

perdiu a chance e garantiu o triunfo para o time de Jacques Santini.

Com o resultado, a França assume a liderança do grupo 2 com três pontos ganhos, deixando para trás Cécilia e Suíça, que empataram no primeiro jogo do dia e possuem um ponto cada. Com os dois gols marcados ontem, Zidane já se destaca como o artilheiro da competição. No outro jogo da

rodada de ontem, Suíça e Cécilia não saíram de um empate sem gols, no estádio de Amstelveen, na cidade de Leiria.

A competição segue hoje com mais dois jogos. Dinamarca x Itália e Sérvia e Bulgária Portugal, que foi surpreendido na estreia, volta a jogar quarta-feira, contra a Rússia.

(Figura 5: Correio do Estado, 14 de junho de 2004)



(Figura 6: Correio do Estado, 4 de março de 2002)

A intensidade dessa cobertura também gerava um ambiente peculiar de convivência profissional. Diferentes veículos compartilhavam o mesmo espaço físico e simbólico, em uma dinâmica onde a concorrência se entrelaçava com a camaradagem. Cabreira (2024) rememora que “os diversos veículos se encontravam nas pautas”. Tal sobreposição de funções era perceptível não apenas nos campos de treino e estádios, mas também nos programas de rádio e televisão, que multiplicavam as mesas-redondas, debates e análises esportivas.

Nesse ambiente, as redações funcionavam como núcleos interconectados, nos quais jornalistas de diferentes empresas, apesar de competirem por furos e pautas exclusivas, compartilhavam o mesmo compromisso: acompanhar a vitalidade do futebol sul-matogrossense.

A televisão também cumpria papel central nessa rede. Segundo o ex-repórter televisivo Marcelo Cândia (2024), “a televisão tinha papel fundamental, a *TV Morena* possuía departamento de esportes e programas diários, cobrindo o futebol com constância”. Essa presença múltipla reforçava a ideia de uma verdadeira comunidade jornalística (Traquina, 2004), cuja força era impulsionada pelo prestígio dos clubes locais. Entretanto, a partir dos anos 1980, o cenário começou a se modificar. O afastamento das grandes competições e a criação de estruturas elitistas no futebol brasileiro reduziram drasticamente a projeção das equipes do estado.

Frente às entrevistas, é possível notar a trajetória de seus profissionais, a convivência solidária entre concorrentes e a intensidade da cobertura, que revelaram como a imprensa pode ser agente de construção de identidade coletiva. O jornalismo esportivo de Mato Grosso do Sul, especialmente através do *Correio do Estado*, constituiu um capítulo fundamental da história cultural e midiática da região. Contudo, ao longo dos anos, o declínio do futebol local transformou profundamente esse cenário. O esvaziamento das arquibancadas, a perda de patrimônio dos clubes e a ausência de estrutura repercutiram diretamente na imprensa, que viu sua função reduzir-se à margem do interesse público. Ainda assim, o testemunho dos jornalistas mostra que o passado de vitalidade pode servir como horizonte de reconstrução e relevância cultural-social.

3. ASCENSÃO E QUEDA DO FUTEBOL SUL-MATO-GROSSENSE

A história do futebol sul-mato-grossense de seu início até o cenário de decadência aprofundado na entrada do século XXI possui pontos de inflexão importantes. De acordo com Rafael (2017, p.10), “a bola rola na porção sul do Pantanal desde o início do século XX, quando Mato Grosso era um Estado uno”. O autor argumenta que é a partir da década de 1920, com o surgimento das ligas citadinas de Corumbá, Campo Grande, Miranda e Aquidauana, municípios localizados no atual território de Mato Grosso do Sul, que o futebol local começa a se desenvolver.

Em 1928 ocorreram os registros do primeiro campeonato em nível estadual, promovido pela então Federação Sportiva Matto-Grossense. O torneio reuniu vencedores de ligas amadoras, exceto Cuiabá, com ligas criadas posteriormente nas cidades de Maracaju, Ponta Porã, Bela Vista e Porto Murtinho. Anterior a este período, a cidade de Corumbá, na fronteira com a Bolívia, é quem acolheu os principais clubes amadores da região nos anos de 1910.

A cidade é apontada como uma das propulsoras do futebol na porção sul de Mato Grosso em virtude do porto pluvial da região, considerado um dos maiores da América Latina no período, “por onde desembarcavam as principais novidades vindas dos grandes centros econômicos nacionais e estrangeiros” (Rafael, 2017, p.10). Naquele período, o futebol regional era praticado pelos extintos clubes Sul América e Sete de Setembro, ambos fundados em 1910, além do Corumbaense, clube anfitrião fundado em 1914 que possui história centenária:

Os primeiros anos foram prolíficos para o futebol no sul de Mato Grosso. Havia times em praticamente todas as cidades sulistas. Entretanto, poucos sobreviveram até os dias atuais. Além do Corumbaense, são remanescentes o Operário (1938), e o Comercial (1943). (Rafael, 2017, p.10).

Segundo Araújo (1997, p.47), em 1932 nasceu oficialmente o futebol na “bela e convidativa cidade de Campo Grande, sul de Mato Grosso”. Naquele momento, o futebol sul-mato-grossense se estruturava a partir da criação da Liga Esportiva Municipal de Amadores (Lema), criada no dia 30 de agosto daquele ano.

Anteriormente a esse período, o futebol campo-grandense se desenvolveu de forma amadora em um espaço de chão batido nas dependências do Colégio Professor João Tessitore, instituição de padres salesianos, local posteriormente reconhecido como o Colégio Dom Bosco, localizado na Avenida Mato Grosso, na região central da futura capital. Anos mais tarde, a

Lema, passaria a ser reconhecida como a Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense (Lemc) e seguiria com esta denominação pelas próximas quatro décadas.

De acordo com Rafael (2017), em 1942 o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), firmado por meio do Decreto-lei nº 3.199, de 1941. Naquele período, a medida obrigava as capitais do país a sediarem as federações de futebol de seus respectivos estados. Com isso, a Liga Esportiva Cuiabana tornou-se a Federação Mato-Grossense de Futebol (FMT) e “aglutinou ligas e clubes de todo o Estado”. A lei criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), com o objetivo de “orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país” (Helal, Gordon, 2002, p.43). O CND era uma entidade governamental não identificada com os clubes e instituições de direito privado, sem finalidade lucrativas, com a missão de servir aos interesses políticos do governo. Assim, a criação do CND explicitou que o futebol era considerado uma atividade relevante e estratégica aos olhos dos dirigentes da nação.

Conforme destaca Rafael (2017, p.10), “não houve na prática efetiva integração entre os clubes da região norte e sul de Mato Grosso”. Isso ocorreu, pois “a lei não levava em conta a precariedade das estradas daquela época e as enormes distâncias entre as cidades”. Mesmo considerando que a porção norte do então território unificado de Mato Grosso era detentora do “monopólio” do futebol estadual até aquele período, a profissionalização do futebol cuiabano ocorreu apenas em 1967. A profissionalização do futebol em Campo Grande foi ainda mais tardia, em 1972 (Rafael, 2017, p. 10). Somente em 1979, porém, com a efetivação da divisão entre os dois estados, é que o futebol sul-mato-grossense finalmente pôde “se libertar das amarras nortistas e passou a caminhar com as próprias pernas”.

Diante do desenvolvimento local, ainda antes da cisão geopolítica entre os dois estados, o futebol campo-grandense deixou a fase amadora em 1972, com a profissionalização de Operário e Comercial. Naquele ano, as duas equipes jogaram uma seletiva para definir o representante campo-grandense no Campeonato Brasileiro de 1973, disputa vencida pelo Comercial. Ambos os clubes disputaram o Campeonato Mato-Grossense até 1978, uma vez que a separação entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul foi oficializada em 1979, ano da primeira edição do Campeonato Sul-Mato-Grossense.

De acordo com o levantamento de Rafael (2017), o primeiro torneio estadual contou com nove clubes e foi vencido pelo Operário: “naqueles tempos, embora houvesse um número razoável de clubes do interior na disputa, quem predominava eram os times da capital – mais especificamente Comercial e Operário, agremiações com melhor estrutura e que disputam as divisões superiores do Campeonato Brasileiro” (Rafael, 2017, p.11). À época, os clubes que

venciam os respectivos estaduais garantiam vagas em competições nacionais. Nos anos seguintes, o protagonismo nacional de Comercial e Operário foi quebrado pelo Corumbaense, em 1984, e pelo Ubiratan, em 1990.

O cenário caótico do principal esporte do Brasil naquele momento histórico fez com que a maioria dos clubes de menor expressão no contexto sul-mato-grossense, que até então participavam da elite, acabassem sugados, com o agravamento de suas dificuldades intrínsecas, para as divisões inferiores do futebol nacional (Rafael, 2017). Helal e Gordon (2002, p. 44) argumentam que “os agentes do mundo da bola naquele período não conseguiam ver claramente que ‘o país do futebol’ não é uma realidade natural, mas uma construção social que dependeu de uma conexão *ad hoc* do futebol com instâncias mais totalizantes da vida social”.

Frente a todas as dificuldades que permeavam a modalidade em nível estrutural, o futebol passou por sucessivas transições, circunstâncias nas quais dirigentes e cartolas começaram a compreender o desporto nacional em um espectro mais amplo e com perspectiva mercadológica. Para Helal e Gordon (2002, p.51):

À medida que se coloca a ênfase do futebol como um produto a ser consumido num mercado de entretenimento cada vez mais pulverizado e diversificado, sem um projeto que o articule a tais instâncias mais inclusivas, o que se consegue é esgarçar cada vez mais o vínculo estabelecido antes.

Até 1990 foram elaboradas duas leis gerais com a finalidade de regulação da organização dos esportes no país: o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, e a Lei nº 6.251, de 1975, regulamentada pelo Decreto-Lei nº 80.288, de 1977. Ambas foram estabelecidas durante regimes autoritários, centralizadores: a primeira sob a égide do Estado Novo varguista (1937-1946) e a segunda no cenário do regime militar (1964-1985), o que explica a forte interferência do Estado na organização de clubes, de federações e da própria CBF, bem como o impedimento à profissionalização dos dirigentes e nenhuma autonomia para que os clubes organizassem os campeonatos (Helal, Gordon, 2002, p.48).

Conforme explicitam Helal e Gordon (2002, p. 49), as mudanças propostas para solucionar os males do futebol buscaram reduzir cada vez mais a presença do Estado e facilitar a transformação dos clubes (ou de seus departamentos de futebol) em empresas que geram lucro: “hoje, alguns agentes do universo esportivo, ao contrário das décadas de [19]30 a [19]50, acreditam que o futebol não é uma questão de Estado, mas de mercado”. Os autores destacam que em diferentes momentos da história do esporte brasileiro os agentes do universo futebolístico não conseguiram identificar claramente que o “país do futebol” não constitui uma

realidade natural, mas uma construção social que depende de uma conexão com instâncias mais totalizantes da vida social.

O amadorismo, a desorganização e a corrupção, que envolviam e ainda envolvem recorrentemente o gerenciamento de clubes de futebol no Brasil, têm sido os principais pontos dos severos problemas das equipes desde o período tardio de profissionalização da modalidade, o que não se faz diferente no contexto regional de Mato Grosso do Sul. Conforme argumenta Hirata (2013), dada a clareza da “crise” atravessada pelo futebol brasileiro especialmente na década de 1980, o período pode ser caracterizado como a época de “crise do futebol nacional”, sobretudo a partir da relação entre as decadências técnica e econômica da modalidade e suas respectivas transformações, que indicam que mudanças passaram a ser necessárias.

3.1 Futebol sul-mato-grossense na elite nacional

Diante do conjunto de problemas que se associou ao Campeonato Brasileiro de seleções desde a primeira metade do século XX, a alternativa possível por parte da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi criar, em 1959, ano posterior ao primeiro título mundial da seleção nacional, uma competição dos clubes campeões estaduais, reconhecida como Taça Brasil.

A competição abrangia clubes de fora do eixo Rio-São Paulo e incorporava as agremiações de todas as regiões do país em um modelo de disputa eliminatória, com partidas de ida e volta em cada fase. De acordo com Sarmiento (2006, p. 107), “esse formato permitia que clubes e federações obtivessem bons resultados financeiros organizando os jogos em seus estádios e, ainda, que destinassem um percentual das rendas para a CBD”.

Também em 1959, a entidade retomou a disputa do Campeonato Brasileiro de juvenis, que deixou de ser conhecido como Taça João Lyra Filho e passou a ser chamado de Taça João Havelange, com intuito de implantar medidas que garantissem um calendário estável para o futebol e o fortalecimento financeiro de clubes e entidades representativas do esporte.

Segundo Sarmiento (2006, p.147), a partir de uma melhor definição do calendário das competições nacionais e estaduais, a então rebatizada Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1979, procurou também estabelecer um padrão que servisse para disciplinar o televisionamento das partidas. Na ocasião, a Confederação conseguiu “intermediar um acordo entre emissoras, federações e clubes, e estabelecer os valores que deveriam ser distribuídos entre clubes e jogadores, em conformidade com a legislação do chamado direito de arena”.

Em 1980, Giulite Coutinho, então presidente da CBF, fixou um número restrito de equipes envolvidas na competição. Inicialmente, foram fixadas três divisões na disputa do

campeonato nacional, representadas pelas taças de Ouro, Prata e Bronze. Naquele momento, apenas 40 equipes se encontravam envolvidas na disputa pela Taça de Ouro. Os clubes eram divididos em quatro módulos, que classificavam 32 equipes para a segunda fase da competição. A Taça de Prata, correspondente à segunda divisão, classificava quatro times que se juntavam aos 32 classificados da primeira divisão para a disputa da fase final do campeonato. No ano de estreia desse modelo de torneio, o Flamengo conquistou seu primeiro título nacional.

Entre 1973 e 1986, três clubes de Mato Grosso do Sul disputaram a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Como destacado, a vaga no torneio nacional era conquistada por meio de disputas regionais, que projetaram Operário, Comercial e Corumbaense à principal competição de clubes do país. O Comercial foi o representante local nas edições de 1973 e 1975, enquanto o Operário representou a região em 1974, 1976 e 1977 (Rafael, 2017). Ambos os clubes de Campo Grande competiram simultaneamente nas duas edições posteriores do certame. Cabe destacar que naquele período os clubes de Campo Grande integravam o então Campeonato Mato-Grossense, considerando que a divisão estadual se efetivou apenas no último ano da década de 1970.

Logo no ano de estreia, o Comercial ocupou a 26ª colocação geral no certame. Apesar da modesta posição no campeonato, o clube colorado conseguiu se impor contra alguns adversários de projeção nacional. Em Campo Grande, por exemplo, no dia 12 de setembro de 1973, mesmo com Pelé em campo, o clube local venceu o Santos no Estádio Moreirão, com um gol solitário de Gil. Naquele momento, o clube paulista já havia conquistado a Libertadores da América por duas vezes, em 1962 e 1963, além de ter sido cinco vezes campeão da Taça Brasil.

Em 1974, o Operário foi o representante regional na divisão de elite. Com o 17º lugar geral, o clube também derrotou o Santos naquela edição, além de equipes como o Guarani, América Mineiro, Fortaleza e Palmeiras. Nos dois anos seguintes, as equipes campo-grandenses tiveram campanhas modestas. Em 1975, o Comercial foi o 30º colocado geral, enquanto o Operário conquistou a 24ª posição em 1976.

O ano “dourado” para o futebol sul-mato-grossense foi o de 1977, ainda antes da oficialização da divisão do então estado unificado, com o Operário chegando às semifinais da competição nacional. Com vitórias sobre Juventude e Avaí na primeira fase, a equipe alvinegra derrotou o Fluminense na segunda fase, além de Palmeiras na rodada seguinte, e garantiu a vaga nas semifinais do torneio. Derrotado por 3 a 0 no Morumbi, o Operário venceu o São Paulo por 1 a 0 em Campo Grande, com gol de Tadeu Santos, placar insuficiente para avançar à decisão. Posteriormente, a equipe tricolor da capital paulista viria a sagrar-se campeã nacional diante do Atlético Mineiro.

Entre 1978 e 1979, Operário e Comercial participaram simultaneamente da competição, destaque para o 5º lugar do time alvinegro em 1979, além da 7ª posição em 1981. Ao todo foram 13 participações ininterruptas na elite nacional, sendo a última delas em 1986, conforme ilustra o levantamento a seguir:

Tabela 1 – Posição das equipes sul-mato-grossenses no campeonato nacional de futebol entre 1973 e 1986

Ano	Clube	Posição
1973	Comercial	26º
1974	Operário	17º
1975	Comercial	30º
1976	Operário	24º
1977	Operário	3º
1978	Operário	20º
	Comercial	48º
1979	Operário	5º
	Comercial	37º
1980	Operário	33º
1981	Operário	7º
1982	Operário	13º
1983	Comercial	23º
1984	Operário	13º
1985	Corumbaense	41º
1986	Comercial	33º
	Operário	38º

Fonte: Elaboração própria a partir de Rafael (2017).

Em consonância com Hirata (2013), Rafael (2017, p. 102) enfatiza o contexto turbulento do futebol no Brasil entre as décadas de 1980 e 1990, o que irrevogavelmente influenciou o agravamento do declínio da modalidade em Mato Grosso do Sul:

Entre o início da década de 1980 até meados dos anos 1990, o futebol brasileiro era uma balbúrdia só. As manchetes da imprensa especializada davam conta de manobras extracampo para beneficiar clubes da elite, torneios decididos no tapetão, mudanças de regulamento, incapacidade da CBF em organizar campeonatos e interferências políticas no esporte.

Todavia, o contexto vivenciado pelo futebol brasileiro nas décadas de 1980 e 1990 não era estanque. Em um vértice histórico, Helal e Gordon (2002, p. 37) argumentam que o futebol foi um elemento primordial na história do Brasil, sobretudo na transição entre uma sociedade

rural para uma sociedade urbana e industrial – cenário bastante peculiar na história recente da divisão de Mato Grosso do Sul e da consolidação de suas principais cidades. Com base em uma vasta revisão de literatura sobre o tema, os autores concluem que “o futebol no Brasil foi um poderoso mecanismo de integração social, de solidificação de uma identidade nacional, além de revelar certas características imaginadas da ‘alma brasileira’”.

Segundo Helal e Gordon (2002, p.44), no período caracterizado pelo avanço da primeira metade do século XX, futebol e nação passaram a se harmonizar por meio da mistura de suas diferenças. Para os autores, a transformação do futebol em “esporte nacional” se tornou produto de um processo histórico construído por agentes do universo cultural, político e esportivo, tendo como base uma forte presença do Estado e das ideias nacionalistas do período em questão.

A ideia de “modernizar” o futebol, nesse contexto, não significava apenas ultrapassar o elitismo que vigorou nas duas primeiras décadas do século passado, mas “associar o futebol a domínios mais inclusivos da realidade social brasileira: o Estado Nacional e o povo” (Helal e Gordon, 2002, p.44).

3.2 O Clube dos 13 e o declínio do futebol de Mato Grosso do Sul

O ano de 1987 se iniciou com a continuidade da segunda fase do Campeonato Brasileiro de 1986, período no qual a tabela da competição não foi divulgada na íntegra. Tal fato poderia apenas representar mais um sintoma de desorganização circunscrito no desejo de haver uma definição de um calendário nacional para o futebol brasileiro. Entretanto, conforme argumentam Giglio e Santos (2021, p. 57), “a suposta desorganização favorecia os ajustes que incluíam ou excluía clubs por diferentes motivos”. Naquele movimento, por exemplo, havia o interesse do Vasco da Gama que não conseguiu classificar-se entre os 28 times que passariam a disputar a 1ª Divisão em 1987, além de outros clubs que se projetavam nacionalmente.

Com o imbróglio levado à cabo nos âmbitos da Justiça Desportiva e da Justiça Comum, a Portuguesa (SP) conseguiu sua reintegração e os clubs mais estruturados, junto à CBF, decidiram aumentar as vagas para 32. Passaram a integrar a competição Joinville, Vasco da Gama, Santa Cruz, Náutico e Sobradinho. Somaram-se ainda à lista Vitória (BA), Ponte Preta, Central de Caruaru (PE), Sport Recife (PE), Nacional (AM), além dos sul-mato-grossenses Comercial e Operário. Coritiba e Botafogo também já haviam conseguido na Justiça o direito de participar do campeonato daquele ano (Giglio, Santos, 2021).

Porém, 1987 viria a representar um ponto de inflexão ainda mais fundamental para o esporte nacional. Naquele ano, por meio do presidente Otávio Pinto Guimarães, a CBF

reconheceu que não possuía recursos financeiros para arcar com os custos da realização do campeonato brasileiro de futebol (Hirata, 2013). Inconformados com a descrença e a desmobilização para a realização do Campeonato Brasileiro daquela temporada, Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos, os quatro grandes clubes do cenário paulista; Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo, protagonistas no Rio de Janeiro, além de Atlético e Cruzeiro, em Minas Gerais; Internacional e Grêmio, no Rio Grande do Sul; e Bahia (BA) fundaram em 11 de julho de 1987 uma liga de futebol denominada União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro, conhecida apenas como Clube dos 13 (Helal, 1997).

O presidente do São Paulo Futebol Clube, Carlos Miguel Aidar, foi o líder do movimento de contestação à CBF, eleito o primeiro presidente da entidade e principal responsável pela elaboração do estatuto do novo grupamento de clubes. Anteriormente ao movimento, a atuação política dos dirigentes dos times de futebol mostrava-se basicamente restrita à defesa dos interesses de seus próprios clubes. A fundação do Clube dos 13 criou um agente político que já surgiu com grande poder de barganha nos campos esportivo e midiático, uma vez que a entidade representava aproximadamente 90% dos torcedores do país e quase a totalidade dos títulos de campeonatos nacionais até o momento (Hirata, 2013).

As principais reivindicações dos maiores clubes do país eram: 1) a criação de divisões no futebol brasileiro; 2) a realização do campeonato brasileiro de 1987 com a participação das 13 equipes, jogando em turno e retorno; 3) a implantação, em 1988, das divisões A e B da competição com 16 clubes em cada divisão e jogos apenas nos finais de semana, além da participação de um número menor de clubes nos campeonatos regionais; 4) o envolvimento dos integrantes dos clubes no Conselho Arbitral da CBF; 5) a adoção de sistema proporcional de votos nas decisões; 6) a convocação dos jogadores pela CBF para a seleção brasileira de forma facultativa e não compulsória; e 7) a elaboração do calendário do ano seguinte.

O campeonato estava marcado para o segundo semestre de 1987 e a previsão era de participação de 24 clubes, mas diante das liminares apresentadas à Justiça, “28 clubes pleiteavam vaga na competição e a lista poderia aumentar caso todos conseguissem a autorização para figurar na primeira divisão do campeonato” (Giglio, Santos, 2021, p.58).

As ações judiciais vindas de todos os lados do país na busca por uma vaga no campeonato brasileiro, bem como a falta de posicionamento da CBF em garantir a realização do torneio, facilitou a aproximação de dirigentes descontentes com a entidade responsável por organizar o futebol no Brasil. Nesse sentido, nasceu a União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro. Segundo Giglio e Santos (2021, p. 62):

Além da aresta que teria que ser aparada em relação aos clubes que ficariam de fora do seleto rol dos “grandes clubes”, o efeito da criação do Clube dos 13 parecia surtir efeitos colaterais que incidiam diretamente na busca pelo poder e controle do futebol brasileiro gerando uma cisão interna na CBF.

Naquele período, o cenário indicava a prática recorrente de barganhas para entrar no campeonato nacional, na qual as equipes que não estavam na seleta lista e queriam integrar a competição buscavam se organizar e não aceitar a imposição do Clube dos 13 sobre quem poderia fazer parte do grupo (Giglio e Santos, 2021).

A estratégia de dividir a competição por módulos foi uma forma encontrada para não se falar em divisões, pois, diante de uma falta de critério para definir quem ficaria em qual lugar, optou-se por usar as cores de modo a não estruturar o futebol nacional em divisões. Por isso, a proposta da Federação Paulista de Futebol (FPF) fazia sentido ao misturar os módulos em um determinado momento do campeonato. Mesmo com o discurso oficial sobre a não existência de divisões no futebol brasileiro, no entanto, na prática o que acontecia era uma separação dos clubes em grupos hierárquicos. Os 13 clubes que lideravam o movimento queriam condições particulares para o módulo em que estariam e que se configuraria como o principal agrupamento (Giglio e Santos, 2021, p.68).

O estabelecimento de cores e a proposição do Clube dos 13 para que determinadas equipes ficassem em um módulo considerado principal causava problemas no cenário futebolístico brasileiro. A CBF, por sua vez, tentava politicamente evitar o inevitável diante da insatisfação de clubes que não pertenciam ao seleto grupo; isto é, uma vez considerado o módulo verde como o campeonato brasileiro da primeira divisão, seria inevitável a pressão de uma centena de clubes preteridos e de algumas federações (Giglio, Santos, 2021, p.75-76).

As promessas de antes tornaram-se os compromissos do futuro. Estava em curso a modernização conservadora do futebol brasileiro na qual os envolvidos assumiram “novas roupagens” na administração da modalidade (Giglio, Santos, 2021). A decisão do Clube dos 13 em não fazer acesso e descenso para o campeonato que organizava era a prova de que os clubes “grandes” haviam fechado um pacto interno para mantê-los em uma lógica segundo a qual eram, de fato, as equipes brasileiras mais importantes e, por isso, deveriam obter o monopólio da organização do futebol no país (Giglio, Santos, 2021, p.80).

Complementarmente, de acordo com Ouriques (1998), a constituição do esporte no Brasil perpassava sobretudo pela forma determinante com que o Estado concedia a sua organização e disciplina, além de se constituir como mercadoria de grande valor comercial. Nesse sentido, conforme argumenta o autor, o esporte passou a constituir-se como uma espécie

de “cimento social” que “possui como propulsor a coletivização massiva da cultura esportiva, e que se alimenta dos meios tecnológicos que se nutre dos grandes ídolos esportivos que ‘pela sua relação apaixonada e pouco racional com o público penetram facilmente no imaginário popular’” (Ouriques, 1998, p.34).

Por conseguinte, o esporte se converteu explicitamente em um meio de colaboração de classes, de ajuda, e de um bom humor social não visto em outros planos. As características passaram a sobressaltar as disputas políticas e a luta de classes, transformando-se em um “mecanismo de fortalecimento do estado e de glorificação da ordem estabelecida” (Ouriques, 1998, p.34).

No interior desse pressuposto de “neutralidade política”, o esporte pôde desenvolver-se de cima a baixo, assumindo o paradigma da “isenção”, clamando pela formação de uma hierarquia que tem a sua justificação mais notória na capacidade de competição dos mais fortes em detrimento dos mais fracos. Por seu turno, o esporte também teve ressaltada outra característica sua de importância capital: a função de integração (Ouriques, 1998, p. 33-34).

Ademais, o ambiente turbulento na organização do esporte brasileiro serviu de pano de fundo para que a imprensa, de tempos em tempos, rotulasse certos momentos críticos do futebol como períodos de crise (Hirata, 2013). Não por acaso, a década de 1980 talvez constitua a fase em que a semântica “crise” melhor tenha se ajustado.

A afirmativa deriva do panorama criado por inúmeras situações, tais como: 1) a ausência de títulos mundiais da seleção brasileira de futebol pós-1970; 2) o exponencial aumento da exportação dos craques do futebol; 3) o estado financeiro decadente dos clubes de futebol nacional; 4) a recorrente desorganização dos campeonatos nacionais, movidos por interesses políticos e deficitários; e 5) a diminuição da média de público nos estádios (Helal, 1997, p.41).

Helal e Gordon (2002) avalizam esta interpretação e a associam à conjuntura brasileira da época. Segundo os autores, a crise do futebol era causada por um conjunto de fatores, a saber:

- De ordem econômica: fracasso financeiro dos clubes, campeonatos deficitários, empobrecimento da população, tudo isso relacionado, de modo geral, ao fim do período do “milagre” econômico, ao adensamento da recessão no final dos anos 1970, à inflação, enfim, ao que os economistas passaram a denominar de “a década perdida da economia brasileira”.
- De ordem social: aumento da violência e da insegurança nos estádios.

- De ordem político-administrativa: a interferência do Estado, através de uma legislação esportiva que não dava autonomia aos clubes e federações; os interesses pessoais e políticos dos diretores das federações, da CBF e de alguns clubes; o paradoxo de haver dirigentes amadores administrando uma atividade cada vez mais profissional e comercial.
- De ordem técnica: a falta de grandes craques das décadas passadas (como Pelé, Garrincha etc.), associada ao êxodo dos melhores jogadores em atividade para o exterior, tendo em vista o empobrecimento dos clubes.

Tudo isso se refletia no progressivo afastamento dos torcedores dos estádios (Helal e Gordon, 2002, p. 46). Nesse contexto, o campo esportivo, especificamente o “subcampo do futebol”, demonstrava que apesar de sua relativa autonomia e de ser regido por algumas normas próprias, apresentava também uma interdependência de outros setores (Ouriques, 1998; Bourdieu, 1997).

Alguns acontecimentos podem ser considerados marcos daquele momento, tais como: 1) o movimento das “Diretas Já”, em 1984; 2) a eleição e posse de um presidente não militar, em 1985; e 3) especialmente, a promulgação da Constituição de 1988, a denominada Constituição Cidadã. Essa necessidade de democratização no Brasil também permeava o campo esportivo, uma vez que o esporte, naquela época, era regulamentado pela lei 6251/75, que foi promulgada durante a ditadura militar (Ouriques, 1998).

Além desse aspecto, Ouriques (1998) destaca que a implantação de uma mentalidade comercial na gestão dos clubes futebolísticos era uma necessidade imanente e esbarrava na legislação esportiva arcaica, que não permitia que os clubes auferissem lucros ou que os seus dirigentes fossem remunerados. Para Proni (1998, p. 215):

A crise fiscal do Estado (governos federal, estadual e municipal) e o advento da Nova República (1985) apontavam para o declínio da tutela estatal sobre o futebol e para a necessidade de uma organização mais autônoma do esporte profissional. A solução para os problemas vividos pelo futebol brasileiro - afirmava-se desde o início da década - passava por uma completa reestruturação das bases legais e institucionais nas quais ele se erguera. Era o momento de limpar o “entulho autoritário” e criar um novo ambiente jurídico, uma configuração institucional mais moderna, que permitissem aos clubes o salto para a “modernidade”.

No interior dessa linha de observação, os estudos anteriormente mencionados explicitam o momento difícil que o futebol brasileiro atravessava na década de 1980, o que se revela com propriedade na expressão “crise do futebol”, especialmente, quando se relaciona a

semântica “crise” à transformação, ou seja, a estrutura do futebol era criticada por seu arcaísmo e necessitava de reformas para sobreviver.

A atuação política dos dirigentes dos clubes de futebol que, até então era restrita à defesa dos interesses de seus próprios clubes, e a fundação do Clube dos 13 indicava esse caminho (Ouriques, 1998). O acordo inicial realizado pelo Clube dos 13 era válido por três anos. Além de equivalentes R\$ 45 milhões no primeiro ano, os clubes teriam participação em promoções, como nos concursos de prognósticos pelo telefone 0900, as transmissões pelo sistema *Pay-per-view* e o *Merchandising*. Essas promoções poderiam levar um volume equivalente de R\$ 80 milhões – cifra muito elevada para os padrões da época (Ouriques, 1998, p.59).

Ainda sobre a lógica econômica do esporte, Ouriques (1998, p. 86) frisa que a estruturação de mercado encampou uma hierarquia industrial, comercial e bancária que, no entanto, acabou refletindo o poderio econômico de cada equipe nas competições, lógica seguida pelo Clube dos 13: “Na luta entre o tradicional e o moderno no futebol brasileiro, a face modernizada encontra-se inacabada, na medida em que em seu nível administrativo quem comanda o espetáculo é a velha prática tradicional”.

Conforme argumenta Helal (1997), a introdução de publicidades nas camisas de times de futebol em 1983, o início das transmissões ao vivo dos jogos a partir de 1987, a contratação de gerentes profissionais nos departamentos de futebol e de alguns grandes clubes do país e a parceria com empresas foram algumas destas modificações que ocorreram com o intuito de solucionar os problemas vigentes no âmbito da organização da modalidade no país. Assim, em 1987, o surgimento do Clube dos 13 escancarou que o sistema de organização futebolística, baseado em uma ética dupla, estava à beira de colapsar (Helal 1997).

O cenário do futebol sul-mato-grossense, por sua vez, não passou incólume pelo contexto de transformações da modalidade no país. De acordo com Rafael (2017, p. 102), “até 1985, os clubes se hierarquizavam em um sistema semelhante de divisões, embora os critérios de ascenso e descenso mudassem frequentemente. Havia Taças de Ouro, Prata e Bronze, ou ainda Copa Brasil e Taça CBF” (Rafael, 2017, p.102). A fim de situar o futebol de Mato Grosso do Sul no interior da desorganização refletida nas competições da CBF, o autor hierarquizou as disputas dos times da região da seguinte maneira:

Para fins de compreensão e análise de dados estatísticos, considera-se que a Taça de Prata equivale à atual Série B; a Taça de Bronze à atual Série C; e assim por diante. O rebaixamento de divisões que conhecemos hoje foi instituído pela primeira vez em 1986. (Rafael, 2017, p.102).

Segundo Rafael (2017), diante de todo o imbróglio político e econômico que permeou as competições da CBF no período, os clubes de Mato Grosso do Sul acabaram na “banda pobre” do futebol brasileiro, fato que fez com que com as equipes passassem a disputar as divisões de acesso desde 1986. Apesar de atribuir parcela de culpa à desorganização estrutural da modalidade na época, o autor também destaca que a má gestão dos próprios clubes foi um fator determinante para que as equipes sul-mato-grossenses caminhassem para o “fim da fila”:

Não se pode dizer que a desorganização do futebol foi o único fator responsável pela decadência dos clubes menores. Má gestão, brigas políticas internas e falta de investimento privado contribuíram para o desgaste e a ruína dessas agremiações Brasil afora. As emoções de disputar um torneio de elite nacional restaram apenas na memória e nos corações das torcidas. (Rafael, 2017, p.102).

Entre 1980 e 1992, os clubes sul-mato-grossenses participaram da Série B, divisão de acesso do Campeonato Brasileiro, sendo quatro participações do Comercial – 1980, 1981, 1982 e 1984; cinco disputas realizadas pelo Operário – 1983, 1985, 1988, 1989 e 1992, além de três participações do Ubiratan – 1986, 1989 e 1991; e uma disputa por parte do Douradense, em 1989.

Tabela 2 – Posição das equipes sul-mato-grossenses na divisão de acesso do campeonato brasileiro de futebol entre 1980 e 1992

Ano	Clube	Posição
1980	Comercial	27°
1981	Comercial	4°
1982	Comercial	43°
1983	Operário	25°
1984	Comercial	6°
1985	Operário	4°
1986	Ubiratan	28°
1988	Operário	8°
1989	Operário	45°
	Douradense	70°
	Ubiratan	71°
1991	Ubiratan	63°
1992	Operário	29°

Fonte: Elaboração própria a partir de Rafael (2017).

Como ilustrado na tabela acima, as campanhas de maior destaque na divisão de acesso nacional entre os clubes sul-mato-grossenses foram em 1981 e 1984, períodos nos quais

Comercial e Operário chegaram respectivamente às semifinais do certame. Em 1981, o Comercial avançou à segunda fase após quatro empates contra São Paulo, Palmeiras, América-SP e Ferroviária, duas vitórias frente a Criciúma e Internacional-RS e apenas uma derrota diante do Novo Hamburgo (Rafael, 2017). Na fase seguinte, com uma vitória, dois empates e uma derrota, o clube chegou até as semifinais diante do Guarani, derrota por 2 a 1 na partida de ida e outro revés por 3 a 0 no jogo da volta. Do mesmo modo, em 1985, em sistema eliminatório, o Operário venceu os dois confrontos da primeira fase diante do Goiânia e eliminou o Americano-RJ após uma vitória e um empate na rodada seguinte. A eliminação ocorreu diante do Figueirense na terceira fase, vitória por 2 a 1 enquanto mandante e derrota por 3 a 0 como visitante (Rafael, 2017).

Diante da eclosão da nova organização política e econômica do futebol nacional, sobretudo a partir de 1987 com a instituição do Clube dos 13, mediante a incapacidade reconhecida por parte da CBF em organizar o Campeonato Brasileiro daquele ano, alguns clubes criaram a Copa União. A competição foi um acordo entre equipes e Confederação e recebeu quatro módulos – verde, amarelo, azul e branco, tal como defendido por algumas federações estaduais. Conforme explica Rafael (2017, p. 106), “os clubes ricos e tradicionais ocupariam os dois primeiros módulos, enquanto clubes menos expressivos seriam alistados nas chaves restantes. O sistema assemelhava-se a divisões, ainda que de maneira disfarçada”.

Cabe destacar que a proposta de criação da Taça de Bronze, competição equivalente à terceira divisão nacional, chegou às mãos do então presidente da CBF, Giulite Coutinho, ainda no segundo semestre de 1980. Na ocasião, o objetivo do dirigente máximo da CBF era manter em atividade as equipes que não haviam se classificado para a Taça de Ouro, caso dos clubes sul-mato-grossenses. Com seletivas estaduais, as duas primeiras fases do torneio eram disputadas em sistema eliminatório, com possibilidade de um terceiro jogo, em caso de igualdade nas duas primeiras partidas. Ao todo, competiam uma equipe de cada estado, exceto clubes do Rio de Janeiro e São Paulo, que contavam com duas vagas cada. Na fase decisiva, as seis equipes restantes disputavam o título por meio de dois triangulares finais, no qual as duas primeiras colocadas de cada grupo se classificavam para a decisão.

Em 1987, com a nova disposição de clubes, o Operário foi deslocado ao módulo branco, enquanto o Corumbaense disputou a competição nacional pelo módulo azul. Em ambas as fases, os adversários dos sul-mato-grossenses foram agrupados conforme a região em que se situavam, cabendo aos times de Mato Grosso do Sul rivalizarem contra times de Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e algumas equipes do interior de São Paulo (Rafael, 2017).

Na primeira fase da competição, o Operário foi derrotado na partida de estreia diante do Mixto, de Mato Grosso, por 2 a 1. Na sequência, o time sul-mato-grossense avançou após duas vitórias frente ao rival homônimo de Mato Grosso, e bateu o Sobradinho, do Distrito Federal por 4 a 0 (Rafael, 2017). Na rodada seguinte, o clube venceu os confrontos contra Sobradinho e Mixto. Na terceira fase, o clube de Mato Grosso do Sul foi o primeiro colocado da chave disputada em apenas um turno diante de Catuense-BA e novamente o Mixto, duas vitórias e dois empates (Rafael, 2017). No triangular final, os sul-mato-grossenses empataram contra o Botafogo-PB e venceram o Paysandu por 2 a 1, conquistando a terceira divisão do Campeonato Brasileiro com três pontos ganhos, ante dois pontos conquistados pelo clube paraense e um ponto ganho pelo clube paraibano. No dia 1º de fevereiro de 1988, o *Correio do Estado* noticiou assim a conquista do Galo:

O gol do título foi marcado aos 43 minutos do segundo tempo, quando Cido inteligentemente prendeu a bola e entrou na área. Na chegada do zagueiro adversário, o ponteiro alvinegro caiu, com o árbitro paulista Edvaldo Pereira da Silva marcando a penalidade máxima. Guina foi para a cobrança, tirando completamente o goleiro da jogada e marcando para o Galo. Depois da marcação do gol, o time o Payssandu partiu para o tumulto não restando outra alternativa para o árbitro a não ser encerrar a partida antes mesmo do tempo regulamentar esgotado (Correio do Estado, 1 de fevereiro de 1988, p.10).

Cabe destacar que por muitos anos, a terceira divisão foi considerada a última divisão nacional por parte da CBF, fato modificado apenas em 2009 a partir da reformulação organizacional do futebol brasileiro. Ao longo dos anos, os clubes sul-mato-grossenses participaram de 18 edições da competição, entretanto não repetiram o feito realizado pelo Operário no fim dos anos 1980.

Tabela 3 – Posição das equipes sul-mato-grossenses na terceira divisão do campeonato brasileiro de futebol entre 1981 e 2008

Ano	Clube	Campanha
1981	Corumbaense	1ª fase
1987	Operário	Campeão
1988	Comercial	2ª fase
	Douradense	2ª fase
	Ubiratan	1ª fase
1990	Ubiratan	1ª fase
1994	Operário	3ª fase
1995	Taveirópolis	1ª fase
1996	Operário	2ª fase
	Comercial	1ª fase

1997	Operário	2ª fase
1998	Comercial Ubiratan	2ª fase 1ª fase
1999	Operário	1ª fase
2000	Operário Comercial	2ª fase 1ª fase
2001	Cene Comercial	1ª fase 1ª fase
2002	Cene	2ª fase
2003	Comercial Taveirópolis Cene Operário Serc	2ª fase 1ª fase 3ª fase 1ª fase 3ª fase
2004	Serc Cene	1ª fase 2ª fase
2005	Operário Cene	1ª fase 1ª fase
2006	Serc Coxim	1ª fase 1ª fase
2007	Águia Negra Cene	2ª fase 1ª fase
2008	Operário Águia Negra	1ª fase 1ª fase

Fonte: Elaboração própria a partir de Rafael (2017).

Desde 2009, ano de sua criação, a série D, última divisão nacional tem sido o ponto de partida para os clubes de Mato Grosso do Sul. Até 2015, apenas o campeão estadual detinha a vaga garantida no certame (Rafael, 2017). Com a reformulação da competição em 2016, o rol de clubes participantes também se estendeu as equipes vice-campeãs de cada torneio regional das federações de menor expressão – caso da federação sul-mato-grossense.

Em 2009, primeiro ano de realização, a competição previa 40 equipes na disputa, entretanto apenas 39 clubes participaram do certame, uma vez que a federação acreana não enviou representantes. Campeão estadual da temporada, o Naviraiense foi o representante sul-mato-grossense na edição.

A primeira fase da competição foi composta por um grupo de três times, além de quatro grupos de quatro equipes que duelaram em sistema de turno e retorno, no qual apenas os dois melhores clubes de cada chave avançavam à rodada seguinte. Conforme o regulamento daquele

ano, os clubes classificados se enfrentariam em sistema de “mata-mata” em jogos de ida e volta já na segunda fase, restando assim apenas dez clubes no certame.

Também em sistema eliminatório, as equipes que compunham a terceira fase duelaram em duas partidas, avançaram as cinco equipes vencedoras de seus respectivos confrontos, além dos três clubes com melhor pontuação e saldo de gols. Os oito remanescentes se enfrentaram em jogos de ida e volta até a decisão da competição, vencida pelo São Raimundo-PA.

A competição foi remodelada novamente em 2011. Naquele ano, os 40 clubes participantes foram divididos em oito grupos de cinco equipes e agrupados regionalmente, com as duas melhores equipes de cada chave avançando a segunda fase.

Os 16 clubes restantes jogaram em sistema eliminatório em jogos de ida e volta, e os vencedores seguiram no certame. Na terceira fase os oito clubes remanescentes novamente jogaram em sistema eliminatório, com os vencedores avançando à fase seguinte. A disputa seguiu no sistema eliminatório até restarem os dois finalistas. Os semifinalistas obtiveram direito de acesso à terceira divisão em 2012, e a competição foi vencida pelo Tupi-MG.

Cinco anos mais tarde, em 2016, a CBF reformulou mais uma vez a competição. Naquele ano, o número de clubes participantes saltou de 40 para 68 equipes, fator que concedeu outra vaga aos sul-mato-grossenses, que ocupavam a 22ª colocação no ranking nacional de federações (RNF), critério que delimitava o número de equipes por federação. Conforme o § 1º do Art. 2º da competição, as vagas foram distribuídas da seguinte maneira:

§ 1º - As 64 vagas oriundas dos Campeonatos Estaduais estão assim distribuídas: a) 04 vagas: São Paulo b) 03 vagas: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco, Goiás e Bahia; c) 02 vagas: Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Paraíba, Distrito Federal, Amazonas, Sergipe, Acre, Piauí, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Tocantins, Amapá, Rondônia e Roraima (CBF, 2016).

Conforme o Art. 7º do regulamento referente àquela edição, (CBF, 2016), o campeonato foi disputado em seis fases distintas: na primeira fase os 68 clubes formaram 17 grupos de quatro clubes cada, nos quais se classificaram 32 clubes para a fase seguinte - os primeiros colocados de cada grupo e mais os 15 melhores segundos colocados. A partir de então, os clubes se enfrentaram em sistema de “mata-mata” até a decisão, vencida pelo Volta Redonda-RJ. Desde a remodelação, os clubes sul-mato-grossenses participam da competição de forma ininterrupta.

Em razão da pandemia de Covid-19, a competição de 2020 foi novamente remodelada pela CBF, com as disputas realizadas entre maio e setembro daquele ano. A edição contou com

uma mudança no regulamento e os clubes que desde 2016 eram agrupados em chaves de quatro equipes, passaram a ser divididos em grupos com oito times. Desse modo, o número de equipes participantes foi reduzido de 68 para 64 equipes.

Com a mudança, as equipes passaram a se enfrentar em jogos de turno e retorno, nos quais os quatro melhores times de cada grupo seguiam para a segunda etapa da competição. A partir deste momento, as 32 equipes remanescentes se enfrentaram em jogos eliminatórios em sistema de ida e volta até a decisão, vencida pelo Mirassol-SP.

Tabela 4 – Posição das equipes sul-mato-grossenses na série D do campeonato brasileiro de futebol entre 2009 e 2020

Ano	Clube	Campanha
2009	Naviraiense	1ª fase
2010	Cene	1ª fase
2011	Cene	1ª fase
2012	Cene	1ª fase
2013	Águia Negra	1ª fase
2014	Itaporã* ²	1ª fase
2015	Comercial	1ª fase
2016	Comercial	1ª fase
	Sete de Setembro	2ª fase
2017	Comercial	2ª fase
	Sete de Setembro	1ª fase
2018	Corumbaense	1ª fase
	Novo	2ª fase
2019	Operário	1ª fase
	Corumbaense	1ª fase
2020	Cene	1ª fase
	Comercial	1ª fase

Fonte: Elaboração própria a partir de Rafael (2017) e de informações da CBF.

3.3 Mato Grosso do Sul na Copa do Brasil e na Copa Verde

Com o desempenho esportivo em queda desde o fim dos anos 1980 e 1990, o futebol sul-mato-grossense se manteve sem grandes feitos na Copa do Brasil, competição disputada desde 1989, e na Copa Verde, torneio regional disputado desde 2014. Os clubes do Estado figuram na competição nacional desde seu início, entretanto sem grandes feitos esportivos.

^{2*} O clube abandonou a competição na sétima rodada do certame.

Apesar de participações ininterruptas desde então, as equipes locais avançaram poucas vezes de fase no certame na Copa do Brasil. Em 1994, o Comercial, então campeão estadual, chegou às quartas de final da competição. Na estreia, após dois empates em 0 a 0, o Colorado passou pelo Paysandu nos pênaltis. Já nas oitavas de final, o clube venceu o Kaburé-TO, ambas as vitórias foram pelo placar de 2 a 0. A campanha histórica até aquele momento foi barrada após o revés diante do Linhares-ES, derrota por 1 a 0 na partida de ida e apenas um empate em 1 a 1 no jogo de volta encerraram a campanha do clube campo-grandense (Rafael, 2017).

Inicialmente disputada por 32 clubes, a competição passou por algumas reformulações ao longo dos anos, tal qual o Campeonato Brasileiro. Em 1996, o número de clubes participantes passou de 32 para 40 times, primeira edição com representantes de todas as federações estaduais do país. A partir desta edição, os clubes visitantes, mais bem ranqueados por parte da CBF, passaram a eliminar o confronto de volta nas duas fases iniciais, caso vencessem seus adversários por uma diferença de ao menos dois gols de vantagem.

Em 2000, participaram do certame 69 clubes de 26 estados e Distrito Federal, sendo 68 equipes convidadas pela CBF, além do Gama, que conquistou a vaga judicialmente. Os clubes que participaram da Copa Libertadores de 2000 – Atlético Mineiro, Atlético Paranaense, Corinthians, Juventude e Palmeiras – adentraram na competição já nas oitavas de final. Entre 2001 e 2012, nova mudança. No período, os clubes que participaram da Copa Libertadores não disputaram o certame. Como o campeão da Copa do Brasil tinha vaga garantida na Copa Libertadores do ano seguinte, esta situação criou a impossibilidade de um mesmo clube vencer a Copa do Brasil por dois anos consecutivos.

A situação se alterou outra vez a partir de decisão tomada em 2011, quando a CBF confirmou o retorno da participação na Copa do Brasil dos clubes que disputavam a Copa Libertadores no mesmo ano. As equipes passaram a disputar os dois torneios a partir de 2013. Conforme o regulamento da competição, as vagas da edição passaram a ser definidas de acordo com o Ranking Nacional de Clubes (RNC). Na 21ª posição, Mato Grosso do Sul conquistou duas vagas no certame e disputou o torneio em 2013 com Naviraiense e Águia Negra. Conforme o regulamento da Copa do Brasil:

§ 3º - Os clubes oriundos dos certames estaduais deverão ter obtido classificação no seu campeonato estadual/Distrito Federal, respeitado o número de vagas de cada estado, com base no RNF, conforme se segue: 1) Estados com cinco vagas: os posicionados de 1 a 2 no RNF; 2) Estados com quatro vagas: os posicionados de 3 a 5 no RNF; 3) Estados com três vagas: os posicionados de 6 a 14 no RNF; 4) Estados com duas vagas: os posicionados de 15 a 22 no RNF; 5) Estados com uma vaga: os posicionados de 23 a 27 no RNF. (CBF, 2013).

Entre 2017 e 2020 a competição foi disputada por 91 equipes, onze destas já classificadas para as oitavas de final.

Tabela 5 – Posição das equipes sul-mato-grossenses de futebol na Copa do Brasil entre 1989 e 2020

Ano	Clube	Campanha
1989	Operário	1ª fase
1990	Operário	1ª fase
1991	Ubiratan	1ª fase
1992	Operário	1ª fase
1993	Operário	1ª fase
1994	Comercial	Quartas de Final
1995	Pontaporanense	1ª fase
1996	Operário	1ª fase
1997	Operário	1ª fase
1998	Operário	1ª fase
1999	Comercial	1ª fase
2000	Comercial	1ª fase
	Ubiratan	1ª fase
2001	Comercial	1ª fase
	Operário	1ª fase
2002	Cene	1ª fase
	Comercial	1ª fase
2003	Comercial	1ª fase
	Cene	1ª fase
2004	Serc	1ª fase
	Cene	2ª fase
2005	Cene	1ª fase
	Serc	1ª fase
2006	Operário	1ª fase
	Cene	2ª fase
2007	Serc	1ª fase
	Coxim	1ª fase
2008	Cene	1ª fase
	Águia Negra	1ª fase
2009	Misto	2ª fase
	Ivinhema	1ª fase
2010	Ivinhema	1ª fase
	Naviraiense	1ª fase
2011	Naviraiense	1ª fase

	Comercial	1ª fase
2012	Aquidauanense	1ª fase
	Cene	1ª fase
2013	Naviraiense	2ª fase
	Águia Negra	1ª fase
2014	Cene	1ª fase
	Naviraiense	1ª fase
2015	Cene	1ª fase
	Águia Negra	1ª fase
2016	Ivinhema	1ª fase
	Comercial	1ª fase
2017	Comercial	1ª fase
	Sete de Setembro	2ª fase
2018	Corumbaense	2ª fase
	Novo	1ª fase
2019	Operário	1ª fase
	Corumbaense	1ª fase
2020	Águia Negra	2ª fase
	Aquidauanense	1ª fase

Fonte: Elaboração própria a partir de Rafael (2017) e de informações da CBF.

Por seu turno, a Copa Verde, criada em 2014 para reunir clubes do Norte, Centro-Oeste, além de equipes do Espírito Santo, consiste em outra das competições na qual o desempenho dos times sul-mato-grossenses tem sido esportivamente insatisfatório. Conforme enfatiza Rafael (2017), vencer a competição passou a ser o caminho mais curto para conquistar uma vaga na Copa Sul-Americana, entretanto, após alterações realizadas por parte da Conmebol, o vencedor passou a receber uma vaga direta às oitavas de final da Copa do Brasil.

A primeira edição contou com 16 clubes: três vagas destinadas ao Pará, duas vagas para times de Amazonas, Distrito Federal e Mato Grosso. Os demais estados participantes – Acre, Amapá, Espírito Santo, Rondônia, Roraima, Tocantins e Mato Grosso do Sul – tiveram uma vaga. A quantidade de representantes foi definida pelo Ranking da CBF e os 16 participantes do torneio foram escolhidos a partir de seu desempenho nos campeonatos estaduais.

O Estado foi representado pelo extinto Centro Esportivo Nova Esperança (Cene) nas duas primeiras edições, pelo Comercial em 2016 e por Operário e Sete de Setembro em 2017, neste último caso com vaga extra conquistada após a desistência do Atlético Goianiense do certame (Rafael, 2017). Posteriormente, com a ampliação do número de vagas, Mato Grosso

do Sul teve a participação de Operário e Corumbaense em 2018, União ABC e Costa Rica em 2019, Águia Negra e Aquidauanense em 2020.

Tabela 6 – Posição das equipes sul-mato-grossenses de futebol na Copa Verde entre 2014 e 2020

Ano	Clube	Campanha
2014	Cene	1ª fase
2015	Cene	1ª fase
2016	Comercial	1ª fase
2017	Sete de Setembro Operário	Fase preliminar 1ª fase
2018	Corumbaense Operário	2ª fase 1ª fase
2019	União ABC Costa Rica	1ª fase 1ª fase
2020	Águia Negra Aquidauanense	2ª fase 1ª fase

Fonte: Elaboração própria a partir de informações da CBF.

3.4 Mato Grosso do Sul e as quedas no ranqueamento da CBF

Como forma de ilustrar o declínio do protagonismo dos clubes de Mato Grosso do Sul no contexto nacional no período que compreende o recorte empírico da pesquisa, toma-se como parâmetros adicionais o Ranking Nacional de Clubes (RNC) e o Ranking Nacional de Federações da CBF. De antemão, porém, faz-se necessário explicar como a entidade estruturava os clubes desde sua criação.

Desde sua fundação, a CBF utilizou-se do Ranking de Pontos do Campeonato Brasileiro para hierarquizar os clubes de maior importância do país. O sistema classificatório que consistia na simples soma do número de pontos obtidos pelos clubes do futebol na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, foi instituído pela entidade em 1971 e perdurou até 2003. A organização amadora, no entanto, não dava conta de algumas variáveis possíveis, como a mudança de pontuação ao longo dos anos, mantendo-se “fiel” às participações históricas de clubes no período em questão.

Em dezembro de 2003, tendo em conta as pontuações históricas entre Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil, a CBF instituiu oficialmente o primeiro ranking nacional de clubes. A atualização, válida para o ano de 2004, trouxe dois sul-mato-grossenses entre os 100 principais clubes do país, sendo o Operário 33º colocado, enquanto o Comercial ocupava a 85ª posição geral. A primeira versão detinha o Grêmio como líder geral.

O modelo de análise permaneceu inalterado até 2012, quando a entidade destacou que a organização de clubes, que até aquele momento levava em conta os resultados de competições nacionais desde 1959, frisou que as pontuações de clubes, já divulgadas anualmente, levariam em consideração apenas os cinco últimos anos esportivos, desconsiderando o levantamento histórico utilizado pela entidade até aquele período.

De acordo com a argumentação da CBF, a mudança na elaboração do ranking a partir de 2013 tinha objetivo de privilegiar os resultados mais recentes obtidos pelos clubes. Outra mudança estava na diferença de pontos atribuídos ao campeão, ao vice, e assim sucessivamente. No formato antigo, o primeiro colocado ganhava 60 pontos, só um a mais que o vice. Com o novo critério, o campeão brasileiro recebeu 800 pontos, contra 640 do vice e 600 do terceiro colocado. Foram atribuídos ainda pesos diferentes, de acordo com os anos da conquista de cada título.

De modo geral, o vice-campeão de cada divisão passou a receber sempre 80% dos pontos do campeão, o terceiro passou a receber 75%, o quarto 70%. Segundo informações da CBF, do quinto colocado em diante, cada posição passou a perder 1 ponto percentual em relação ao colocado imediatamente anterior. A pontuação máxima de cada série passou a representar o dobro da pontuação máxima da divisão inferior. Deste modo o quinto colocado passou a receber 69% dos pontos do campeão, reduzindo até 51%.

Os clubes que participam da Copa do Brasil passaram a ser pontuados de acordo com a fase alcançada: título (600), vice-campeão (480), semifinais (450), quartas-de-final (400) e oitavas-de-final (200). Clubes que alcançaram a 4.^a fase a partir de 2017 (3.^a fase até 2016) receberam 100 pontos. Participantes eliminados na 3.^a fase a partir de 2017 (2.^a fase até 2016) receberam 50 pontos. Eliminados da 2.^a fase a partir de 2017 (1.^a fase até 2016) receberam 25 pontos. Eliminados na 1.^a fase a partir de 2017 receberam 15 pontos. Pontuações conquistadas no ano vigente tem peso igual a 5, no ano anterior peso 4 e assim sucessivamente, considerando apenas participações nos últimos 5 anos.

Diante das alterações organizacionais por parte da CBF, é nítida a queda sul-mato-grossense no ranking de clubes e, conseqüentemente, no ranking de federações, uma vez que o desempenho esportivo dos clubes de cada estado angaria pontos para a federação correspondente.

A queda começou a se acentuar sobretudo a partir de 2012, haja vista a atualização realizada pela entidade. Em 2004, o Operário aparecia como melhor clube sul-mato-grossense no ranking de clubes, sendo o 33º colocado geral da lista. Em 2005, o clube ocupava a 36ª posição geral, e na sequência apareciam Comercial (88º), Corumbaense (140º), Ubiratan

(177°), Cene (178°), Serc (227°), Douradense (246°), Pontaporanense (264°), Taveirópolis (264°).

Tabela 7 – Posição dos clubes de futebol de Mato Grosso do Sul no Ranking Nacional de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol entre 2004 e 2020

Ano	Posição dos clubes
2004	Operário (33°), Comercial (85°)
2005	Operário (36°), Comercial (88°), Corumbaense (140°), Cene (178°), Ubiratan (177°), Serc (227°), Douradense (246°), Pontaporanense (264°), Taveirópolis (264°)
2006	Operário (36°), Comercial (89°), Corumbaense (139°), Cene (176°), Ubiratan (179°), Serc (227°), Douradense (250°), Pontaporanense (272°), Taveirópolis (272°), Coxim (317°)
2007	Operário (36°), Comercial (89°), Corumbaense (139°), Cene (176°), Ubiratan (176°), Serc (227°), Douradense (250°), Pontaporanense (272°), Taveirópolis (272°), Coxim (317°)
2008	Operário (37°), Comercial (90°), Corumbaense (141°), Cene (178°), Ubiratan (183°), Serc (224°), Douradense (255°), Coxim (278°), Pontaporanense (278°), Taveirópolis (278°)
2009	Operário (37°), Comercial (91°), Corumbaense (144°), Cene (178°), Ubiratan (183°), Serc (228°), Águia Negra (264°), Douradense (264°), Coxim (287°), Pontaporanense (287°), Taveirópolis (287°)
2010	-
2011	Operário (40°), Comercial (92°), Corumbaense (146°), Cene (182°), Ubiratan (192°), Serc (237°), Águia Negra (271°), Douradense (271°), Coxim (295°), Ivinhema (295°), Misto (295°), Pontaporanense (295°), Novoperário (295°), Taveirópolis (295°)
2012	Operário (40°), Comercial (93°), Corumbaense (149°), Cene (184°), Serc (239°), Naviraiense (276°), Águia Negra (276°), Douradense (276°), Coxim (302°), Ivinhema (302°), Pontaporanense (302°), Misto (302°), Taveirópolis (302°)
2013	Cene (74°), Naviraiense (111°), Ivinhema (155°), Aquidauanense (155°), Comercial (180°), Misto (180°), Águia Negra (192°), Operário (203°)
2014	Cene (85°), Naviraiense (97°), Águia Negra (124°), Aquidauanense (154°), Comercial (187°), Ivinhema (187°), Misto (206°)
2015	Cene (84°), Naviraiense (103°), Águia Negra (141°), Itaporã (152°), Aquidauanense (181°), Comercial (202°), Ivinhema (222°)
2016	Cene (101°), Águia Negra (122°), Comercial (133°), Naviraiense (136°), Itaporã (157°), Aquidauanense (191°)
2017	Comercial (103°), Cene (141°), Sete de Setembro (148°), Águia Negra (163°), Naviraiense (178°), Itaporã (182°), Ivinhema (189°), Aquidauanense (214°)

2018	Comercial (86°), Sete de Setembro (110°), Águia Negra (179°), Cene (182°), Itaporã (186°), Naviraiense (189°) Ivinhema (189°)
2019	Comercial (103°), Sete de Setembro (120°), Corumbaense (140°), Novoperário (147°), Ivinhema (200°), Cene (200°), Itaporã (209°), Águia Negra (214°), Naviraiense (218°)
2020	Corumbaense (95°), Comercial (127°), Operário (140°), Sete de Setembro (140°), Novoperário (156°), Ivinhema (216°), Cene (220°), Águia Negra (220°)

Fonte: Elaboração própria a partir de informações da CBF.

Atualizado simultaneamente ao ranking de clubes, o ranking de federações consiste em uma espécie de “reflexo” do desempenho de cada uma das 27 federações estaduais ao longo dos anos. Segundo informações da CBF, entre 2005 e 2020, a Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FFMS) declinou da 17ª para a 22ª posição entre as unidades federativas de todo o país. Cabe destacar que a condição esportiva das equipes é o que determina o posicionamento da federação na lista da CBF, ou seja, quão melhor o clube estiver esportivamente, melhor o posicionamento de sua respectiva federação. A condição também é determinante para a cessão de vagas em competições organizadas pela CBF.

De acordo com a entidade, a FFMS se manteve na 17ª colocação entre 2005 e 2006, sendo a 18ª colocada em 2007 e 19ª entre 2008 e 2012. A partir da reformulação realizada no ano em questão, a FFMS caiu automaticamente para a 21ª posição geral em 2013, onde se manteve até 2015. Entre 2016 e 2020, a FFMS se manteve na 22ª colocação geral entre as federações. Em 2024, a federação de Mato Grosso do Sul está posicionada na 24ª colocação, à frente apenas das federações de Rondônia e Amapá.

Tabela 8 – Posição da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul no Ranking Nacional de Federações da Confederação Brasileira de Futebol entre 2005 e 2020

Ano	Posição da FFMS
2005-2006	17°
2007	18°
2008-2012	19°
2013-2015	21°
2016-2020	22°

Fonte: Elaboração própria a partir de informações da CBF.

3.5 FFMS: gestão de um homem só

O período que compreende o recorte empírico deste estudo também coincide com a concentração da gestão do futebol profissional de Mato Grosso do Sul nas mãos de praticamente

um dirigente. Pernambucano de Ouricuri, Francisco Cezário de Oliveira tem sido o mandatário geral da FFMS desde 1998. Advogado, pedagogo e professor de Educação Física, o dirigente esportivo foi prefeito entre 1977 e 1993 do pequeno município de Rio Negro, localizado a cerca de 140 quilômetros da capital Campo Grande, além de ter tido outro mandato entre 2001 e 2004, período no qual se manteve afastado da federação (Rafael, 2017).

Alvo de críticas por parte de seus opositores, sua posição no cargo de mandatário geral quase nunca esteve ameaçada, isso porque pelas regras vigentes da FFMS, um candidato só concorre às eleições se registrar uma chapa com ao menos 10 clubes e três ligas municipais com direito a voto.

Reformado em 2015, o estatuto da FFMS extinguiu a possibilidade de reeleições ilimitadas, e Francisco Cezário se manteria no cargo até 2027. Entretanto, em maio de 2024, o presidente e outras 11 pessoas foram denunciadas pelo Ministério Público de Mato Grosso do Sul, todas suspeitas de desviarem R\$ 6 milhões da própria FFMS (Globo Esporte, 2024).

Conduzida pelo Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco), a investigação denominada “Cartão Vermelho” apontou Cezário como suspeito de crimes de peculato, furto qualificado, organização criminosa, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro. O relatório da investigação, com mais de 253 páginas, aponta o presidente afastado da FFMS como o chefe de um esquema para desviar recursos que eram destinados ao futebol estadual por meio da entidade.

De acordo com levantamento do Globo Esporte (2024), a investigação reuniu documentos coletados entre 2018 e 2023, além de interceptações telefônicas autorizadas pela Justiça e quebra do sigilo bancário dos suspeitos.

Francisco Cezário de Oliveira presidiu a Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul por aproximadamente 28 anos, período em que consolidou forte centralização administrativa. Sob sua gestão, a FFMS se manteve como referência de organização esportiva local, mas também acumulou críticas quanto à transparência na aplicação de recursos e à falta de renovação de lideranças.

A deflagração da Operação Cartão Vermelho, em 2023, marcou o ponto de ruptura desse ciclo. Segundo o Ministério Público, a federação teria sido utilizada como instrumento para desvio de recursos federais e estaduais que deveriam ser destinados ao fortalecimento do futebol regional. A investigação apontou que mais de R\$ 6 milhões foram desviados por meio de saques fracionados e outras práticas ilícitas, havendo indícios de que o montante total poderia alcançar R\$ 10 milhões.

Após ser preso preventivamente, obteve *habeas corpus* e passou a responder em liberdade, sob uso de tornozeleira eletrônica e proibido de manter contato com a FFMS. No entanto, novas denúncias indicaram que, mesmo afastado, o ex-dirigente continuava articulando reuniões políticas em sua própria residência, numa espécie de “federação paralela”. Tal conduta levou à sua segunda prisão em agosto de 2024, reforçando o caráter sistêmico das irregularidades e a necessidade de intervenção institucional.

Nesse cenário de instabilidade, coube ao ex-presidente do Operário, Estevão Petrallás, inicialmente nomeado interventor pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), conduzir a transição institucional da FFMS. Posteriormente, em um processo eleitoral inédito pela pluralidade de candidatos, Petrallás foi eleito presidente até 2027, consolidando um novo ciclo administrativo.

Petrallás assumiu sob circunstâncias adversas: havia resistência de grupos ligados ao ex-presidente, tentativas de manipulação do processo eleitoral e uma federação enfraquecida institucionalmente. Em abril de 2025, pela primeira vez em quase três décadas, o pleito contou com seis chapas inscritas, demonstrando abertura política e pluralidade de propostas. O colégio eleitoral, composto por clubes e ligas regionais, refletiu maior participação da comunidade esportiva, em contraste com a centralização que vigorara na era Cezário.

O resultado consagrou Estevão Petrallás como presidente, com 48 dos 51 votos possíveis, o que lhe conferiu legitimidade expressiva. O mandato estabelecido vai até 2027, com remuneração mensal de R\$ 215 mil, custeada pela CBF. O novo presidente defendeu a importância da reconstrução institucional, destacando a necessidade de transparência administrativa, investimentos nas categorias de base e modernização da estrutura esportiva do estado.

Após sua eleição, Petrallás buscou alinhar discurso e prática, adotando medidas simbólicas e estruturais. Uma das principais pautas foi a discussão sobre a reabertura parcial do estádio Moreirão, em Campo Grande, fechado há anos devido a problemas estruturais. Em diálogo com autoridades locais e com a própria CBF, o dirigente defendeu reformas pontuais para viabilizar o retorno gradual de jogos oficiais, medida que impactaria diretamente na valorização do futebol estadual (Campo Grande News, 2025b).

Outro eixo de atuação foi o fortalecimento das categorias de base. Em visita a projetos sociais e clubes formativos, reafirmou o compromisso de que a federação apoiará iniciativas que vão “além das quatro linhas”, integrando esporte, cidadania e educação. Tais medidas buscam consolidar uma nova cultura institucional, pautada pela aproximação com a

comunidade esportiva e pela valorização do capital humano. No momento de realização desta dissertação, Cezário segue preso (Campo Grande News, 2025b).

4. ANÁLISE LONGITUDINAL DAS NOTÍCIAS ESPORTIVAS DO JORNAL CORREIO DO ESTADO

Considerando os aspectos teórico-conceituais e contextuais trabalhados nos capítulos precedentes, adentra-se agora na análise de conteúdo longitudinal das fontes e canais de informação mobilizados pelo jornal *Correio do Estado* em sua cobertura esportiva sobre o futebol profissional de Mato Grosso do Sul entre os anos de 2015 e 2020 – período que coincide com a queda da federação estadual e dos clubes regionais nos ranqueamentos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Para fundamentar o estudo e identificar as vozes jornalisticamente legitimadas a enunciar sobre e pelo futebol profissional sul-mato-grossense no veículo em questão, vale-se como metodologia da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p.42).

Para a autora, a metodologia baseia-se na dedução que “absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito do não-dito, retido por qualquer mensagem” (Bardin, 1977, p.9). Em outros termos, por trás de todo discurso aparente – simbólico e polissêmico – esconde-se um sentido que convém desvendar. A saída exposta por Bardin (1977) é o rigor metodológico aliado à atenção especial às condições de produção – ou contexto em que os textos foram produzidos. Deriva daí a exigência de um cuidado redobrado na realização da análise qualitativa com base no contexto apresentado nos capítulos anteriores desta dissertação.

Em síntese, de acordo com a perspectiva de Bardin (1977), a metodologia da análise de conteúdo se estrutura em três fases principais: 1) pré-análise (observação prévia do *corpus* e “leitura flutuante”); 2) exploração do material, (categorização/codificação e classificação); e 3) tratamento dos resultados (inferências e interpretação). Segundo a autora, o processo de análise deve passar por “critérios precisos de escolha, e não apresentar demasiada singularidade fora dos critérios adotados, e de pertinência, adequação, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (Bardin, 1977, p.99). Assim, no caso do presente estudo,

uma primeira unidade de registro – isto é, a primeira variável colocada como regra de corte – é o tema “futebol” instituído no contexto das notícias situadas na editoria esportiva do *Correio do Estado*.

Dentro desta linha, define-se o conteúdo a ser estudado, ou seja, a realização de levantamentos prévios a fim de traçar o rumo da análise. Agir dessa forma, segundo Bardin (1977), é uma maneira de saber o caminho que se está trilhando, e um modo de mapear cientificamente todo o conteúdo que se apresenta diante da pesquisa. Em meio a uma infinidade de informações, adotar um tratamento específico permitirá que a construção siga por um trajeto de leitura factível e viável.

As definições do objeto de estudo (notícias da editoria esportiva do *Correio do Estado*), do período (2015 a 2020) e do recorte atribuído (fontes implicadas na cobertura do tema futebol) constituem, por conseguinte, etapas determinantes e influenciam no processo de seleção e tratamento dos dados. Nesse contexto, para Bardin (1977, p. 28):

É igualmente ‘tornar-se desconfiado’ relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do “construído”, rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projeção da sua própria subjetividade. (Bardin, 1977, p.28).

Munido do quantitativo de matérias, o trabalho se volta à análise acerca da frequência da aparição de elementos de mensagem, neste caso, caracterizados pelo perfil de cada fonte de informação dentro do período pesquisado. Conforme Bardin (1977, p.109), “uma medida frequencial postula que todos os elementos tenham uma importância igual”.

Entende-se de antemão que as fontes são de suma importância para o entendimento de como os veículos abordam e hierarquizam suas notícias. Nesse sentido, a partir do recorte empírico da pesquisa, pode-se elucidar com base nas informações coletadas (2015-2020) o rumo do planejamento longitudinal planejado. Como ressalva, cabe destacar que 2020, ano final do período de coleta dos dados, foi particularizado em virtude das peculiaridades da pandemia de Covid-19, fator que paralisou as atividades esportivas no Brasil e no Mundo, impactando diretamente na produção de notícias esportivas do jornal *Correio do Estado*, alvo de pesquisa.

Isso posto, em caráter descritivo, foram coletadas e categorizadas 11.547 notícias de esporte, correspondentes ao período de janeiro de 2015 a março de 2020. A coleta dos

dados foi realizada manualmente no arquivo digital e no arquivo físico do jornal *Correio do Estado* entre abril de 2023 e agosto de 2025. A coleta dos dados foi realizada manualmente no arquivo digital e no arquivo físico do jornal *Correio do Estado* entre março de 2023 e setembro de 2025. Apesar do acesso digital ao arquivo do jornal, diversas visitas foram realizadas ao acervo físico, uma vez que algumas edições não constavam integralmente no acervo remoto. No momento da pesquisa, o arquivo do jornal está localizado na Avenida Calógeras.

Após um levantamento inicial das fontes de informação, novas consultas foram realizadas para confirmação dos dados e checagem dos canais de informação. Em números totais, foram compiladas 7.949 notícias em torno do futebol (68,9% de todo o material analisado), sendo, 7.167 (90,2% dos itens jornalísticos sobre a modalidade) correspondente ao futebol nacional, enquanto a cobertura regional se manteve em 9,8%, restringindo-se ao universo de 782 notícias. Ao longo dos seis anos de análise, 3.598 (31,1%) notícias abarcaram a totalidade de outros esportes.

Tabela 9 – Levantamento geral dos dados analisados

Ano	Número de edições	Notícias na editoria Esportes	Notícias sobre futebol na editoria Esportes						Notícias sobre outros esportes na editoria Esportes	
			Total	(%)	Total sobre futebol nacional	(%)	Total sobre futebol regional	(%)	Total	(%)
2020	77	337	276	81,9	248	89,9	28	10,1	61	18,1
2019	314	1.528	1.201	78,6	1.059	88,1	142	11,9	327	21,4
2018	318	1.756	1.454	82,8	1.342	92,2	112	7,8	302	17,2
2017	343	2.020	1.324	65,5	1.190	89,9	134	10,1	696	34,5
2016	363	2.596	1.642	63,2	1.475	89,8	167	10,2	954	36,8
2015	362	3.310	2.052	62	1.853	90,3	199	9,7	1.258	38
Total	1.777	11.547	7.949	68,9	7.167	90,2	782	9,8	3.598	31,1

(Fonte: Elaboração do autor, 2025)

Dentro do escopo regional, 525 fontes primárias contribuíram para a construção noticiosa do veículo, ao passo que apenas três fontes secundárias (especialistas) integraram a construção noticiosa do *Correio do Estado*. Nesta linha, é possível inferir que o levantamento revela que o jornalismo esportivo impresso dentro da editoria esportiva do jornal manteve-se fortemente dependente do futebol, sobretudo do eixo

nacional Rio de Janeiro-São Paulo, relegando a segundo plano o desenvolvimento esportivo local e a diversidade de modalidades (Silva, Silva, Santos, 2022). Essa dinâmica, em certo sentido, reforça a centralização midiática e pode contribuir para a invisibilidade de atletas e equipes regionais, que acabam não ocupando o espaço proporcional à sua relevância social.

Para além disso, é possível inferir que a construção noticiosa dentro da editoria esportiva do periódico se ancora sobretudo nas fontes primárias, ou seja, aquelas que estão diretamente ligadas ao fato – atletas, jogadores, dirigentes. Diferentemente de outras seções que recorrem mais correntemente a pareceres de especialistas – ou, na acepção de Soley (1992), os “*news shapers*” – para explicitar e explicar um fato noticioso (como o jornalismo científico ou o jornalismo econômico), a cobertura do futebol sul-mato-grossense se ateve, em sua maioria, aos resultados das partidas e competições – ou, ainda, ao binômio vitória-derrota, significação que apesar de característica da editoria, contribuiu para reduzir a complexidade dos fatos narrados.

Tabela 10 – Levantamento de fontes e notícias regionais dentro da editoria esportiva do Jornal *Correio do Estado* (2015-2020)

Ano	Número de notícias sobre futebol regional	Número de fontes primárias utilizadas nas notícias	Número de fontes secundárias utilizadas nas notícias
2020	28	9	0
2019	142	75	0
2018	112	115	0
2017	134	100	1
2016	167	88	1
2015	199	138	1
Total	782	525	3

(Elaboração do autor, 2025)

O levantamento em questão permite identificar algumas tendências no escopo da editoria esportiva do jornal analisado: I) a centralidade do futebol na cobertura, com uma média de cerca de sete em cada 10 matérias de esportes dedicadas à modalidade; II) a supremacia do âmbito nacional sobre o regional, com nove em cada 10 matérias de futebol com foco em campeonatos, clubes e jogadores de fora de Mato Grosso do Sul, especialmente do eixo Rio de Janeiro-São Paulo; III) a baixa visibilidade do esporte regional, pois apesar de o Estado ter tradição em atletismo, futsal e provas de velocidade, as modalidades tiveram pouco espaço no interior da editoria esportiva do *Correio do*

Estado, ainda que, entre 2015 e 2017, tenha ocorrido um maior equilíbrio com outros esportes, tendência que não foi sustentável; IV) o impacto da pandemia de Covid-19, uma vez que, como já mencionado, 2020 não apenas reduziu drasticamente o número de edições, como também manteve a concentração em futebol, confirmando a propensão estrutural da editoria.

Diante dos dados, é possível verificar que o futebol ocupa mais de dois terços do espaço esportivo, consolidando-se como pauta hegemônica (Betti, 2002). A cobertura privilegia fortemente o futebol de fora do Estado. Em média, apenas uma em cada 10 notícias de futebol trata do cenário sul-mato-grossense, o que evidencia baixa valorização da produção esportiva local.

Uma análise em escopo anual permite identificar 3.310 notícias esportivas (maior número do período) em 2015 – 62% sobre futebol; 38% sobre outros esportes, ano com maior equilíbrio relativo entre futebol e outras modalidades. Em contrapartida, a relevância da modalidade volta a crescer entre 2016 e 2017, anos nos quais o futebol representou, respectivamente, 63,2% e 65,5% dos temas das notícias, enquanto a relevância de outras modalidades se manteve, respectivamente, entre 36,8% e 34,5%, diversificação na cobertura impulsionada pelos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro.

Nos anos seguintes o futebol voltou a ultrapassar a faixa dos 80% dos temas das notícias no interior da editoria (82,8%, em 2018, e 78,6%, em 2019), período no qual outras modalidades esportivas atingiram, ao máximo, a faixa dos 22%. Trata-se do início de uma retomada acerca da concentração nas pautas futebolísticas, em sintonia com a cobertura nacional.

Como já mencionado anteriormente, o ano de 2020 foi impactado pela pandemia de Covid-19, sendo que apenas 77 edições foram compiladas na análise. No período, o futebol manteve-se como tema de 81,9% das notícias da editoria, face a 18,1% dentre outros esportes, afetados, assim como o futebol, pela pandemia, impacto direto na produção esportiva do *Correio do Estado*.

Frente às constatações acima, do ponto de vista interpretativo, recorre-se às reflexões de Maluly e Longo (2020), que destacam que o campo esportivo é munido de tensões nas quais os repórteres tendem a lidar com as particularidades que circundam a cobertura esportiva, envolta às paixões de torcedores, características que se alinham às relações do campo jornalístico com atletas e dirigentes – fatores observados na editoria esportiva do *Correio do Estado*.

Na área esportiva, por exemplo, “o repórter precisa lidar com particularidades inerentes a sua cobertura, como paixão do torcedor e a própria proximidade com dirigentes e atletas. A linha entre informação e diversão é tênue” (Maluly, Longo, 2020, p.232). Conforme os autores, “os veículos se solidificaram, entre outros fatores, por abrirem espaço em suas páginas de jornais (e posteriormente em programas de rádio e televisão) a grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos” (Maluly, Longo, 2020, p. 236).

Apesar das particularidades do campo jornalístico, a construção noticiosa demanda de uma série de significações e hierarquizações intrínsecas à profissão, características que, segundo Maluly e Longo (2020, p. 237-238), “norteiam não só o que acontece dentro de uma competição, mas sobretudo o que é inerente a ela fora do local de jogo, como cultura, artes, negócios e política”. Complementam os autores:

Uma vez que a busca pela vitória é inerente à sociedade, é inegável que a construção da notícia esportiva passa pela narrativa de grandes conquistas de clubes, seleções e atletas. É esse risco inerente ao esporte, entre o triunfo que abre portas e o fracasso que arruína uma carreira, que determina a popularidade do relato esportivo nos meios de comunicação. (Maluly, Longo, 2020, p.245).

As inferências acima sistematizadas podem ser observadas na própria cobertura esportiva do *Correio do Estado*, haja vista a cobertura esportiva realizada pelo veículo ao longo dos seis anos de pesquisa, sobretudo em relação à sobreposição de matérias nacionais frente ao volume dez vezes inferior de notícias do campo esportivo regional.

Nesse sentido, Maluly e Longo (2020) frisam que a força imagética de um esporte leva, inevitavelmente, a uma hierarquização constante entre as mais variadas competições nacionais e internacionais. Constituem características que fazem com que “alguns esportes e atletas naturalmente ganham mais espaço na produção midiática do que outros, permitindo que possam ganhar mais dinheiro com publicidade e premiações e fortalecendo ainda mais a sua presença nos meios de comunicação” (Maluly, Longo, 2020, p. 250).

Nesta linha de raciocínio, a participação dos meios de comunicação na estrutura industrial do esporte acaba por “colocar em xeque a construção da notícia esportiva. Afinal, muitos dos negócios feitos pelos clubes e atletas envolvem, invariavelmente, as empresas jornalísticas ou, de forma indireta, seus patrocinadores (Maluly e Longo, 2020, p.249) – circunstâncias que podem ser projetadas para a interpretação da cobertura dos

esportes regionais. Cabe destacar, nesse cenário, que algumas das constatações pertinentes que o levantamento de notícias e fontes revela para a pesquisa em jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul relacionam-se à própria atenção que a cobertura regional concede ao futebol em âmbito nacional e internacional

De um total de 11,5 mil notícias da editoria de Esportes analisadas em cerca de 1,8 mil edições do jornal Correio do Estado, 68,8% remetem a temas ligados à modalidade, a mais popular do país - ou seja, apenas três em cada dez notícias no âmbito do recorte analisado tratam de outros esportes, seja em âmbito regional, nacional ou internacional. Os números endereçam à problemática do fenômeno da “monocultura esportiva” relacionada ao futebol no Brasil (Betti, 2001). Complementarmente, chama particularmente a atenção a ênfase que a cobertura jornalística de Mato Grosso do Sul oferece às principais equipes e competições do futebol nacional (Campeonato Brasileiro da Série A, Copa do Brasil, Copa Libertadores da América, Copa Conmebol Sul-Americana, Campeonato Paulista, Campeonato Carioca, Campeonato Mineiro, entre outras), ainda que não exista a participação dos clubes regionais neste âmbito.

Das cerca de 8 mil notícias sobre futebol catalogadas, remete-se a uma proporção esmagadora de mais de 90% das notícias sobre futebol nacional, restando pouquíssimo espaço para a cobertura regional - um sintoma entre os diversos identificados pela pesquisa sobre a carência de profissionalização e protagonismo da modalidade no estado. Embora a análise dos dados remeta a especificidades da cobertura regional, merece particular destaque a constatação de que o jornalismo esportivo em Mato Grosso do Sul reproduz uma lógica nacional de centralidade e ênfase nas fontes primárias (Lage, 2001) - os “*news makers*”, na acepção de Soley (1992) -, personagens diretamente envolvidos nos eventos noticiados. Sobra pouco fôlego e atenção - no caso dos dados tabulados, apenas 0,6% - às fontes secundárias, especialistas que são mobilizados pela instância jornalística para explicar os fenômenos em pauta.

Tabela 11- Características de fontes (2015-2020)

FONTES (OCORRÊNCIAS)								
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total	%
Treinadores (técnicos/as, auxiliares, preparadores/as físicos)	67	30	37	17	39	2	192	36,4
Dirigentes de clubes (presidentes, diretores, gerentes de futebol)	22	29	30	26	9	1	117	22,1
Atletas	21	17	21	8	11	-	78	14,8
Torcedores/as	1	1	2	58	4	-	66	12,5
Gestores públicos e representantes do estado (prefeitos, secretários estaduais, promotores e representantes do Ministério Público, reitores, servidores públicos)	9	5	2	1	8	4	29	5,5
Outras fontes	12	4	4	3	3	-	26	4,9
Dirigentes da FFMS (presidente, vice-presidente, diretores)	7	3	1	2	1	2	16	3,0
Árbitros/as	-	-	4	-	-	-	4	0,8
Total	139	89	101	115	75	9	528	100

(Elaboração do autor, 2025)

Conforme já antecipado, fica evidente no ano de 2020 as influências da pandemia de Covid-19 no esporte e, por conseguinte, no jornalismo esportivo regional. Além de um número reduzido de notícias, foram também mobilizadas poucas fontes (nove no total), sem envolver atletas.

Em termos gerais, chama a atenção o volume de atletas mobilizados como fontes (14,8%) frente a outros agentes sociais relacionados ao campo esportivo, principalmente os treinadores (36,4%), mas também os dirigentes de clubes (22,1%). A proporção pode ser interpretada como mais um sintoma da carência de profissionalização do futebol sul-mato-grossense. Nesse sentido, o número pode ser também analisado junto ao volume de canais de informação (Sigal, 1974), sendo 96,4% no terreno “corporativo” - ou seja, as informações são buscadas junto às fontes por iniciativa dos próprios repórteres. Infere-se que a ausência de coletivas de imprensa e de um ecossistema comunicacional ao redor dos clubes (com assessorias de imprensa e departamentos de *marketing*), que poderiam colocar atletas em evidência, ganha protagonismo nesse cenário.

Por outro lado, num total de 782 notícias sobre o futebol regional publicadas no periódico em cinco anos, em 135 casos - o que equivale a 17,3% - não são explicitadas a utilização de fonte qualquer, conotando-se a reprodução pelos jornalistas de informações oriundas de outros canais que ficam ocultos nos textos (Silva, Silva, Santos, 2022). Essa tendência é maior nos dois primeiros anos do recorte - 2015 e 2016, respectivamente, com 60 e 68 casos, respondendo, juntos, por 16,4% do total.

Na seara das questões de gênero, chama particularmente a atenção a proporção entre atletas homens e mulheres nas matérias analisadas. Embora a sub-representação

reproduza uma disparidade histórica e estrutural de gênero no país (John, 2014; Veiga, Moraes, 2019), a proporção de aproximadamente 20,1% de fontes atletas mulheres é maior do que pode ser verificado de forma exploratória na cobertura esportiva de futebol nos centros hegemônicos do país - particularmente no eixo RJ-SP-MG. Infere-se que, uma vez mais, a carência de desenvolvimento do futebol profissional masculino em Mato Grosso do Sul abre paradoxalmente maior protagonismo para o futebol feminino, que - a despeito da ainda mais acentuada falta de estrutura – disputa torneios proporcionalmente de maior relevo no contexto nacional, como o Campeonato Brasileiro A3 e a Copa do Brasil, ambos organizados pela Confederação Brasileira de Futebol.

Tal carência de profissionalização no futebol regional também permite a abertura de outros flancos na mobilização de fontes pela cobertura esportiva. Não por acaso, gestores públicos e representantes do estado (como prefeitos, secretários estaduais, promotores e representantes do Ministério Público, reitores e outros servidores público), dirigentes da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FFMS) e, principalmente, dirigentes dos clubes respondem por cerca de um terço das fontes mobilizadas (30,6%), representando mais do que o dobro do volume de atletas entrevistados (14,8%).

Nesse horizonte, a cobertura ganha contornos essencialmente oficialistas, restando pouca margem para abordagens alternativas, dissonantes e contra hegemônicas. O volume total de agentes sociais mobilizados na categoria “Outras fontes” resume-se 4,9%, quesito que inclui comerciantes, familiares de atletas, representantes do serviço de proteção aos consumidores e outras fontes secundárias trazidas ao espaço público jornalístico para explicar o fenômeno em pauta.

Mesmo a proporção de torcedores (12,5%) fica bastante reduzida frente a outras categorias, como os dirigentes dos clubes (22,1%), por exemplo. Ainda assim, infere-se que tal hiato poderia ser ainda maior, considerando o contexto em que os torcedores são mobilizados como fontes pelo periódico. A maior proporção absoluta (87,9%) das ocorrências de torcedores mobilizados como fontes ocorre apenas no ano de 2018, contexto de realização da Copa do Mundo de Futebol, realizada na Rússia. Ou seja, trata-se de um perfil específico de cobertura esportiva que busca repercutir no cenário regional as expectativas frente à principal competição mundial de futebol.

Ademais, outra inferência importante dos dados diz respeito à dependência explícita do futebol profissional de Mato Grosso do Sul do poder estatal. A proporção da mobilização de gestores públicos e representantes do estado como fontes (5,5%) é superior a dos agentes sociais ligados à própria FFMS, que responde por apenas 3% das

menções. Trata-se, nesse caso, de uma vertente muito específica do oficialismo das fontes (Sigal, 1974), mas que conota, uma vez mais, outro sintoma da carência de profissionalização do esporte em termos regionais.

Diante dos dados apontados na última tabela, é possível identificar que treinadores, auxiliares e preparadores físicos compuseram 58,5% de todas as fontes contactadas pelo veículo ao longo dos seis anos de análise. Essa característica nos faz lembrar as reflexões de Gans (2004), que destaca que a relação entre os repórteres e suas fontes se assemelha metaforicamente a uma dança. De fato, se a relação entre profissionais da comunicação e suas fontes se aproxima de uma dança, as inferências da pesquisa nos permitem verificar que dentro deste processo de troca, o campo do jornalismo sul-mato-grossense está envolvido das mesmas relações entre os pares, como se a construção da notícia fosse composta dos mesmos “bailarinos”, ou que os pares bailassem apenas ao som de uma única música.

Em um cenário comparativo, ao longo dos seis anos de análise, a incidência de atletas na composição das notícias esportivas se compara proporcionalmente ao número de torcedores, índices respectivamente de 14,8% e 12,5%. Neste universo tomado por fontes primárias – ou “*news makers*”, na definição de Soley (1992) – o quantitativo chama atenção, haja visto que, de forma hipotética, esperava-se que a recorrência dos atletas fosse expressivamente superior a de torcedores, sobretudo em função destes serem os “protagonistas” da notícia. Enquanto protagonistas, a recorrência acerca do aparecimento dos atletas e jogadores se restringiu, em sua maioria, ao primeiro semestre de cada ano analisado. A justificativa acerca desta constatação se sustenta no curto calendário esportivo dos clubes sul-mato-grossenses, que integram a última divisão nacional desde 2009, ano em que a Confederação Brasileira de Futebol reformulou a estrutura do futebol nacional – tal como debatido no capítulo anterior.

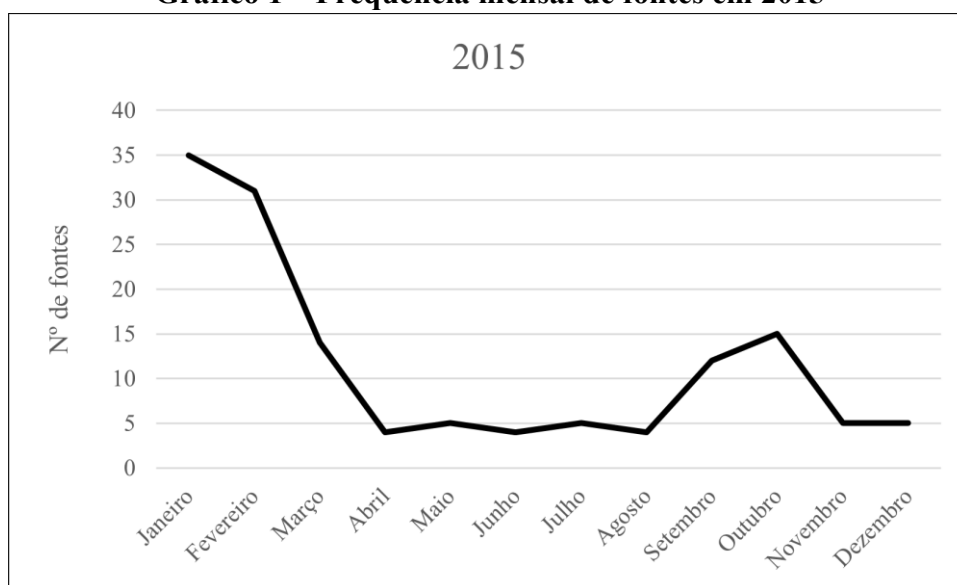
Tabela 12- Tabulamento mensal de fontes (2015-2020)

Ano	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
2020	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2019	24	14	10	6	6	0	0	4	0	0	5	6
2018	29	5	2	11	0	36	20	3	1	0	2	6
2017	27	21	21	12	9	4	5	2	0	0	0	0
2016	25	16	4	4	9	5	7	4	3	2	3	7
2015	35	31	14	4	5	4	5	4	12	15	5	5

(Elaboração do autor, 2025)

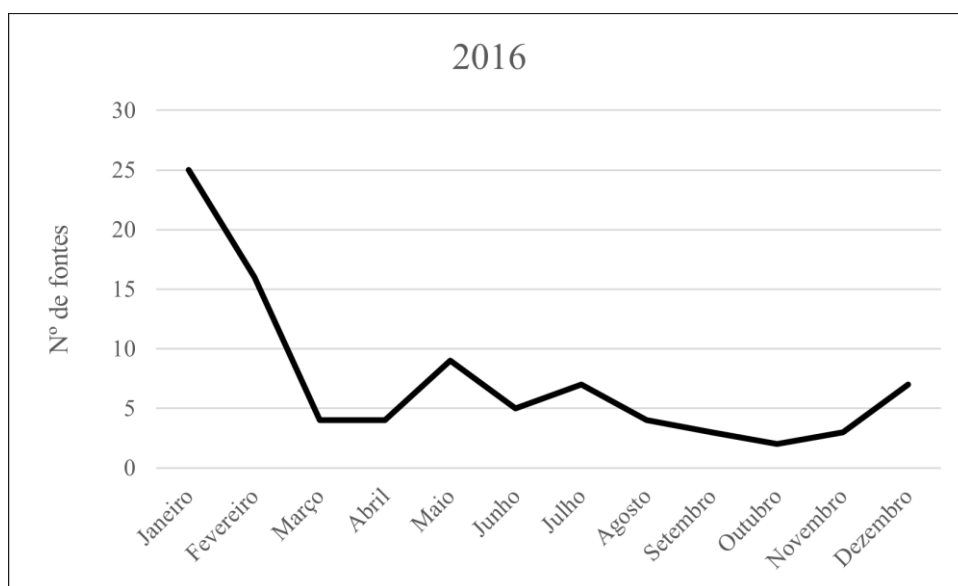
Em sua maioria, o caráter competitivo do certame foi impactado pelo “enxugamento” da terceira divisão, que desde então conta somente com 20 agremiações. Nas 15 edições do Campeonato Brasileiro da Série D, o número de participantes variou, passando de 39 times em 2009 para 64 times em 2020. De modo geral, se o calendário esportivo influi na recorrência das fontes, a falta de calendário esportivo, sobretudo no segundo semestre de cada ano, justifica o “apagamento” dos agentes sociais envolvidos nas competições, sobretudo entre julho e dezembro, segundo semestre de cada ano, exceto em 2018, que contou com 46 fontes entre junho e julho, crescimento justificado pela Copa do Mundo, disputada na Rússia. As variações sazonais podem ser visualizadas nos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Frequência mensal de fontes em 2015



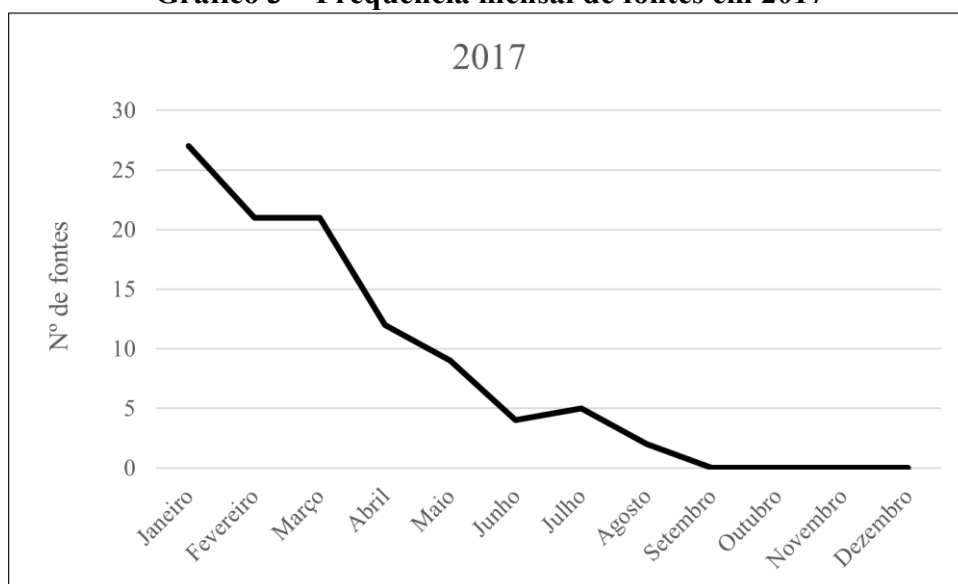
(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 2 – Frequência mensal de fontes em 2016



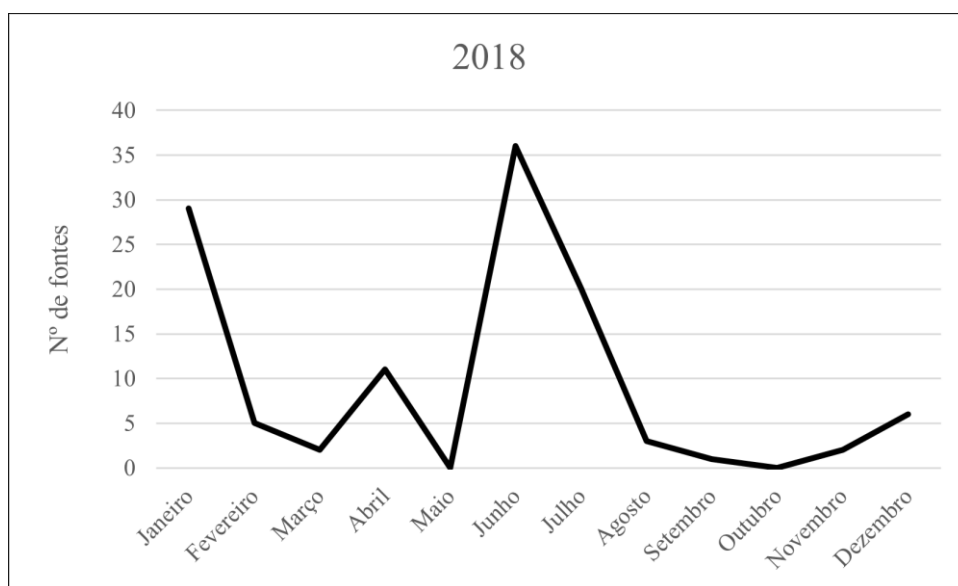
(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 3 – Frequência mensal de fontes em 2017



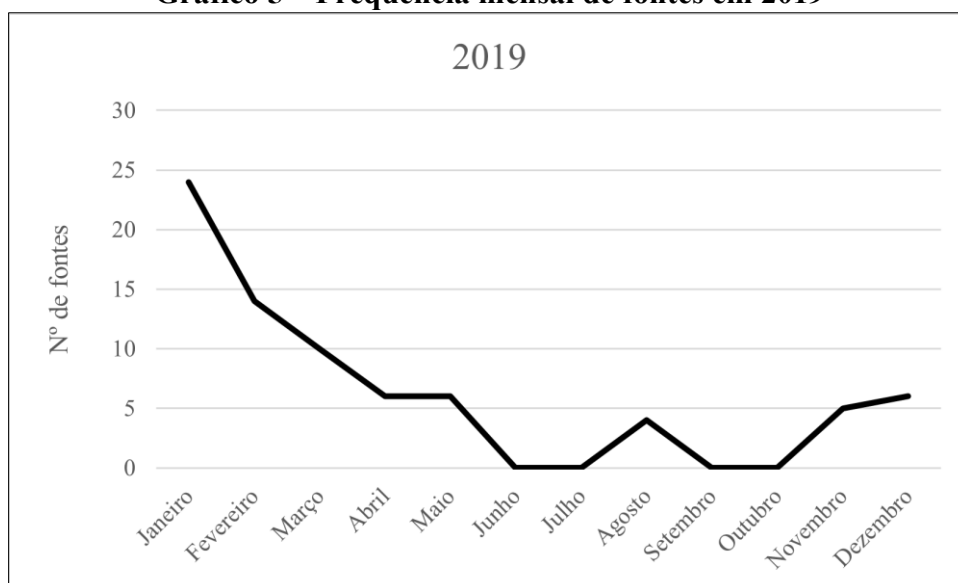
(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 4 – Frequência mensal de fontes em 2018



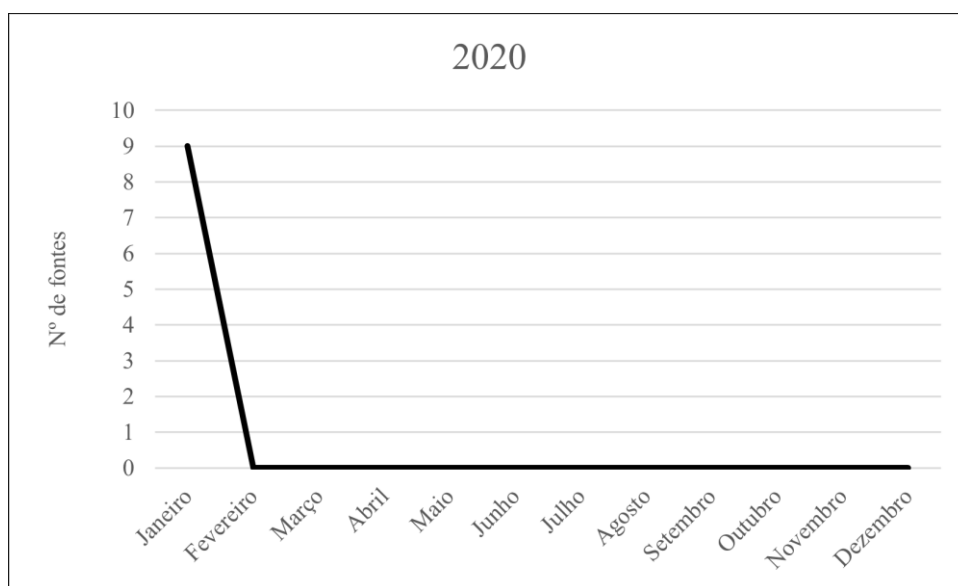
(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 5 – Frequência mensal de fontes em 2019



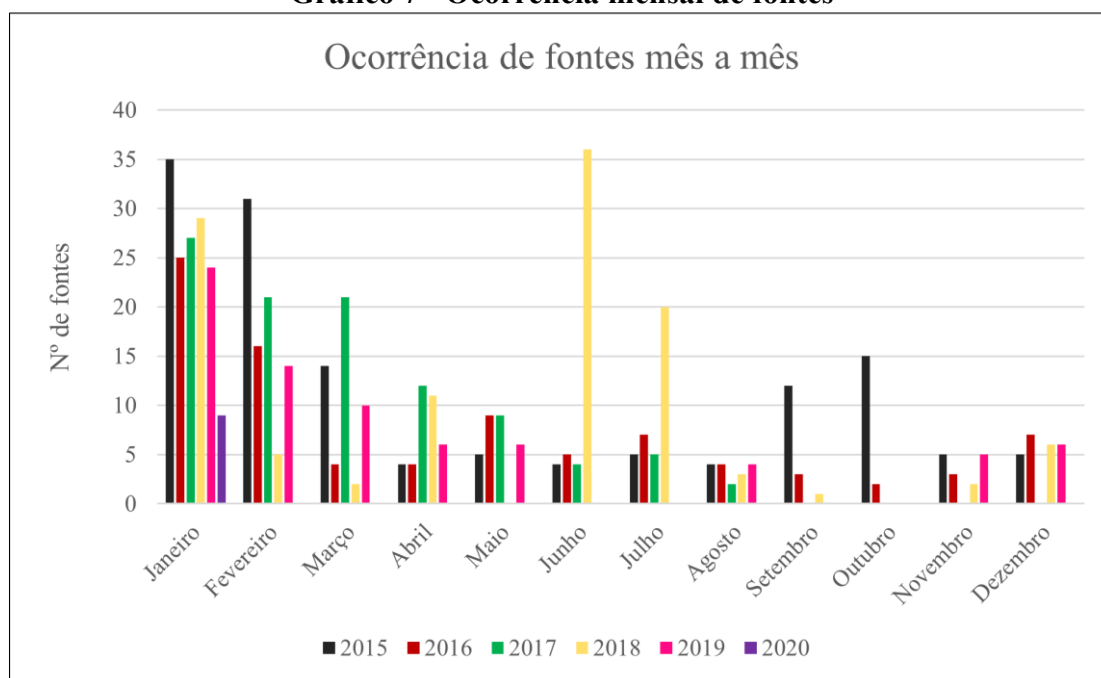
(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 6 – Frequência mensal de fontes em 2020



(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 7 - Ocorrência mensal de fontes



(Elaboração do autor, 2025)

Diante das características apresentadas nos gráficos anteriores, é notória a concentração de fontes no primeiro semestre de cada ano analisado. O volume é justificado pela presença competitiva dos clubes sul-mato-grossenses neste período do ano. Desde a remodelação da quarta divisão nacional, as equipes competem sobretudo entre os meses de janeiro e junho, período no qual também disputam o Campeonato Sul-Mato-Grossense.

De modo mais detalhado, no recorte da análise, o campeonato estadual foi disputado entre os meses de janeiro e maio, enquanto o certame nacional teve seu início mais precoce em maio (2017 e 2019) e término entre os meses de setembro (2017) e outubro (2016). A tendência de queda no segundo semestre é justificada pelo mal desempenho dos times sul-mato-grossenses em competições nacionais, considerando que desde a remodelação da quarta divisão, nenhum clube regional conseguiu avançar à segunda fase da competição – mais um sintoma da decadência do esporte no Estado com implicações no campo jornalístico, tal como discutido no segundo capítulo desta dissertação.

Ao longo dos seis anos de análise, as únicas tendências de alta entre o primeiro e o segundo semestre ocorreram em 2018, em virtude da Copa do Mundo, vencida pela França, crescimento atribuído ao grande volume de torcedores consultados. A fim de compreender de forma mais visual a frequência de fontes, uma separação semestral acerca dos dois períodos elucida a inferência mencionada, já que entre os meses de janeiro e junho, 402 (76,1%) das 528 fontes aparecem, enquanto apenas 126 (23,9%) compõem a construção noticiosa da editoria entre os meses de julho e dezembro.

No universo das questões de gênero, como já antecipado, foram identificadas apenas 35 fontes mulheres dentro do escopo analisado, volume que representa apenas 6% de todo o universo pesquisado, enquanto em contrapartida, foram consultados 494 homens (94%).

**Tabela 13 – Recorte de gênero nas fontes da editoria esportiva do Correio do Estado
(2015-2020)**

Ano	Mulheres	Homens
2020	0	9
2019	8	86
2018	0	115
2017	7	94
2016	13	76
2015	6	133

(Elaboração do autor, 2025)

Conforme advertem Barsotti e Carvalho (2024, p. 122), “o cenário é de perpetuação da desigualdade de gênero nas editorias de esporte dos jornais impressos, em que os rostos não são vistos, e algumas reportagens nem sequer são assinadas, invisibilizam as assimetrias de gênero”. Tendo como parâmetro o trabalho jornalístico feminino, as constatações de Barsotti e Carvalho (2024) tiveram como base a análise de 1.184 publicações das editorias de esporte dos três jornais de referência do país: *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo (Estadão)*. A coleta foi feita intencionalmente em dois períodos – em julho de 2020 e em julho de 2021 – nos quais não houve nenhum grande evento na cobertura esportiva para não enviesar os resultados, já que as equipes tendem a ser reforçadas por outras editorias durante Copas e Olimpíadas (Barsotti, Carvalho, 2024, p.122).

Para efeitos ilustrativos e comparativos com a realidade regional de Mato Grosso do Sul, embora a assinatura das matérias não esteja entre os objetivos da presente pesquisa, dos 1.184 conteúdos analisados por Barsotti e Carvalho (2024), 667 receberam assinaturas. O alto índice de textos não assinados é justificado pela grande quantidade de notas publicadas diariamente pelos três jornais. Da quantidade de textos creditados, 578 (86,7%) foram assinados por homens, e 89 (13,3%) foram assinados por mulheres. No jornal *O Globo*, por exemplo, o total de textos assinados foi de 328, sendo 271 assinados por homens, e 57 assinados por mulheres. Na *Folha de S. Paulo*, o número de textos assinados foi de 181, sendo 153 creditados a homens e 28 assinados por mulheres. No *Estadão*, por sua vez, impressiona o fato de que apenas quatro textos, dos 158 que receberam assinaturas, tenham sido publicados por mulheres. Enquanto isso, 154 itens jornalísticos desse total foram assinados por homens. No segundo período analisado, não houve o registro de conteúdos assinados por mulheres no Estadão.

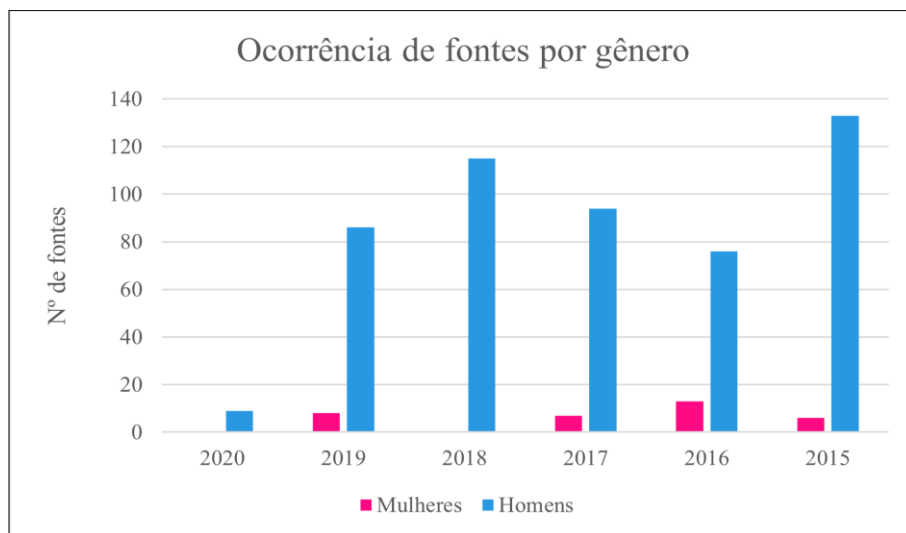
A análise acima elucida a ausência de mulheres dentro do cenário esportivo dos jornais, seja nas rotinas produtivas, caso de Barsotti e Carvalho (2024), seja enquanto

fontes no processo construtivo das notícias (John, 2014). Semelhantemente, a partir da base de dados compilada neste estudo, foi possível notar o apagamento feminino também no interior da editoria do jornal *Correio do Estado* em dois – 2018 e 2020 – dos seis anos de análise. Ao longo de toda a pesquisa, foram consultadas 18 jogadoras, oito treinadoras, quatro torcedoras, além de uma advogada, uma árbitra, uma auxiliar técnica e uma reitora universitária, cada uma delas com incidência única. Se o futebol sul-mato-grossense, como elucidam os dados, dá mostras de viver um apagamento esportivo dentro da editoria esportiva do *Correio do Estado*, o cenário esportivo feminino da modalidade, além do apagamento estrutural, convive com a redobrada sobreposição masculina, seja no escopo nacional ou regional.

De modo geral, o aparecimento das profissionais se restringiu a contribuições acerca do desempenho em partidas, comentários que antecederam as partidas, ou mesmo entrevistas perfiladas de jogadoras sul-mato-grossenses que se destacaram nacionalmente, casos de Bruna Benites, zagueira do Internacional-RS com passagens pela seleção brasileira, e Patrícia Sochor, meia-atacante da Ferroviária-SP, que teve presença nas seleções nacionais de base.

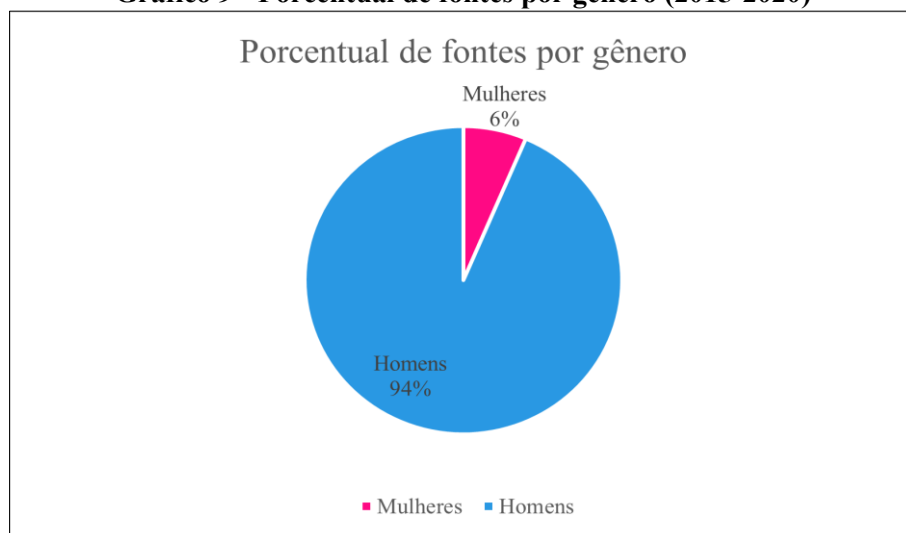
Em um dado comparativo, ainda que seja descartado o ano de 2020, afetado diretamente pela pandemia de Covid-19, caso a média acerca da recorrência de fontes se mantivesse nos parâmetros pesquisados, seriam necessários 72,5 anos ininterruptos para que o volume de fontes femininas (34) se equivalesse ao total de fontes masculinas (494), ainda assim, faltaria uma fonte para que o “placar” fosse empatado.

Gráfico 8 - Ocorrência mensal de fontes por gênero



(Elaboração do autor, 2025)

Gráfico 9 - Porcentual de fontes por gênero (2015-2020)



(Elaboração do autor, 2025)

CORREIO DO ESTADO
DOMINGO, 27 DE DEZEMBRO DE 2015

ESPORTES

esportes@correioestado.com.br

COMERCIAL AINDA SEM VAGA NA COPA DO BRASIL

Com o cancelamento do Estadual 2015 por falta de equipes, clube não sabe como ficará sua situação no torneio nacional

RAFAEL BUENO

Além da dificuldade para manter uma equipe feminina, o Comercial sofre com outros problemas: a falta de adversários. Com apenas o Colorado interveniente na disputa do Estadual 2015 (que era pra acontecer neste mês), o torneio foi cancelado e, agora, a equipe da Capital não sabe como vai ficar a sua participação na Copa do Brasil 2016 - a vaga no torneio nacional é garantida aos campeões de cada estado.

Com a situação indefinida, a técnica Rosilka Campos espera que a equipe participe da Copa do Brasil por indicação da Federação de Futebol do MS. "Oa pode se também que a Federação consiga um adversário pra gente fazer uma sedeterna jogático, que podemos marcar para janeiro", sugere a treinadora.

Em 2014, o Estadual também quase não foi realizado por falta de equipes. Apenas Comercial e Sociedade Esportiva e Recreativa Chapadão (Serc) participaram da disputa. A equipe de Chapadão do Sul levou os melhores dos duos e, além do título Estadual, garantiu a vaga para a Copa do Brasil deste ano - acabou eliminada pelo São José (SP).

Revelada pelo Comercial, a capitã da seleção brasileira, Bruna Benites, lamentou a situação do futebol feminino no Estado. "Falta incentivo, falta estrutura e fico muito triste com isso, porque temos atletas com qualidade. Queríamos o Estado numa situação melhor, revelando atletas", comentou.

Segundo Bruna, a falta de equipes sempre foi um problema para a realização dos torneios em MS. "Pelo que me recordo quando joguei lá (em MS), as competições sempre tiveram duas, três ou no máximo quatro equipes".

Para resolver o problema, Bruna sugere algumas mudanças no futebol feminino. A começar pela remuneração das jogadoras que se dedicam ao esporte. "Não tem como deixar de trabalhar para jogar futebol sem remuneração. As meninas não são remuneradas", destaca Benites.

66
Não vou desistir de lutar pelo futebol"

Rosilka, técnica do time feminino do Comercial

REFORÇO

Atacante Erik assina contrato com Palmeiras

COM LANCE

O jovem atacante Erik, de 21 anos, realizou ontem os exames médicos e assinou contrato com o Palmeiras. O jogador vindo do Goiás assinou com o Verdão por cinco temporadas. O clube emeraldino receberá do Palmeiras R\$ 13 milhões por 60% dos direitos econômicos do jogador - o restante segue com o clube que o revelou.

O jogador, eleito em 2014 a revelação do Campeonato Brasileiro, não escondeu a empolgação por chegar ao Palmeiras. "Assim que recebi a notícia, a ficha desmontou para cá, mas assim que foi concretizada a negociação, que deu tudo certo, a alegria foi gigante", disse.

Com idade olímpica, Erik quer aproveitar também a oportunidade que tem na carreira, para tentar uma vaga na seleção brasileira sub-23 que disputará os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016.

"É sempre importante estar vindo a uma seleção. Espero vestir mais vezes e, com certeza, com a visibilidade que o Palmeiras dá, não só eu, mas também outros atletas terão oportunidades de defender o nosso País".

Durante a estadia de férias no Pará, mas viajou para São Paulo para assinar com a nova equipe. Ele deve se apresentar no próximo dia 6 de janeiro, juntamente com o restante do elenco.

Ele vai reencontrar velhos conhecidos no clube. Os volantes Rodrigo, recém-contratado, e Amaral, que chegou no início de 2015, foram companheiros de Erik no Goiás.

Além de Erik e Rodrigo, o Palmeiras já anunciou outros cinco reforços: o goleiro Wagner, os zagueiros Edú Dacosta e Rogê Carvalho e os meias Régis e Motre.

LESÃO

Neymar é dúvida no Barcelona

COM AGÊNCIAS

Neymar não está recuperado da lesão na coxa esquerda que quase o tirou do Mundial de Clubes. Segundo a imprensa espanhola, o Barcelona está à espera do jogador, que curte o sucesso de Natal no Brasil, para realizar a revisão médica e saber se poderá contar com o camisa 11 na sequência do Espanhol da Liga das Campeões.

O brasileiro sentiu a lesão no dia 8 de dezembro. A previsão inicial era que ele fosse longe dos gramados de dez a 15 dias. Porém, com a decisão do torneio no Japão, o jogador intensificou o tratamento e ficou fora de ação por 12 dias.

Ele participou da final, vencida pelo Barcelona, que venceu o River Plate. Mas, segundo a imprensa da Espanha, ele teria sido substituído no jogo por um jogador local.

REVALIAÇÃO. Exames vão mostrar se Neymar segue jogando da pelo Barcelona por 3 a 0 sobre o River Plate. Mas, segundo a imprensa da Espanha, ele teria sido substituído no jogo por um jogador local.

UFC

Para Dórea, Cigano foi a nocaute por insegurança

Acostumado a acompanhar Júnior Cigano em todos os combates desde que o lutador foi escolhido para a trajetória no UFC, o treinador Luis Dórea diz que viu o pupilo inseguro contra Alkhat Oveem.

Justamente esta insegurança permitiu ao holandês o belo nocaute no último dia 17. "Ele estava sem distinção, inseguro e o golfe não tinham eficiência", avalia o técnico. O peso-pesado Cigano deixou Dórea, neste ano, para treinar nos EUA.

PESQUISA

Jogadores elegem Tite melhor treinador do País

Em pesquisa realizada pelo portal UOL com 100 jogadores do Brasileirão deste ano, demitido ainda no primeiro turno, encabeçou a lista dos melhores com 14,7%. Vanderson Moraes (6,2%) e Emerson Leão (5,2%) foram os outros dois.

A pesquisa foi realizada neste mês e foram ouvidos jogadores de quatorze clubes brasileiros: Atlético-MG, Botafogo, Corinthians, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo e Vasco.

Já Roth, que treinou o Vasco e não teve muito sucesso no Brasileirão deste ano, demitido ainda no primeiro turno, encabeçou a lista dos piores com 14,7%. Vanderson Moraes (6,2%) e Emerson Leão (5,2%) foram os outros dois.

A pesquisa foi realizada neste mês e foram ouvidos jogadores de quatorze clubes brasileiros: Atlético-MG, Botafogo, Corinthians, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo e Vasco.

RS 65 MILHÕES

São Paulo nega oferta milionária por Rodrigo Caio

A diretoria do São Paulo recusou uma proposta de R\$ 65 milhões pelo zagueiro Rodrigo Caio. A oferta foi feita no mês passado e veio de um time inglês, cujo nome não foi revelado.

RIO 2016

Campeão da vela reclama da sujeira na Baía de Guanabara

Atual campeão olímpico da classe RS:X da vela, o holandês Dorien van Rijsewijk reclama da sujeira na Baía de Guanabara, que vai receber os Jogos do Rio 2016. No último domingo, ele venceu a Copa Brasil, que reuniu vários atletas estrangeiros, mas sofreu com um tipo de problema comum. Um saco plástico preso em seu lençol e obrigou a velejar de alguns metros até que o barco soltasse.

REFORÇO

Grêmio não fecha portas ao zagueiro Fred

A proposta do Grêmio pela contratação do zagueiro Fred desagrudou a diretoria do Goiás, que fez novas exigências. Como resposta, o Goiás pediu que alguns jogadores fossem incluídos na negociação.

SANTOS

18 jogadores

O diretor de futebol do Santos, Dapporto dos Santos, disse que prevê o elenco com cerca de 18 jogadores, revelando as categorias de base do clube na próxima temporada.

(Figura 7: Correio do Estado, 25 de dezembro de 2015)

Em uma análise dos conteúdos relacionados a esportes e treinadores na mídia impressa, Ferreira *et al.* (2018) constataram a sobreposição masculina também dos profissionais dentro das colunas esportivas jornalísticas. O material de análise dos autores foi composto por 41 colunas esportivas, publicadas por jornal de grande circulação nacional durante um mês. Verificou-se que o tema predominante foi o futebol masculino de grandes clubes e que 24 das 41 colunas apresentaram conteúdo sobre treinadores. “Os discursos apresentaram um teor avaliativo sobre o trabalho dos treinadores, contribuíram para a formação de opinião sobre a competência ou incompetência dos profissionais e para a construção de uma representação deles perante o público” (Ferreira *et al.*, 2018, p.397). Com relação ao conjunto de dados do estudo, composto pelas 41 colunas esportivas coletadas, 33 retrataram como tema o futebol, mais especificamente o futebol

masculino de grandes clubes. O atletismo e a vela tiveram uma ocorrência, em colunas distintas. As outras seis trataram de questões diversas sobre gênero, políticas públicas e megaeventos que envolveram o mundo esportivo (Ferreira *et al.*, 2018) – uma referência também ao conceito de “monocultura esportiva” trabalhado por Betti (2002).

Cabe salientar que dentro do escopo de análise desta dissertação, das três fontes secundárias que compuseram a construção noticiosa do *Correio do Estado*, uma mulher foi selecionada como especialista. Especializada em Direito Desportivo, a advogada Gislaine Nunes foi mobilizada como fonte para tratar do desrespeito às leis trabalhistas no futebol brasileiro com enfoque na realidade regional. À época, a fonte condenou o desrespeito às leis trabalhistas dentro do futebol e a prática dos clubes que criam o contrato de imagem para não registrar devidamente o valor integral da remuneração do atleta em carteira de trabalho. “Colocam 20% do salário em carteira profissional e 80% na imagem, onde não se usa a imagem do atleta para absolutamente nada. Todos sabemos que isso é uma fraude, apenas para burlar impostos”. Exceção ao padrão geral da cobertura identificado nesta pesquisa, a reportagem interpretativa que mencionada a advogada pode ser verificada na figura a seguir:

CORREIO DO ESTADO
QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2016

ESPORTES

esportes@correiodoestado.com.br

NA BATALHA

Sonho de boleiro

Na busca de um grande clube, jovens atletas recebem R\$ 300 no futebol sul-mato-grossense

ATACANTE. Eliminado precocemente do Campeonato Sul-Mato-Grossense com a equipe do Novo, jovem Jonathan não desistiu do sonho de comprar uma casa para a mãe

JONAS MARIO
RAFAEL BUREDO

Após 20 minutos do primeiro tempo, Jonathan da Silva, 19 anos, marcou o gol de empate do Novopetrópolis diante do Costa Rica, em jogo do Campeonato Sul-Mato-Grossense 2016. Em vivo. O time do futebol ainda venceu por 2 a 2. Fraseado no Estádio Jacques da Luz, em Campo Grande. No fim de semana seguinte, o Novo terminou sua trajetória no Estadual - única competição no calendário - sem se classificar à segunda fase. Jonathan, que ganhou em torno de R\$ 300 mensais durante 60 dias de torneio, ficou mais distante do sonho de virar jogador de futebol.

Mesmo assim, o jovem atleta não pensa em desistir. "A primeira coisa que eu vou fazer se assinar contrato com um clube grande é dar uma casa para minha mãe. É por ela que eu jogo", conta o atacante, agora há 30 dias longe dos gramados.

Ganhando a "ajuda de custo" que recebeu do Novo, Jonathan só realizará o feito se juntasse os rendimentos por 12 meses. Construiu uma residência de 45 m². "Não acho que um valor que ajude muito, não. Um jogador profissional tem que ser valorizado", reconhece.

Após assinar contrato com o clube, Jonathan contou a promessa de que receberia o salário por alguns meses, até que a diretoria conseguisse um patrocinador para pagar um valor maior. De acordo com o atacante, o inventor veio, mas o vendedor confirmou o mesmo.

O presidente novopetrópolis, Américo Ferreira, deu sua versão sobre o caso de Jonathan. Segundo o dirigente, o jovem foi descoberto nos "campos da várzea". Por demonstrar um futuro promissor, foi convidado a compor o elenco da base do clube.

Junto aos demais atletas, Jonathan tinha a sua disposição alojamento, além de receber churrasco, alimentação, transporte e outros tipos de assistência. O clube, segundo Américo, arcaia ainda com R\$ 1.4 mil com taxas para a profissionalização de Jonathan, junto à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Federação de Futebol do MS.

mesmo de que receberia o salário por alguns meses, até que a diretoria conseguisse um patrocinador para pagar um valor maior. De acordo com o atacante, o inventor veio, mas o vendedor confirmou o mesmo.

O presidente novopetrópolis, Américo Ferreira, deu sua versão sobre o caso de Jonathan. Segundo o dirigente, o jovem foi descoberto nos "campos da várzea". Por demonstrar um futuro promissor, foi convidado a compor o elenco da base do clube.

Junto aos demais atletas, Jonathan tinha a sua disposição alojamento, além de receber churrasco, alimentação, transporte e outros tipos de assistência. O clube, segundo Américo, arcaia ainda com R\$ 1.4 mil com taxas para a profissionalização de Jonathan, junto à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Federação de Futebol do MS.

66
É muito caro colocar um time em campo

Américo Ferreira, presidente do Novopetrópolis, sobre a situação dos clubes no País

"Temos um acordo com o jogador e, no final das contas, o valor acaba passando de um salário mínimo. Só um par de churrascos custa R\$ 750", destacou Américo. O dirigente lembra ainda que Jonathan já foi emprestado ao Comercial para a disputa da Série D, no segundo semestre. "Vai ganhar um salário mínimo, como determina a lei", completou.

SALÁRIO ATRASADO
Natan da Silva, 22 anos, dividiu o mesmo sonho de Jonathan: apresentar a mãe com uma casa. O lateral esquerdo defendeu o Mistão, clube de Três Lagoas rebatido para a segunda divisão do Estadual neste ano, mas sofreu calote da diretoria. A dívida da equipe com o atleta é de aproximadamente R\$ 4 mil.

Durante o período em que atuou pelo Mistão, Natan recebeu ajuda da mãe para se manter em Três Lagoas. "Ela mandava R\$ 100 por semana, no máximo. Eu não exigia, mas ela se preocupa". Hoje, seu dinheiro é o jogador quem tenta auxiliá-la por intermédio de amigos. "Ela está desempregada e se tratando de uma fratura grave. Minha sorte é que tenho colegas lições que estão dando atenção".

A na gestão do clube três-lagoense, Natan conta que parte dos atletas fosse despejada da residência que servia de alojamento durante o campeonato deste ano. A diretoria da equipe não pagou o aluguel do imóvel.

Apesar da dificuldade, Natan não pensa em atuar a partir para cobrar a dívida salarial. Contudo, os próprios jogadores já manifestaram insatisfação com o clube no decorrer da competição. Após o apito inicial do jogo contra o Operário, no dia 23 de março, os atletas sentaram-se no gramado em protesto contra os atrasados.

O presidente do Mistão, Gerson de Souza, não soube informar se houve o pagamento dos salários pendentes com Natan e demais atletas. "Os vencimentos são feitos por uma empresa parceira. Sei que houve atletas que já receberam, mas não sei como está a situação de todos os jogadores", explicou Gerson.

Como o mesmo sonho de Jonathan, que recebeu R\$ 300 por mês, no Campeonato Sul-Mato-Grossense. Segundo o clube, como não existe piso para a categoria, o atleta profissional deve receber pelo menos R\$ 800 - ou seja, um salário mínimo.

"Um atleta receber R\$ 300, mas infelizmente a realidade ainda é esta dentro do nosso futebol escravocrata, anacão e precarizado", lamentou. Gislaine lembra que os direitos trabalhistas são os mesmos para os atletas com menos de 18 anos que atuam junto aos profissionais.

No caso de atletas com idade entre 14 e 20 anos, pode haver um contrato em forma de bolsa de aprendizagem, onde o clube formador tem direito a indenização calculada sobre 200 vezes o valor gasto com o jogador. "Mas onde uma clube investe em jogador para fazer jus a receber este valor?", questiona Gislaine Nunes.

Advogada especializada em Direito Desportivo, a advogada Gislaine Nunes confirma o descumprimento às leis trabalhistas no futebol brasileiro. Ela condena principalmente as práticas dos clubes que criam o contrato de imagem para não registrar devidamente o valor integral da remuneração do atleta em carteira de trabalho.

"Colocam 20% do salário em carteira profissional e 80% na imagem, onde não se usa a imagem do atleta para absolutamente nada. Todos sabem que isso é uma fraude, apenas para burlar os impostos", afirma a advogada, acostumada a defender estrelas como Ronaldinho Gaúcho, Edmundo, Marcelinho Carioca e Adriano.

Gislaine comentou o caso de Jonathan, que recebeu R\$ 300 por mês, no Campeonato Sul-Mato-Grossense. Segundo o clube, como não existe piso para a categoria, o atleta profissional deve receber pelo menos R\$ 800 - ou seja, um salário mínimo.

"Um atleta receber R\$ 300, mas infelizmente a realidade ainda é esta dentro do nosso futebol escravocrata, anacão e precarizado", lamentou. Gislaine lembra que os direitos trabalhistas são os mesmos para os atletas com menos de 18 anos que atuam junto aos profissionais.

No caso de atletas com idade entre 14 e 20 anos, pode haver um contrato em forma de bolsa de aprendizagem, onde o clube formador tem direito a indenização calculada sobre 200 vezes o valor gasto com o jogador. "Mas onde uma clube investe em jogador para fazer jus a receber este valor?", questiona Gislaine Nunes.

Calendário prejudica times de divisões de acesso

O calendário do segundo semestre é um grande problema para a maioria dos clubes do futebol brasileiro. A falta de mais competições nas divisões de acesso não permite a permanência dos atletas nas suas respectivas agremiações. O Operário, por exemplo, disputou o elenco após o término do Campeonato Sul-Mato-Grossense. O presidente do clube, Estevão Petrápolis, preferiu não apostar na possibilidade de um torneio seletivo para a Série D do Brasileiro 2017 - que pode acontecer no segundo semestre deste ano.

A realização desta disputa depende da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul. Sem atletas, a Federação preferiu não indicar o atual campeão e Vice do Estadual, para o preenchimento das duas vagas.

"Como vou manter o grupo se não soubermos a data?", questionou Petrápolis. Caso não haja a disputa, a equipe principal do Operário só volta a campo em janeiro, para o Estadual 2017. "Precisamos de um calendário alternativo para não cair na mesma situação de todos os anos, sempre dependendo do Estadual no primeiro semestre", completou o dirigente.

Acostumado a seu rival no futebol sul-mato-grossense, o Comercial tem pela frente a disputa da Série D 2016, em junho. Porém, o clube ainda corre atrás de patrocinadores para fechar o grupo.

QUARTAS DE FINAL

São Paulo sai na frente do Atlético-MG na Libertadores

COM GAZETA ESPORTIVA

O São Paulo venceu o Atlético-MG por 1 a 0, ontem, pelas quartas de final da Copa Libertadores. Diante de 60.287 pessoas - o recorde de público do Brasil no ano - o Tricolor aproveitou o apoio do torcedor e contou com um gol de Michel Bastos para sair na frente na briga pela classificação. Com o resultado, a equipe de Edgardo Baza jogará pelo empate na partida de volta para se garantir na próxima fase.

Autor do gol tricolor, o meia que sofreu na casa direita, Ele foi acionado pelo Paten aos 18 minutos, quando substituiu o meia atacante Kebsin. O texto foi anotado depois que Wesley cobrou uma falta da direita e encontrou o cabeça-de-compartimento, que tirou do alcance do goleiro Victor para marcar.

Na comemoração, uma das grades do setor inferior do Morumbi se rompeu e provocou a queda de diversos torcedores no fôlego do estádio. Feridos, os tricóides tiveram de ser imobilizados e foram levados de ambulância para o hospital mais próximo.

O jogo de volta será realizado às 20h30min (MST) da próxima quarta-feira, no Independência, em Belo Horizonte. O Atlético-MG não terá à disposição a dupla de volantes Rafael Carioca e Júnior Urso, suspensa por conta do terceiro cartão amarelo.

O atacante Robinho se lesionou e precisará passar por uma avaliação médica antes do duelo. Pelo São Paulo, o zagueiro Malcom deixou o gramado com um problema no tornozelo e também deverá ser examinado pelos médicos.

Antes, porém, as equipes terão de se preocupar com a estreia no Campeonato Brasileiro, no fim de semana. O Galo vai a campo no sábado, às 17h30min, contra o Santos, no Independência. Já o São Paulo inicia a competição às 19h de domingo, diante do Botafogo, no estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda.

MEIA. Michel Bastos anotou o gol da partida no Morumbi

(Figura 8: Correio do Estado, 12 de maio de 2016)

Além de Gislaine Nunes, outras duas fontes secundárias contribuíram como especialistas para a construção noticiosa. Em 2015, o engenheiro civil Eduardo Aleixo atestou o laudo técnico que deliberava a retoma da utilização do Estádio Pedro Pedrossian, interditado:

Na época, o engenheiro Eduardo Aleixo atestou o laudo com validade de dois anos, mas recomendou 'uma criteriosa programação para a solução definitiva solução dos problemas'. No laudo feito em 2012, o engenheiro também refez os cálculos para a capacidade de lotação do estádio, construído para receber 42 mil torcedores. O limite estipulado foi de 26.760 pessoas sentadas, sendo 3.920 cadeiras e 22.840 lugares na arquibancada. (Correio do Estado, 15 de fevereiro de 2015).

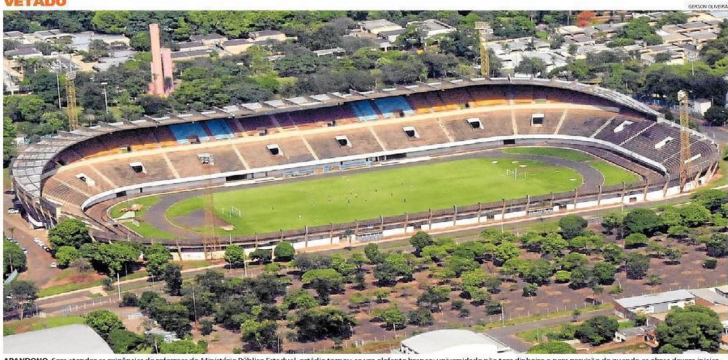
Figura 8 – “Parado no tempo, Morenã precisa de R\$ 2 mi em reforma”

CORREIO DO ESTADO
DOMINGO, 15 DE FEVEREIRO DE 2015

esportes@correiodoestado.com.br

ESPORTES

VETADO



ABANDONADO. Sem atender as exigências de reformas do Ministério Público Estadual, estádio tornou-se um elefante branco, universidade não tem dinheiro e nem previsão de quando as obras devem iniciar

Parado no tempo, Moreirão precisa de R\$ 2 mi em reforma

Palco de grandes jogos, estádio está vetado e sem previsão de obras para voltar a sediar partidas

RAFAEL BUENO
Depois de receber grandes esportistas com público de quase 40 mil pessoas, o Moreirão está parado no tempo e precisa de R\$ 2.166.520,00 para atender as reformas exigidas pelo Ministério Público Estadual (MPJE) e voltar a sediar jogos de futebol. Mas sem dinheiro em caixa, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul não tem previsão de início das obras e o local segue vetado para partidas oficiais.

Enquanto a situação não é definida, as equipes da Capital ainda encontram dificuldades para definir local para jogar e apenas as Moreninhas estão liberadas. O Moreirão foi interditado no dia 17 de setembro, após laudo técnico de engenharia apontar uma série de problemas na estrutura.

Os engenheiros encontraram rachaduras no concreto, oxidação nas ferragens, partes da marquise comprometidas e infiltrações nas arquibancadas. Além disso, problemas já tinham sido apontados em outro laudo, feito em 2012 (ver abaixo).

Segundo o último relatório, não há risco imediato de desabamento da estrutura. Porém, com o tempo se nada for feito para evitar a oxidação da ferragem, a estrutura vai perder gradualmente sua resistência e pode vir a ruir.

Outro problema que levou a interdição do estádio são as geadas de ferrugem, que podem causar incidentes ao público. As barras de ferro ainda podem ser facilmente removidas e utilizadas como armas, em conflitos de torcidas.

A questão da higiene também foi apontada no laudo de condições sanitárias. Foram encontrados vasos e lixeiras sem tampa, além de acúmulo de sujeira no chão dos banheiros. Outro item a destacar, é que o estádio não dispõe de bebedouros com água potável.

ANTIGOS PROBLEMAS
Não é de agora que o Estádio Moreirão precisa de reformas. A última vitória que levou o uso do estádio, feita em 3 de dezembro de 2012, já apontava problemas estruturais.

Não é de agora, o engenheiro Eduardo Aleixo, atestado o laudo de 2012, que o estádio não dispõe de bebedouros com água potável.

38 mil
No dia 23 de fevereiro de 1978, o Estádio Moreirão registrou o maior público pagante, desde a sua fundação em 1971. Um total de 38.122 torcedores acompanharam a vitória do Operário sobre o Palmeiras, pelo placar de 2 a 1, pela Terceira fase do Campeonato Brasileiro de 1977. Os gols foram de Everaldo e Tadeu Santos.

PAGANTES
No dia 23 de fevereiro de 1978, o Estádio Moreirão registrou o maior público pagante, desde a sua fundação em 1971. Um total de 38.122 torcedores acompanharam a vitória do Operário sobre o Palmeiras, pelo placar de 2 a 1, pela Terceira fase do Campeonato Brasileiro de 1977. Os gols foram de Everaldo e Tadeu Santos.

REFORMA
Segundo o administrador do Estádio Moreirão, João Iair Surante, todas as recomendações do Ministério Público Estadual foram incluídas no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFMG.

Antes, a instituição aguarda a aprovação das obras e repasse de verbas do Governo Federal para realizar os ajustes necessários. Contudo, ainda não há nada definido em relação ao início das obras.

Falta de estádio leva as equipes da Capital para interior
Sem o Estádio Moreirão para jogar, os clubes da Capital, Cene, Comercial e Novoperário, sofreram para realizar as suas partidas neste Campeonato Estadual. Somente neste final de semana, depois da terceira rodada, que o Estádio das Moreninhas foi liberado para receber partidas.

Até mesmo o Cene, único clube da Capital que possui estádio próprio, teve que jogar em Rio Brilhante, logo porque o estádio Olho do Falcão foi interditado por falta de laudo da Vigilância Sanitária.

Para o técnico da equipe Ney Magalhães, jogar fora da Capital interfere diretamente na preparação para os jogos.

"Temos uma semana inteira em um campo e vamos jogar em outro", diz.

Além disso, ele lembra que a despesa por viagem é de pelo menos R\$ 2 mil, com o transporte, a alimentação e estadia dos atletas. "Tão ruim falar no aluguel pelo campo", pontua Magalhães.

Local nunca teve uma ampla reforma
Desde a sua inauguração, em 7 de março de 1971, o Estádio Moreirão que já teve parte da sua marquise desabada, nunca recebeu uma ampla reforma. O incidente foi em 1972, durante a Taça Independência, realizada no Brasil, em comemoração do 50º aniversário da Independência.

A competição teve participação de 20 equipes, e o Moreirão recebeu o jogo do grupo da Bolívia, Paraguai e da amiga húngara. O jornalista Pierre Adri recorda do incidente. "Foi de noite, por sorte não havia ninguém no estádio".

Com o desabamento, a área que cobria foi interditada para o andamento da competição na Capital. O Brasil ganhou a taça, depois de vencer Portugal, por 1 a 0, na final, no Maracanã.

Outras pequenas reformas também foram feitas no Moreirão, como a de 1973, com o reforço estrutural da marquise. Além disso, em 2009, uma infiltração também na marquise levou a interdição do estádio.

O problema foi sanado, com a impermeabilização das lajes com manta asfáltica. Em 2011, o Moreirão recebeu recobrimento de concreto nos pilares. No ano seguinte, foi a vez do espaço utilizado pela Polícia Militar ser reformado.

HISTÓRIA Quebra da marquise em 1972 causou o fechamento do estádio e precisou de reforma

(Figura 9: Correio do Estado, 15 de fevereiro de 2015).

Por fim, em abril de 2017, o advogado Thiago Fernandes emitiu um parecer na condição de especialista a respeito de uma punição sofrida pelo jogador Rodrigo Arroz, então atleta do Operário. No seu entendimento, o atleta acabou por infringir regras de jogo e deveria sofrer punições na esfera da justiça desportiva. “Nós entendemos que não prescreveu porque foi uma infração permanente. O atleta continuou jogando irregular, então não se aplica essa regra” (Correio do Estado, 18 de abril de 2017).

CORREIO DO ESTADO
TERÇA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2017

esportes@correiodoestado.com.br

ESPORTES

ESTADUAL

Corumbaense reforça acusação em suposta escalação irregular

O centro da disputa no Tribunal de Justiça Desportiva é o volante Eduardo Arroz, do Operário

JONES MARIO

O Corumbaense reforçou no Tribunal de Justiça Desportiva (TJD-MS) as acusações já feitas por Comercial e União sobre a suposta irregularidade envolvendo a escalação do volante Eduardo Arroz, do Operário, no Campeonato Sul-Mato-Grossense 2017, e pediu a desclassificação do time de Campo Grande. O clube ainda anexa ao recurso ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), caso o Galo não seja denunciado na primeira instância.

A equipe de Corumbá também suspeita da conduta do procurador Thiago Monteiro Yatro, do TJD-MS, que rejeitou as notícias de infração disciplinar desportiva na tarde de ontem. O advogado do time, Thiago Fernandes, alega que não há prescrição do tempo estipulado para denúncia.

“Não entendemos que não prescrever porque foi uma infração permanente. O atle-

“O correto é que tem que prevalecer. A cidade de Corumbá está envergondada com tudo isso”

Laio Bovo Delgado, presidente do Corumbaense

ta continuou jogando irregular, então, não se aplica essa regra”.

De acordo com Fernandes, o Corumbaense pede a desclassificação do Operário do Estadual e, assim, o Urufutis as anulações com o Cartão da Avenida. Para que o Galo seja

Julgado pelo Pleno do TJD-MS, o tribunal deve aceitar a notícia de infração e fazer a denúncia. Se o urufutis não funcionar, a equipe de Corumbá promete recorrer ao STJD.

A argumentação do Operário se baseia em artigo do

nos dias 1º e 5 de fevereiro. Quando jogava pelo Sete, no Estadual do ano passado, Arroz foi suspenso por três jogos após o confronto de volta da semifinal, mas só cumpriu a suspensão automática na partida de ida da decisão. Assim, não poderia ser escalado desde o início do Sul-Mato-Grossense 2017, como foi.

A movimentação do Cartão no extracampo envolve também um pedido de reexame da opinião pelo arquivamento das denúncias de irregularidade do Operário, enviada pelo procurador Thiago Monteiro Yatro. “Ficamos indignados com o direcionamento dessa questão. Além dele [Yatro] ser operário, isso é sócio do advogado do clube”, aponta Thiago Fernandes. A reportagem tentou contato com o advogado do Operário, Rafael Metelkes, mas não obteve retorno até o fechamento da matéria.

JUSTIÇA Adversários no campo, Corumbaense e Operário também rivalizam no tribunal

REAÇÃO

Depois de ter seus canais de mídias sociais inundados por comentários de brasileiros indignados por uma declaração feita após a classificação para o GP do Brasileirão, Max Verstappen emitiu comunicado ontem desculpando-se pelo ocorrido. O holandês disse que seus comentários foram tirados de contexto e ditos de cabeça quente após a definição do grid.

No sábado, o piloto da Red Bull disse ter sido atrapalhado por Felipe Massa na preparação de sua última volta rápida na parte final da classificação. Quando perguntado se tinha procurado o brasileiro para reclamar, Verstappen disse: “é o brasileiro, então não há o que discutir”. A declaração não foi bem recebida no Brasil.

A reportagem, no entanto, que Verstappen sequer tocou no assunto com ele após o treino classificatório. E, logo antes da

corrida, o brasileiro conversou com o piloto de 19 anos. “Eu falei para ele: ‘Tomou cuidado com o que você fala porque você vai ter que ir para o Brasil com ele. Cuidado com o que você fala’”.

Massa seguiu ainda que tinha atrapalhado a volta de Verstappen. “Ele precisava colocar a culpa em alguém por não ter terminado na frente do campeonato”, afirmou. Após a polêmica, Verstappen explicou o ocorrido. “Eu sinto que preciso esclarecer minhas declarações feitas após a sessão de classificação do final de semana”, publicou em suas mídias sociais.

“Sendo um piloto apaixonado, fiquei muito desapontado com o meu último stint e tive uma reação emocional que foi tirada de contexto. De modo algum quis insultar o povo brasileiro”, disse

CARIOCA

Flu diz que não abre mão do lado direito do Maracanã contra o Vasco

RIO

O tempo passa, mas as polêmicas que envolvem o Campeonato Carioca se repetem ano após ano. Rival na semifinal de sábado (22), Fluminense e Vasco esbarraram em uma discussão histórica para anular o Maracanã. Com contrato em vigor com a conveniência que administra o estádio, o Fluminense jantava não apenas de ter a sua torcida ao lado direito das cabanas de rifão. Por meio de sua assessoria de imprensa, o clube informa “que o Fluminense quer que seja cumprido o regulamento que determina o jogo no Maracanã e dentro das condições contratuais”.

O Vasco, por sua vez, espera fazer valer o direito adquirido pela tradição. Primeiro campeão do Maracanã, o time

sempre pôde optar pelo lado que gostaria de ocupar. Logo após a final da Taça Rio, Rui Rio Branco, vice de futebol vasco e filho do presidente Turcão Miranda, já indicou que as tradições devem ser desrespeitadas, dificultando jogarmos no Maracanã”, disse o dirigente. Além disso, em meio aos valores envolvidos na operação também dificultam a realização do clássico no Maracanã. A conveniência pode valores que variam de clubes

FLA E BOTAFOGO

A semifinal do Campeonato Carioca entre Flamengo e Botafogo, domingo (23), às 16h (de Brasília), será realizada no Maracanã. A decisão foi tomada na tarde de ontem, após reunião entre a FCF (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro) e a conveniência responsável pelo estádio. Os clubes terão mantidos. O aluguel do estádio sairá por R\$ 275 mil - mesmo valor cobrado pela Odebrecht na semifinal da Taça Rio. A expectativa é a de um bom público para que os clubes evitem prejuízos, o que acontece com Flamengo e Vasco. Organizações para a semifinal estão calculadas em R\$ 1,3 milhão.

POLÊMICA Torcida quer o lado direito do estádio contra o Vasco

BATE-BOLA

COPA DE 2022

Estádio entra em reta final de reforma e ganha gramado

Operários já começam a reabrir o gramado no Khalifa Stadium, estádio que está sendo reformado para receber a Copa do Mundo de 2022, no Catar. Com capacidade para 40 mil pessoas, ele teve parte demolida da antiga estrutura, mas já está 99% pronto, segundo a organização. O estádio, inclusive, pode receber seu primeiro jogo no dia 19 de maio, na final da Copa do Emir. O jogo será lá foi um pedida do Emir do Catar, o sheikh Tamim bin Hamad Al Thani, mas o presidente da federação ainda aguarda a confirmação das autoridades responsáveis de que as obras estarão realmente prontas até lá.

CHELSEA

Chelsea e Terry encerraram um casamento de 22 anos ao final desta temporada. O clube e jogador estão em um acordo que o jogador deixará o clube ao final do Campeonato Inglês. O futuro do zagueiro inglês está indefinido.

FÓRMULA 1

Esposa de Schumacher reaparece em público

Sem revelar detalhes sobre o estado de saúde do heptacampeão Michael Schumacher desde o acidente sofrido em 2013, Corinna, esposa dele, há 22 anos, voltou ao público em uma aparição na estreia da filha Nicky na Fórmula 1 Europeia, após dois vice-campeonatos na F-4, e manteve a discrição.

CAMPEONATO INGLÊS

Brighton é o primeiro a subir para próxima temporada

Depois de 34 anos fora do elite, o Brighton é o primeiro clube a subir para o Campeonato Inglês na próxima temporada. A confirmação veio ontem com o empate entre Huddersfield Town e Derby County por 1 a 1. Com o resultado, o clube do sudeste da Inglaterra abriu vantagem de 13 pontos.

(Figura 10: Correio do Estado, 18 de abril de 2017)

Após as constatações acima, parte-se para a interpretação da construção das notícias esportivas no âmbito do jornal *Correio do Estado* a partir dos canais de informação recorridos pelos repórteres. Como já mencionado, em termos metodológicos, uma das principais contribuições da obra de Sigal (1974) é a proposição de uma tipologia para o estudo dos canais pelos quais as informações chegam aos jornalistas.

A categorização do autor remete a três modalidades principais: os canais “de rotina”, os canais “informais” e os canais “corporativos”. Conceitualmente, os canais “de rotina” remetem a conferências e comunicados de imprensa, audiências e eventos oficiais. Já os canais “informais” dizem respeito a vazamentos, a procedimentos não-governamentais ou a reportagens de outras organizações de notícias. No caso da presente pesquisa, em sintonia com Jeronimo (2019), entende-se também as postagens em redes

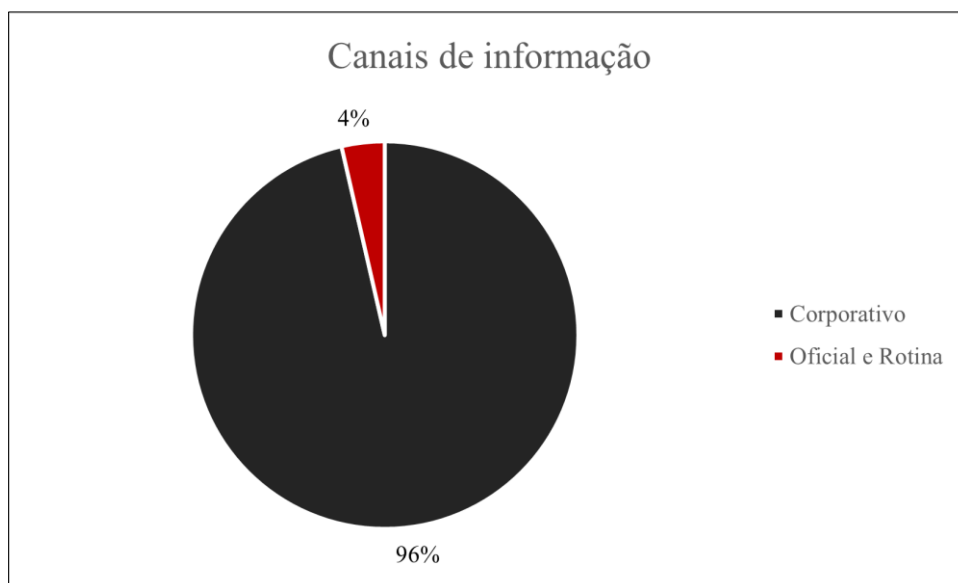
sociais na internet (manifestações, evidentemente, não mapeadas no estudo original do sociólogo estadunidense) como típicas do canal informal. Por sua vez, os “canais corporativos” relacionam-se a entrevistas realizadas por iniciativa dos próprios repórteres, bem como a eventos espontaneamente presenciados pelos jornalistas, além de pesquisas em bases de dados e de conclusões e análises oriundas das próprias redações.

Tabela 14 – Canais de informação dentro do Correio do Estado (2015-2020)

CANAIS DE INFORMAÇÃO								
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total	%
Corporativo	133	83	99	113	74	8	510	96,4
Rotina	6	7	2	2	1	1	19	3,6
Total	139	90	101	115	75	9	529	100

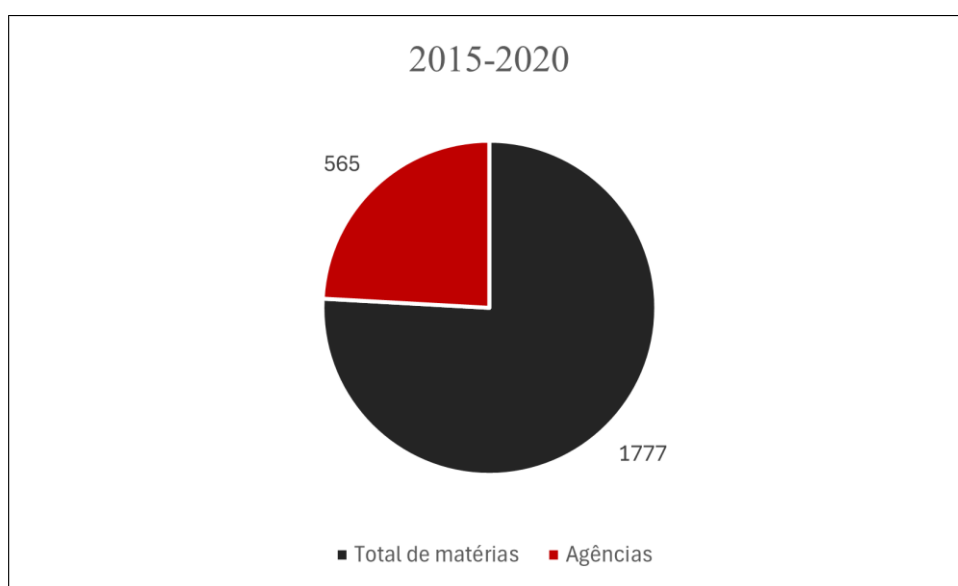
(Elaboração do autor, 2025)

Diante dos números, é possível constatar a predominância dos canais corporativos, fator que elucida o *modus operandi* dos repórteres, que buscaram majoritariamente o contato direto com suas fontes (96,4%) ou 510 vezes. Em contrapartida, os demais contatos ou coleta de informações ocorreram por meio de conferências ou coletivas de imprensa. Ao longo dos seis anos, não houve coletas a partir de canais informais ou vazamentos de fontes. Cabe salientar que o número de canais se sobrepõe ao número de fontes, pois, em uma ocasião, não foi possível identificar o meio consultado pelo repórter, haja visto que a matéria em questão foi concebida sem o contato com nenhuma fonte.

Gráfico 10 – Canais de informação

(Elaboração do autor, 2025)

Finalmente, para além das constatações já realizadas, faz-se necessário mensurar a presença das agências de notícia na construção no caderno esportivo do *Correio do Estado* no interior do período em questão. Das 1,7 mil edições analisadas, 565 – ou seja, 31,8% – foram construídas apenas com conteúdos de agências de notícias. Em um panorama geral, três em cada 10 edições não contaram com a presença de nenhuma fonte ou matéria regional, fator que contribui ainda mais para o apagamento simbólico do esporte regional.

Gráfico 11 – Agências de Notícias

(Elaboração do autor, 2025)



(Figura 11: Correio do Estado, 5 de abril de 2017)

Em 2020, ano afetado pela pandemia de Covid-19, duas edições foram compostas apenas com conteúdos de agências. Em 2019, 172 edições detinham as mesmas características. No ano anterior (2018), foram 162 edições, seguidas de 2017, com 84 edições, de 2016, com 79 edições, e de 2015, com 66 edições. A edição de 5 de abril de 2017, acima, ilustra o apagamento simbólico da própria figura do repórter na editoria esportiva do *Correio do Estado* nos últimos anos. Constata-se, nesse contexto, um aumento da presença das agências de notícia com o passar dos anos. Entende-se, tal como debatido no segundo capítulo, que os fatores podem estar interligados com o enxugamento da própria redação, reformulada em 2018, perdendo protagonismo frente à importância histórica do veículo nas décadas anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo empreendido neste trabalho permitiu compreender, em profundidade, a dinâmica do jornalismo esportivo praticado pelo *Correio do Estado* entre os anos de 2015 e 2020, sobretudo no que tange à editoria de esportes e à centralidade conferida ao futebol em detrimento de outras modalidades. Ao longo das análises, constatou-se que o periódico manteve forte dependência de narrativas esportivas vinculadas ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo, relegando ao segundo plano tanto o esporte regional quanto a diversidade esportiva existente no Mato Grosso do Sul.

Sob a perspectiva metodológica, a utilização da análise de conteúdo (Bardin, 1977) mostrou-se adequada para desvendar a lógica latente das construções noticiosas, permitindo identificar padrões, recorrências e lacunas na cobertura. Conforme apontado pela autora, a atenção às condições de produção e às escolhas editoriais é essencial para compreender os sentidos não aparentes que atravessam o discurso jornalístico. Assim, a pesquisa evidenciou que, ainda que haja certa diversidade na seleção de pautas, a editoria esportiva do *Correio do Estado* sustentou-se majoritariamente em fontes primárias, privilegiando atores diretamente vinculados ao espetáculo esportivo – jogadores, técnicos e dirigentes –, enquanto reduziu drasticamente o espaço das fontes secundárias ou especializadas, responsáveis por ampliar a complexidade do debate.

Tal constatação remete à concepção de Soley (1992) sobre os *news shapers* — agentes capazes de moldar a narrativa jornalística ao oferecer explicações e contextualizações. No caso em análise, a quase ausência dessas vozes reforça uma construção noticiosa limitada, centrada no imediatismo do binômio vitória–derrota, o que contribui para o esvaziamento de dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais que atravessam o esporte.

Outro ponto que merece destaque é a hierarquia de modalidades. Com base em Betti (2002), é possível afirmar que a editoria esportiva reproduziu o fenômeno da “monocultura esportiva”, na qual o futebol ocupa mais de dois terços do espaço midiático, consolidando-se como pauta hegemônica. Em números absolutos, aproximadamente 90% das matérias sobre futebol foram dedicadas ao cenário nacional, enquanto apenas 9,8% trataram do futebol regional, índice que evidencia a invisibilidade dos clubes, atletas e competições locais. A disparidade não apenas reduz a visibilidade da prática esportiva sul-mato-grossense, mas também reforça a lógica de centralização midiática que caracteriza o jornalismo esportivo brasileiro.

Esse quadro se conecta com as reflexões de Maluly e Longo (2020), para quem a cobertura esportiva é atravessada por tensões próprias, a partir das quais a proximidade entre jornalistas, atletas e dirigentes influencia as rotinas produtivas. A análise do *Correio do Estado* evidencia como a editoria não apenas priorizou a cobertura de grandes eventos nacionais e internacionais, mas também manteve forte dependência do oficialismo das fontes (Sigal, 1974). Aproximadamente um terço das matérias analisadas mobilizou gestores públicos, dirigentes de federações e representantes estatais, cenário que limita o espaço de discursos contra-hegemônicos e reforça uma cobertura oficialista, pouco plural.

A pesquisa também revelou desequilíbrios de gênero. O baixo percentual de mulheres mobilizadas como fontes (apenas 6%) confirma a perpetuação de desigualdades estruturais, já apontadas por John (2014), Veiga e Moraes (2019) e, mais recentemente, por Barsotti e Carvalho (2024). O apagamento feminino, tanto na produção quanto na representação jornalística, reproduz assimetrias históricas do campo esportivo e do próprio jornalismo, reforçando a hegemonia masculina nas narrativas. Ainda que casos pontuais de jogadoras de destaque tenham conquistado espaço, o tempo projetado para que a representatividade feminina se equiparasse à masculina – mais de 70 anos, segundo os cálculos – é sintomático da persistência desse desequilíbrio.

Nesse sentido, as análises de Ferreira *et al.* (2018) mostram-se pertinentes: o predomínio da cobertura do futebol masculino e de seus treinadores indica que a própria lógica avaliativa da editoria contribui para a cristalização de representações assimétricas. No *Correio do Estado*, esse processo também se verificou, limitando o protagonismo de mulheres atletas, técnicas ou torcedoras a aparições esporádicas.

Outro achado relevante refere-se aos canais de informação (Sigal, 1974). A predominância dos canais corporativos (96,4%) revela a dependência dos repórteres do contato direto com suas fontes, sem mediações institucionais robustas, como coletivas de imprensa ou assessorias estruturadas. Esse quadro expõe a fragilidade do ecossistema comunicacional do futebol regional, marcado pela carência de profissionalização dos clubes e pela ausência de departamentos de comunicação capazes de potencializar a visibilidade das equipes locais. Ademais, o alto índice de edições integralmente baseadas em matérias de agências de notícias (31,8%) evidencia a crescente terceirização da cobertura, processo agravado pela reestruturação da redação em 2018 e pelo impacto da pandemia de Covid-19 em 2020.

Num plano mais amplo, Gans (2004) lembra que a relação entre repórteres e fontes pode ser comparada a uma dança, na qual ambos os lados se influenciam

mutuamente. Nos casos analisados, a “dança” restringiu-se a um círculo limitado de atores – técnicos, dirigentes e atletas homens –, o que comprometeu a diversidade e a pluralidade da construção noticiosa. Essa lógica redundante, em que “os mesmos bailarinos dançam ao som da mesma música”, reforça padrões estruturais de invisibilidade e de “monocultura esportiva” (Betti, 2002).

Do ponto de vista do calendário competitivo, outro elemento que afetou diretamente a frequência das fontes foi o curto período de participação dos clubes sul-mato-grossenses nas competições nacionais, restrito em sua maioria ao primeiro semestre de cada ano. Essa limitação contribuiu para a concentração de matérias e de fontes nesse período, seguida por um esvaziamento sistemático no segundo semestre. O dado não apenas reafirma a fragilidade esportiva da região, como também evidencia a dependência da editoria de pautas externas (eventos nacionais e internacionais) para manter sua regularidade.

Por fim, cabe salientar que a pesquisa não apenas revelou o predomínio do futebol e o apagamento do esporte regional, mas também apontou para os limites da prática jornalística em si. A reduzida mobilização de especialistas, a baixa diversidade de modalidades, a sobreposição masculina e a dependência de agências de notícias configuram um retrato que, embora específico ao *Correio do Estado*, ecoa tendências estruturais do jornalismo esportivo brasileiro.

Em termos práticos, os resultados aqui sistematizados podem contribuir para a reflexão crítica sobre os rumos da cobertura esportiva regional, especialmente diante da necessidade de ampliar a representatividade de atletas locais, de diversificar as modalidades contempladas e de promover maior equilíbrio de gênero na construção das narrativas. Além disso, os achados reforçam a importância de fortalecer os canais institucionais de comunicação dos clubes e federações, de modo a reduzir a dependência do “oficialismo” (Sigal, 1974) e da “monocultura esportiva” (Betti, 2002) centrada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Conclui-se, portanto, que o estudo longitudinal da editoria esportiva do *Correio do Estado* permite compreender não apenas as dinâmicas locais de produção da notícia esportiva, mas também as estruturas mais amplas que condicionam o jornalismo esportivo no Brasil. Em última instância, os dados confirmam que o campo esportivo, atravessado por relações de poder, desigualdades de gênero e lógicas de mercado, reflete e reproduz tensões sociais mais amplas. A superação dessas limitações exige não apenas mudanças na prática jornalística, mas também transformações no próprio ecossistema esportivo

regional e nacional, de modo a possibilitar um jornalismo mais plural, inclusivo e representativo.

A partir das constatações apresentadas, vislumbram-se caminhos possíveis para o fortalecimento do jornalismo esportivo regional e para a superação das assimetrias evidenciadas. Em primeiro lugar, torna-se imprescindível o investimento na formação crítica e especializada de jornalistas, sobretudo no interior do país, com o objetivo de ampliar repertórios e diversificar as pautas esportivas, fortalecendo coberturas esportivas regionais.

A criação de núcleos de pesquisa e observatórios regionais de mídia e esporte pode contribuir para monitorar a produção local, gerar indicadores sobre representatividade e oferecer subsídios às redações. Paralelamente, é necessário estimular os clubes e federações a estruturarem departamentos de comunicação profissionalizados, capazes de atuar de forma estratégica na divulgação de informações, fortalecendo a visibilidade do esporte regional e reduzindo a dependência de canais corporativos e de agências externas.

No plano das políticas públicas, sugere-se a criação de editais de fomento ao jornalismo esportivo local e de programas de incentivo à cobertura de modalidades diversas e de atletas mulheres, de modo a promover maior pluralidade de vozes e contribuir para a desconcentração do eixo Rio–São Paulo. Tais iniciativas podem ser complementadas por parcerias entre universidades e veículos de comunicação, promovendo intercâmbio entre a pesquisa acadêmica e a prática profissional.

No campo das pesquisas possíveis, um primeiro eixo diz respeito ao aprofundamento da análise comparativa entre diferentes veículos regionais e nacionais, o que permitiria compreender com maior precisão como o jornalismo esportivo brasileiro reproduz hierarquias simbólicas e desigualdades de visibilidade. Outro caminho seria o estudo imersivo acerca das novas práticas comunicacionais mediadas pelas redes sociais digitais, nas quais atletas, clubes e torcedores se tornam produtores de conteúdo e, portanto, agentes de mediação informacional. Essas investigações poderiam indicar transformações nas noções de fonte e de autoridade jornalística diante da emergência de novos atores comunicativos.

Também se apresentam como promissores os estudos sobre os impactos da digitalização nas rotinas produtivas das editorias esportivas regionais, especialmente em um cenário de redução de equipes e de terceirização de conteúdo. Pesquisas que relacionem os efeitos das plataformas, algoritmos e métricas de engajamento à cobertura

esportiva podem revelar novas formas de dependência tecnológica e econômica dos veículos de imprensa locais.

Por fim, há um campo fértil para pesquisas interdisciplinares que integrem comunicação, sociologia, antropologia e estudos de gênero, com o propósito de examinar as representações simbólicas e as relações de poder que atravessam a cobertura esportiva. Estudos de recepção e análises discursivas comparativas poderiam avaliar como o público local percebe o esporte e quais sentidos são atribuídos às narrativas jornalísticas sobre o futebol regional. Essas investigações complementariam o presente trabalho, permitindo mapear de forma mais ampla a interação entre mídia, identidade e cultura esportiva em Mato Grosso do Sul.

Em síntese, o fortalecimento do jornalismo esportivo regional depende de um esforço coletivo (acadêmico, institucional e profissional) que promova a diversidade, a inclusão e a valorização do esporte enquanto prática social e cultural. Tais caminhos apontam para a possibilidade de um jornalismo mais plural, crítico e representativo, capaz de contribuir efetivamente para o desenvolvimento democrático e cultural de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de (org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ALCOFF, Linda. O problema de falar por outras pessoas. Tradução de Vinícius Rodrigues Costa da Silva, Hilário Mariano dos Santos Zeferino e Ana Carolina Correia Santos das Chagas. **Abatirá: Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 1, p. 409-438, 2020.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 351p.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. **Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul**. 2006. 252 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2006.

ARAKAKI, Suzana. **As implicações do golpe civil-militar no sul de Mato Grosso: apoio civil, autoritarismo e repressão (1964-1969)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2015. 213 f.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Futebol, uma fantástica paixão: A história do futebol campo-grandense** – tomo I. Campo Grande. 1997.

A TRIBUNA, 1974. **Santos perdeu para o Operário: O gol foi de Toninho**. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=153931_02&pagfis=59075. Acesso em: 10 jun de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARSOTTI, Adriana; CARVALHO, Júlia da Cruz. **Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: a face oculta da assimetria nas páginas de jornais**. Alceu, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 120-141, 2024.

BASSETTO, Silvia Regina. **Jornalismo impresso na era da internet: como funciona a redação do jornal Correio do Estado, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2008.

BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, n. 17, p. 1–3, 2002.

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. 2º v. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BREED, Warren. Social control in the news room: a functional analysis. In: SCHRAMM, Wilbur. **Mass communications: a book of readings selected**. Urbana, Chicago e Londres: University of Illinois Press, 1960.

CABREIRA, Mário Márcio R. Entrevista II. 4. dez. 2024]. Entrevistador: Alison dos Santos Silva. 1 arquivo .mp3 (18 min). Campo Grande, 2024.

CAMPO GRANDE NEWS. **Após 45 anos, Correio do Estado deixa Calógeras e prédio deve virar Planurb**. 2025a, 21 de maio. Disponível em: <https://cdn1.campograndenews.com.br/cidades/capital/apos-45-anos-correio-do-estado-deixa-calogeras-e-predio-deve- virar-planurb>. Acesso em: 20 jul 2025.

CAMPO GRANDE NEWS. **Petrallás é eleito para comandar o futebol em MS até 2027**. 2025b, 8 de abril. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/esportes/petrallas-e-eleito-para-comandar-o-futebol-em-ms-ate-2027>. Acesso em: 27 jul. 2025.

CÂNCIO, Marcelo V. S. Entrevista I. [22. nov. 2024]. Entrevistador: Alison dos Santos Silva. 1 arquivo .mp3 (35 min). Campo Grande, 2024.

CORREA, Línive de Albuquerque. **Grupo Correio do Estado de jornal a conglomerado midiático (1954-1980)**. 2018. 304 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

DAL MORO, Nataniél. **Espaço público e territorializações noturnas no centro da cidade de Campo Grande: praça Ary Coelho e seu entorno**. Territórios e Fronteiras (Online), v. 5, p. 202, 2012.

DAURIA, Breno B.; SALERNO, Marina B.; SANTOS, Silvan Menezes. A desertificação midiático-esportiva do Mato Grosso do Sul: primeiras análises e reflexões sobre a cobertura jornalística do esporte local. **Alterjor**, v. 23, p. 344-362, 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FERNANDES, Mario Luiz. **Apontamentos para uma história da imprensa de Mato Grosso do Sul**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 6, n.1, 2017.

FERNANDES, Mario Luiz; BOIAGO, Eduardo O.; CÂNCIO, Marcelo V. **Jornal O Iniciador: modernidade e origens da imprensa em Mato Grosso do Sul**. In: Anais do VII Encontro Centro-Oeste de História da Mídia. Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia, Campo Grande, 2025.

FERREIRA, Heidi J.; METZNER, Andreia C.; FERREIRA, Janaína S.; CUNHA, Luiza D.; PINTO, Arthur S.; MURBACH, Marina A.; DRIGO, Alexandre J. A. **Mídia e esporte: representações sobre treinadores em um jornal impresso**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 40, n. 4, p. 397-403, 2018.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. Illinois: Northwestern University Press, 2004.

GIGLIO, Sérgio Settani; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Revolução com espírito empresarial”: a criação do Clube dos 13 e a modernização do futebol na Folha de S. Paulo. **Argumentos**, v. 18, p. 45-82, 2021.

GLOBO ESPORTE. **Liga Terrão 2025: confira os grupos e os mais de 300 times**. 2025, 13 de agosto. Disponível em: <https://ge.globo.com/ms/liga-terrao-ms/noticia/2025/08/13/liga-terrao-2025-confira-os-grupos-e-os-mais-de-300-times.ghtml>. Acesso em: 13 ago 2025.

GLOBO ESPORTE. **MP denúncia Cezário e mais 11 por suspeita de desvio de R\$ 6 milhões da Federação de Futebol de MS**. 2024, 6 de junho. Disponível em: <https://ge.globo.com/ms/noticia/2024/06/06/mp-denuncia-cezario-e-mais-11-por-suspeita-de-desvio-de-r-6-milhoes-da-federacao-de-futebol-de-ms.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GOIS, Alline Ribeiro de. **Correio do Estado: porta-voz da ideologia udenista na Ditadura Militar**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS. 2020.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: Ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, Cesar. A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Eco-Pós**, v. 5, n.1, p. 37-55, 2002.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HIRATA, Edson. Clube dos 13: ícone inacabado da modernização do futebol brasileiro (1980-2012). **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 18, 2013.

HISTÓRIA do Operário Futebol Clube. Disponível em: <https://operario.com.br/historia>. Acesso em: 04 nov, 2022.

JERONYMO, Raquel de Souza. **Enquadramento jornalístico do impeachment de Dilma Rousseff em revistas semanais: gênero como quadro de referência primário**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2019.

JOHN, Valquiria Michela. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, p. 498-509, 2014.

KICHINHEVSKYK, Marcelo; CHAGAS, Luãn. Diversidade não é igual à pluralidade? Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia**, v. 1, p. 111-124, 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta. **Intexto**, n. 34, p. 606- 622, 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MALULY, Luciano Victor Barros; LONGO, Gustavo de Araújo. **A construção da notícia esportiva: conceitos e autores**. Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, SP, v. 46, n. 2, p. 231-254, dez. 2020.

MARTINS, Demosthenes. Campo Grande: **Aspectos Jurídicos e políticos do Município**. Campo Grande, MT: Alvorada, 1972. 62 p.

MARTINS, Oclécio Barbosa. **Pela defesa nacional: Estudo sobre redivisão territorial do Brasil**. Rio de Janeiro: Graf. Barbero, 1944.

MIRANDA, José Eduardo. Entrevista III. 8. jan. 2025]. Entrevistador: Alison dos Santos Silva. 1 arquivo .mp3 (21 min). Campo Grande, 2024.

MORAES, Denis. **O planeta mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Márcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. In: Encontro Anual da COMPOS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

MSNOTÍCIAS, 2023. **Francisco Cezário assume novo mandato à frente da FFMS**. Disponível em: <https://msnoticias.net/site1/2023/04/28/francisco-cezarioassume-novomandato-a-frente-da-ffms/>. Acesso em: 13 jun, 2023.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

No Brasileirão de 1977, **Operário e Londrina Surpreenderam**. Disponível em: <https://www.ofutebologo.com.br/2022/09/operario-londrina-brasileiro-1977.html>. Acesso em 13 de jun, 2023.

OURIQUES, Nilso Domingos. **A modernização Conservadora do Futebol Nacional**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1998.

PLACAR, 2016. **O que aconteceu com os clubes sul-mato-grossenses que já jogaram a primeira divisão?**. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/oque-aconteceu->

comclubes-sul-mato-grossenses-que-ja-jogaram-1-divisao-nacional/ Acesso em: 12 jun, 2023.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo. 1998.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Divisionismo e “identidade” mato-grossense e sul-mato-grossense: Um breve ensaio**. CPDO-UFMS, Maio de 2005. 25 p. (mimeo).

RAFAEL, Hélder. **Almanaque do Futebol Sul-Mato-Grossense**. Edição do autor. Campo Grande, 2017.

ROBINSON, Gertrude Joch. **News Agencies and World News**. In Canada, the United States and Yugoslavia: Methods and Data. Fribourg: University of Fribourg Press, 1981.

ROCHA, José Milton. **Imprensa, internet e história: a produção da notícia em impressos e cibermeios de Dourados (MS)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2020.

RODRIGUES, José Barbosa. Correio do Estado: **Histórico. ARCA** - Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande, Campo Grande - MS, n. 1, p. 25, jan. 1990.

SANFELICE, Gustavo Roese. Campo midiático e Campo Esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 31, n. 2, p. 137-153, 2010.

SANTOS, Anderson David G. **Os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

SCHWENGBER, Isabela de Fátima. **Representações do MST na imprensa de Mato Grosso do Sul (1995 a 2000)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2005.

SHOEMAKER, Pamela J., VOS, Tim P. **Gatekeeping theory**. New York e Londres: Routledge, 2009.

SHOEMAKER, Pamela J. e REESE, Stephen D. **Mediating the message: theories of influences of mass media content**. 2. ed. White Plains (NY): Longman, 1996.

SIGAL, Leon V. **Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking**. 2 ed. Washington D.C.: Heath and Company, 1974.

SILVA, Cleidson de Lima. **Convergência jornalística nos grupos de comunicação de Campo Grande/MS**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

SILVA, Nathalia Lopes da. **Reconfigurações da noticiabilidade na pós-convergência:** manifestações residuais no jornal Correio do Estado (MS). Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2025.

SILVA, Lucas Barbosa.; SILVA, Marcos Paulo da; SANTOS, Silvan Menezes dos. A desertificação midiática do jornalismo esportivo local: estudo exploratório no contexto sul-mato-grossense. **Movimento**, v. 28, p. E28047, 2022.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOLEY, Lawrence C. **The News Shapers:** The Sources Who Explain the News. New York, Westport, London: Praeger Publishers, 1992.

SPÀ, Miquel de Moragas. Comunicación y deporte en la era digital: sinergias, contradicciones y responsabilidades educativas. **Contratexto**, v. 12, p. 73–92, 1999.

TEIXEIRA, Carla Drielly dos Santos. **Das ondas do rádio ao papel dos jornais:** desenvolvimento da radiodifusão e autonomia política da imprensa no Brasil, 1931-1937. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – FCL, UNESP, Assis-SP, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2004

TUCHMAN, Gaye. **Making News:** A Study in the Construction of Reality. New York: The Free Press, 1978.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa.** 4^a. ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Império das Palavras.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

APÊNDICES

Entrevista I - Marcelo Câncio Vicente Soares (22 nov. 2024)

Descreva sua carreira profissional, por favor?

Trabalhei na TV Morena entre 1983 a 1993. Uma parte desse período também trabalhei na Embrapa. Fontoura Vídeo, TV Educativa, já tinha trabalhado na Cogecom, então e depois Universidade. Estive mais ou menos no mercado 17, 18 anos mais ou menos, até entrar para a Universidade.

Dentro da sua percepção de mercado e trabalhando não diretamente com o futebol mas como é que a gente consegue fazer uma linha um paralelo entre o que viu naquele período e como o futebol sul-mato-grossense foi caindo esportivamente ao longo dos anos?

Muita gente diz que o maior problema do futebol daqui foi o Cezario de ter ficado tantos anos na presidência da federação e o descrédito que isso tomou. Eu acho que isso tem muito a ver mesmo. Eu vi no período que eu trabalhei muitas vezes o Operário e o Comercial disputando no Campeonato Brasileiro, vendo jogos aqui, times grandes do Rio e de São Paulo vindo jogar aqui. E era difícil até para os times que vinham jogar aqui, porque o operário tinha bons times, tinham treinadores conhecidos, ex-jogadores conhecidos. Eu acho que talvez um pouco de desinteresse, um pouco de má administração dos clubes. Essa questão do Cezário não dá força final para o futebol daqui e foi uma decadência que depois ficou difícil de retomar. Os jogadores que vieram, muitos jogadores jogaram aqui, jogadores que tinham jogado em times grandes no Rio e São Paulo que vieram, que acreditavam e vieram jogar aqui. E esses jogadores foram desaparecendo, acho que foram vários fatores. A questão do descrédito, a falência dos próprios times que foram perdendo espaço e foram perdendo o patrimônio que o Operário mesmo tinha centro de treinamento lá perto da Embrapa, o Comercial, fui várias vezes fazer treino do Comercial ali no Taveirópolis, eles tinham um campo grande e foram perdendo tudo isso. Então a má administração, a federação que não ajudava, o desinteresse de jogadores, de treinadores e o futebol daqui entrou numa decadência que ficou difícil. Entraram numa espiral negativa Então, eu cheguei a ver, final do campeonato, de 88 no Morenã, entre o Operário e o Ubiratan de Dourados, com o Morenã lotado. E depois, às vezes, depois disso, né, no decorrer dos anos, ia haver jogo no Morenã, que tinha 100 pessoas, 200 pessoas, jogo do campeonato.

Quanto tempo de diferença entre eles?

Por exemplo, em 88, esse jogo eu fiz, foi a final do campeonato, o Operário ganhou de 1x0 do Ubiratan com um gol do Bugre. O Morenã estava lotado em 88, e era um campeonato estadual.

Eu fui ver jogos no Morenã, de Operário e Palmeiras, Operário e Corinthians, Operário e Fluminense, Comercial também, o Morenã lotado. Depois disso, várias finais de campeonato estadual aqui, você ia no Morenã assistir, porque eu ia...não tinha ninguém na arquibancada descoberto, aquilo estava vazio. Eu acho que a partir dessa época, vamos dizer, da década de 90, foi perdendo o prestígio. Hoje só tem uma vaga na Série D e só tem uma vaga também na Copa do Brasil. A gente não entende porque o estado com tanto potencial perto de São Paulo, com indústrias aqui, que teria força de um comércio, área industrial de ter patrocínio. Eu acho que foi o descrédito mesmo.

As pessoas não acreditavam nos diretores, em quem estava tomando conta dos clubes. E entrou nessa espiral, para chegar ao fundo do poço.

Em 77, o Operário foi semifinalista do Brasileirão contra o São Paulo, voltando um pouquinho nesse período, como que era acompanhar essa motivação, que a modalidade gerava, não só esportivamente, mas enfim, nessa questão comercial, de movimentar o comércio?

Eu não estava nessa época, eu sou do Rio, lembro de pensar assim, jogo contra o Operário em campo grande é jogo difícil, é jogo duro. Eu sou vascaíno, o Vasco veio jogar aqui em 82, eu acho que foi o negócio dos discos voadores, e perdeu de 2 a 0. Depois no Rio ganhou, acho que de 7 a 0. Mas os times que vinham jogar aqui, a visão de quem estava fora, quem não estava aqui, que vinha jogar aqui, sabia que era jogo difícil.

E muitos grandes jogadores jogaram aqui, né?
O Manga jogou aqui. O Lima jogou aqui. O Arturzinho jogou aqui. O Arturzinho foi um dos craques da década de 80. Jogou no Vasco, jogou no Bangu. Finalista do Brasileirão pelo Bangu. Então, grandes jogadores jogaram aqui, jogavam aqui, pra você ver, né, como é que era.

Porque o time, quando tem prestígio ou é conhecido, os jogadores querem ver, né, pra jogar aqui. O Castilho, que foi ídolo do Fluminense, era o treinador do Operário 77 e trouxe para cá o Manga. O Manga tá na história do futebol brasileiro como um dos principais goleiros. Foi goleiro da seleção. Jogou no Botafogo, e jogou aqui. Então, assim, o Operário, como o Comercial também, tinha um prestígio. O Santos vinha jogar aqui. Eu me lembro de histórias que contavam que o Pelé jogou contra o Comercial, aí é onde é o Belmar Fidalgo. Ali era um estádio. O Pelé jogou contra o Operário também. Marcou o gol da vitória do Santos. Os times aqui tinham uma enchiam os estádios, Comercial e Operário. Eu acho que sempre houve um gosto do torcedor de Sul Mato Grosso do Centro pelo futebol. Não acredito que as pessoas aqui não gostem de futebol. Se o Operário voltar a formar um time bom, ou Comercial, vai lotar novamente. O problema é que o torcedor não vê uma perspectiva, ele não vê como interesse ver um jogo aqui. Eu acho que outra coisa que pode ter acontecido também foi que os jogos na década de 80 e até 90 não tinham o televisionamento que tem hoje. De uma certa maneira isso prejudica, porque se tem um jogo de times grandes, que aqui em Campo Grande tem muitos torcedores de time de São Paulo. Se está passando um jogo de Santos, Palmeiras, Corinthians, São Paulo, no mesmo horário do jogo do Operário contra um outro time qualquer aqui do estado, como o Costa Rica, o torcedor que é são-paulino ou Palmeiras, ele vai assistir o jogo pela televisão. Essa coisa, de certa maneira, afasta o torcedor do estádio daqui, porque ele não via que aqui valesse a pena ele ir ver um jogo que ele achava que era ruim, né? Então, assim, se eu for imaginar, pelo que eu acompanhei, foram vários fatores que foram se contribuindo para ir diminuindo, para ir minguando o futebol daqui. Mas é curioso que no Nordeste os times estão pulsando.

Você acha que esse paralelo é possível?

Eu fico imaginando que eu não sei se o pessoal se interessa mais ou se dedica mais aos times mesmo nos estados que não tem time como é, seila, no Sergipe. Que os times, o Confiança, do Sergipe não é da primeira prateleira assim. Não é como em Pernambuco, em que o Sport agora voltou para a primeira divisão, Santa Cruz tem

história, Náutico, Bahia.
 Mas na Paraíba, o Botafogo da Paraíba, o ABC, os times de Alagoas, CSA, eles enchem o estádio. É muito difícil de imaginar que o Mato Grosso do Sul quase não tem série nenhuma no campeonato. Como a CBF não queria colocar nenhum clube em uma prateleira específica, ela fez a Taça Ouro, a Taça Prata e a Taça de Bronze. E aí dividiu por módulos. E o Operário foi campeão de um campeonato que era um campeonato nacional. Mas eu acho que esses fatores todos aí que eu falei os próprios dirigentes que foram falindo os times. Como é que se explica que o operário perdeu todo o centro de treinamento? Dívida. O Comercial perdeu o campo onde ele treinava. Dívida, foram fazendo dívida, não tinha administração correta, a federação não ajudava em nada, e foi mingando desse jeito. É muito triste, porque quem gosta de futebol, como eu gosto, e muitos outros que acompanham, que gostam, eu fui ver agora todos os jogos do Operário agora no Campeonato Estadual, na Copa do Brasil e na Série D, quando jogou aqui, lá no Jacques da Luz. E você vê que ainda tem torcida, tem gente que gosta e tal. A gente torce para que um time daqui chegasse, pelo menos, à Série B.

Como você via a cobertura dos jornais impressos, sobretudo o Correio do Estado nesse período? A atenção ao futebol local, justamente por ter essa projeção esportiva, também era maior, imagino. Como que era essa questão no dia de jogo, né?

Com certeza era maior. Eu lembro do Correio e do Diário da Serra ter a página de esporte, eu acho que até mais de uma, acho que eram duas, eu não tenho certeza, mas eu acho que eram duas. E me lembro que as TVs, a TV Morena tinha um departamento de esporte, que funcionava junto com a MS Rural, na mesma sala, tinha uma equipe só para fazer esporte. Emissoras de rádio, isso era muito visível no Morenã, de ter muitas, todas as emissoras, Rádio Educação Rural, Rádio Capital, Todas as rádios tinham um departamento de esporte. Eu lembro que a rádio era muito presente no Morenã. Os jornais, eu acho que eram isso, uma página, duas páginas, mas eles tinham a cobertura. Existia o Taveirópolis. Eram três times aqui de Campo Grande, como os que tem hoje, o Costa Rica, por exemplo. O Cene também, né? Corumbaense. Era difícil jogar lá em Corumbá. Tinha o Corumbaense, tinha os times de Dourados, que tinha o Operário de Dourados, tinha o Ubiratan. Então tinha essa rivalidade de Campo Grande com Dourados e com Corumbá. Então, tinha sim, tinha cobertura. Tinha uma cobertura, eu não sei hoje, mas a impressão que eu tenho é que a cobertura naquela época do esporte era muito maior.

Você acha que essa cobertura era maior justamente por essa projeção?

A final do campeonato de 88, provavelmente tem foto e deve ter fotografos como Iga, Roberto Iga e outros que fotografavam isso, você vai ver como o Morenã estava lotado. Então, lógico que isso no dia seguinte despertava, porque o torcedor ia no estádio e no dia seguinte ele ia comprar o jornal para saber mais informação do jogo, ou ia assistir, ver o que a TV Morena ou as outras emissoras estavam mostrando sobre aquele jogo, o futebol movimentava os ambulantes em volta do estádio. O futebol não é só o torcedor ir pra arquibancada e pagar ingresso. É tudo que está em torno do estádio. Então os vendedores ambulantes, gente que tá vendendo bandeira, né? Que vendem, sei lá, vende o escudo do time, essas coisas assim, e movimenta a cidade também. Gente que vai pro estádio, que pega um táxi pra ir, ou pega um Uber. Tem toda uma movimentação

aí em volta do estádio, que proporciona uma economia. É uma economia que hoje não existe.

São vários os fatores que um jogo de futebol influencia externamente. Se o jogo não chama a atenção das pessoas, não tem mídia, é lógico que isso vai murchar. Se tem projeção esportiva, obviamente que os veículos de mídia vão acompanhar. Se não tem, talvez esse abandono do esporte também acontece por parte da mídia? Não só impressa, mas televisiva também, já que a TV Morena parou de transmitir os jogos? Eu acho que é uma coisa que está vinculada a outra mesmo, se não tem, se o jogo não chama atenção.

Um jogo da Copa do Brasil aqui chama atenção, né? É um jogo da Copa do Brasil. As TVs vão cobrir, os jornais vão cobrir. Mas um jogo do campeonato estadual, sei lá, do comercial na Série B. Tenho a impressão que talvez uma rádio ou outra vá cobrir esse jogo, vai dar repercussão sobre o jogo, mas, lógico, vai diminuir. Esse jogo não está despertando interesse da população e, por consequência, também os jornais, os emissores de rádio e os sites. O jogo da Copa do Brasil que eu fui assistir, o operário daqui contra o Operário de Ponta Grossa, o Jacques da Luz estava lotado. As emissoras estavam lá. A TV Educativa estava cobrindo. A TV Morena estava lá. Lógico, é um jogo que chama a atenção, a gente fica na expectativa que o operário vai passar. No ano anterior, ele passou.

Eu não tenho dúvida, que se um time daqui conseguisse organizar como fez o Cuiabá, a gente fica se perguntando como é que o Cuiabá chegou na Série A do Campeonato Brasileiro. Se um time daqui se organizar, como agora estão pensando aí na Portuguesa, que vai mudar de nome, vai ser Pantanal. Se esse time se organizar e começar a vencer, tem certeza que o Jacques da Luz não vai dar conta, porque as pessoas vão torcer por um time daqui, mesmo que não seja torcedor da Portuguesa, mas a pessoa tem esse vínculo com o time do estado.

Essa bolha (da série C) tem que ser, uma hora tem que ser furada. Mas como é que vai ser furada? Com organização, planejamento, o futebol está cada vez mais caro. Como é que você traz jogadores para cá que vão da possibilidade do time daqui subir da Série D que é uma batalha ali é difícil, é muito difícil a Série D pra chegar na Série C que já vai ter televisionamento vai ter calendário calendário que é outro problema que no dia que eu fui ver a final do campeonato estadual aqui do Operário contra o time lá de Dourados né contra o Operário de Dourados que o Operário ganhou de 3 a 0, 3 a 1 foi campeão Eu fiquei um pouco com pena de ver, porque eu vi vários jogadores com filhos pequenos no colo. E eu fiquei olhando aquilo e falei, e agora o que esses caras vão fazer? Eles ganharam o campeonato e tal, mas agora eles só vão ter jogo no ano que vem. Eles vão ter que arrumar clube aí em qualquer lugar. Você imagina uma pessoa que tem filho pequeno pra criar, que depende daquele salário ali, ele tem que sair procurando um outro time, que queira contar com ele. É muito difícil. No primeiro semestre termina e no resto do ano, como é que faz? Esse é um problema complicado no futebol do Brasil, porque os times que não têm condição, contratam jogadores por três, quatro meses, depois não tem mais jogo. Isso é outro problema também.

Como era a cobertura, professor, midiática naquele período? Tinha coletivas de imprensa? Porque hoje em dia não existe.

A gente fazia as entrevistas diretas no campo, Eu mesmo fui fazer entrevista várias vezes lá no Comercial e no Operário, a gente entrevistava os jogadores ali no treino, não tinha essa coisa, agora só um que vai falar.

Como era a sua relação com assessoria?

Não, não me lembro de assessoria não, nos clubes. Não me lembro se tinha, pode ser que tenha, mas eu não me lembro. Eu lembro, por exemplo, ir lá no polo esportivo do operário, chegar lá, tá o operário treinando, o treinador é o Arturzinho, me lembro disso. Aí eu fiquei esperando terminar o treino, atravessei o campo, fui lá e falava, Arthur, queria falar com você, estamos fazendo uma matéria para a TV Morena. Ah, tá bom, o que você quer saber? Então era assim, falava, contato direto com o comercial era a mesma coisa. Nessa decisão, a gente estava dentro do campo, entrevistava, eu fui para dentro do vestiário para fazer os jogadores fazerem uma oração. Então a gente entrava, não tinha essa restrição. Hoje os jogadores têm suas próprias redes. Eu acho que isso criou uma, sei lá, uma situação, gerou uma situação de distanciamento também, né? O jogador tem muitos assessores. Não é o clube que tem um assessor, o jogador tem um assessor. E aí pode falar, não pode falar. Então se perde, aí que não fala mesmo. A TV Morena tinha um programa diário. Ainda tem o Globo Esporte Local que está junto com o Nacional, fizeram uma coisa assim, mas aqui era um programa só sobre a respeito do futebol ou de outras modalidades de esporte, tinha o Globo Esporte Local, que era o Viegas e o repórter, o Fábio, por isso que esqueci o sobrenome dele, o Viegas era o apresentador. A TV Morena, na década de 80, tinha esse programa diariamente. Então tinha cobertura no final de semana dos jogos. O Arthur Mário fazia parte de debates, assim, dos programas esportivos. Tinha vários outros jornalistas que já morreram, Mauro Mendonça, locutor Robson Ramos. Tinha um grupo de jornalistas esportivos grande aqui no estado. O Viegas já faleceu. A Eva, que foi minha aluna, está lá com o Giro do Esporte já há bastante tempo lá na TVE. Tá lutando contra essa indiferença toda que tem da federação, enfim, dos times, dessa coisa murcha dos times. Mas o Arthur Mário e o Cabreira, eles faziam muito, faziam a cobertura diária do esporte, gente que trabalhou no Correio, gente que trabalhou no Diário da Serra, gente que trabalhava nas emissoras de rádio.

Como era essa movimentação da imprensa nesse sentido?

Sim, tinha a cobertura. E atrás do gol tinha muitos repórteres junto comigo, de rádio, de jornal, da TV. Então, assim, sim, tinha cobertura, tinha mais convergência dos veículos de comunicação que estavam transmitindo ou acompanhando os jogos. Nessa época ainda não tinha site. E o impresso, né? Era o jornal impresso, as emissoras de rádio. Em 88 só tinha a TV Morena. Tinha a TV Morena, tinha a TV Campo Grande. Eu me lembro de estar no meio do campo, e o Arthur Mário está na cabine, e um repórter veio me entrevistar ali, falando do jogo, conversando antes do jogo, e o Arthur Mário lá da cabine, botaram o fone e eu falando com ele. O Arthur Mário na cabine e eu no campo.

Você acha que esse movimento das Sociedades Autônomas do Futebol pode ser um caminho?

Eu torço para que seja. Eu adoro futebol, sempre gostei, sempre joguei futebol, sempre fui para estádio no Rio, sou vascaíno, completamente apaixonado. Então eu torço muito para que um time daqui. Eu levo meu filho, meu filho já leva o enteadado dele para ver jogo, né? Inclusive ele já está jogando, joga no ABC, na categoria de base. Mas eu torço muito para que uma SAF não seja igual a SAF do Vasco, cheio de picareta, mas que seja uma SAF que possa formar um time forte. Tem esse vínculo com o governo do estado também, a gente percebe que talvez a própria gestão estadual tenha feito força para poder fazer a coisa andar. Eu não sei se isso até que ponto está certo também, de gastar dinheiro público com o dinheiro. O time lá do Amazonas, que esforço que eles têm que fazer para contratar jogadores e tudo. O Nordeste

tem um futebol muito mais forte e muito mais vigoroso do que aqui o Centro-Oeste. Lá em Fortaleza também, e lá em Belém é impressionante o Remo e o Paysandu. Então, os times do Nordeste e do Norte, o futebol é mais pulsante do que aqui, mas aqui pode ser também.

Aqui, a força econômica dos estados daqui, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, de Goiás, são estados economicamente muito mais fortes do que, por exemplo, é a Alagoas, ou do que é a Paraíba, ou do que é mesmo lá no Pará, porque aqui tem a força do comércio, comércio exterior, exportação de soja, essa coisa toda. Mas, pelo jeito, esses empresários dessas áreas não se interessam muito em patrocinar o time de futebol, né? Eu espero que tenha contribuído alguma coisa.

Entrevista II - Mário Márcio da Rocha Cabreira (4 dez. 2024)

Descreva sua carreira profissional, por favor?

Tenho 62 anos, sou servidor público concursado no Ministério da Educação, desde 94,, fui professor universitário. Trabalhei desde a década de 70, até quando eu passei no concurso 94, eu trabalhei na mídia. Trabalhei na Rádio Educação Rural de Campo Grande, na Difusora, trabalhei na Cultura AM, trabalhei na TV Caiuás em Dourados, trabalhei na Rádio Clube de Rondonópolis, trabalhei na TV Morena e na TV Campo Grande. Atualmente estou perto da aposentadoria da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Dentro deste período, entre a década de 80 e 90, como que o futebol sul-mato-grossense se colocava nacionalmente? Como era a cobertura jornalística em relação ao número de repórteres, espaço editorial nos veículos desse período?
Nós tínhamos competição entre as emissoras, a Rádio Cultura tinha equipe esportiva.

Naquele tempo o senhor trabalhava onde?

Eu trabalhei na Rádio Cultura, trabalhei na Cultura AM, trabalhei na Educação Rural AM e trabalhei na Difusora AM, em todas elas eu fiz transmissão esportiva. Havia uma disputa, né? Chefes de equipe esportiva, como Pedro Silva, que também trabalhou na educação rural e na Cultura AM. Tínhamos o Pereira Guedes na Rádio Educação Rural, tínhamos o Lídio Portela na Difusora. O Correio do Estado enviava muitos repórteres.

O senhor lembra de algum repórter?

Arlindo Florentino era o repórter diário, tinha o Jorge Franco que também trabalhava na cobertura esportiva os outros jornais tinham o Gilson Jordano que era repórter, tinha o Antônio Carlos Miranda, então assim, havia cobertura diária, inclusive a gente ia ao campo, não é como hoje que você não tem acesso ao campo, a gente tinha acesso integral.

Diariamente?

Diariamente.

Os diversos veículos se encontravam nas pautas?

Havia programas de televisão diários, havia mesas redondas aos sábados e normalmente às segundas também. Sempre tinha um preenchimento de agenda total, diário.

Como era a dinâmica de redação, de trabalho, em relação ao acompanhamento dos treinos, a dinâmica de campo, em relação à projeção do futebol sul-mato-grossense, comparado com hoje?

A gente está muito distante do que era vivido naquela época, em relação ao futebol. A década de 80 já foi um pouco menos, mas o Operário foi terceiro colocado no Campeonato Brasileiro, sem finalista em 1977. Eu acho que foi a grande e última cartada, digamos assim, do futebol do Estado em nível nacional. Ainda houve participação do Comercial na chamada Taça de Prata, que tinha Taça de Ouro e Taça de Prata, Copa de Ouro e Copa de Prata. O Comercial disputou a Taça de Prata na década de 80, O Operário continuou disputando a série principal até que houve a criação do Clube dos 20, em que ele ficou fora depois. Então, o cenário nacional também mudou, e essa mudança no cenário nacional provocou reflexos no cenário regional também.

Após essa mudança, essa relação de contato já reflete na imprensa?

Na cobertura da imprensa? Sim, porque aí diminui os grandes jogos, a participação em

grandes campeonatos, o enfrentamento com os grandes times e aí o público vai diminuindo, a competência a competição das equipes esportivas se enfraquecendo, e com isso a cobertura do dia a dia também vai deixando, e aí uma coisa leva a outra, né?

A falta de projeção esportiva também reflete nos veículos, na cobertura dos veículos?

Sim, e a cidade também foi crescendo, perdendo os campinhos de várzea e a formação de novos atletas passou a ser uma coisa mais elitizada, em escolinha, só em campo sintético, campo fechado, gramado, já não é a mesma coisa, a formação do atleta já não é a mesma coisa, então a gente também teve assim poucos ídolos né, como tevê como teve na década de 70 e que que formou Lima, que formou Amarildo, que formou Biro-biro, grandes jogadores que se formaram aqui, que passaram por grandes equipes do futebol nacional, também essa formação de de atletas e de ídolos, consequentemente diminuiu.

O senhor trabalhou em que período ali? Antes de 77, o senhor já estava no mercado esportivo?

Eu comecei em setenta e cinco, né? Mas eu não era exatamente do esporte, eu fui.

Como **era** **o** **Moreirão?**
Sempre cheio, sempre cheio. Jogos com times da Série A. Hoje é um sinal de deserto, né?
Coisa abandonada, uma tristeza.

Nesse sentido de coisa abandonada, o senhor atribui a quê?

A falta de talvez também a falta de incentivo ou enfim, como que a gente pode pensar um uma mecânica pra reverter isso? Pensamento meu isso, né? Penso que falta uma política pública global porque o estádio não serviria apenas para o futebol, poderia haver competição de ciclismo hotel, para restaurante, para coisas que aquele monumento cultural da cidade pudesse ser aproveitado e mantido. Então dá pena que hoje está sendo aproveitado pelos morcegos, são os morcegos que vivem lá. E eu penso que é um descaso(...) Naquela época havia outros estados menores, como Elias Gadia, mas não tinham a mesma estrutura e nem o mesmo glamour que tinha o Morenã.

Em relação a isso, como é que o senhor via a postura de cobertura do Correio do Estado?

Hoje o jornal ainda assim se mantém com o nome, pelo nome que construiu, mas eu acredito que seja de uma forma diferente.

Naquele tempo, como era visto o Correio do Estado?

Eu escutei pessoas dizerem que estavam se formando, e que o sonho era trabalhar no Correio do Estado.

Como era essa cobertura realizada pelo jornal?

Era o principal veículo de cobertura esportiva, vou falar especificamente da área esportiva. Tinha uma área comercial muito forte, de venda de anúncios e tal, mas na área esportiva era muito respeitada a opinião do jornal, a cobertura que o jornal fazia dos clubes.

Quem fazia frente ao Correio do Estado naquela época?

Me lembro de uma época que teve o Diário da Serra, mas que depois eu acho que até o

próprio Correio do Estado comprou o Diário da Serra. Então acho que só o Diário da Serra que fazia frente. Tinha o Jornal da Manhã, que teve uma vida curta, também que fazia cobertura esportiva, mas assim, ninguém se equiparava ao Correio do Estado, a voz do esporte era o Correio do Estado. Tinham poucos profissionais assim, mas uma presença muito constante nos clubes. Havia cobertura de manhã, à tarde, em todos os jogos, sempre presente, era uma cobertura constante, uma cobertura firme, apesar das equipes pequenas.

A gente não retorna para a Série C desde 2008. O senhor acha que uma volta esportiva, por exemplo, para a terceira divisão pode fazer com que esse mecanismo vire a chave, por exemplo, em relação à cobertura, calendário? O futebol é um esporte caro, que exige uma infraestrutura grande e exige muito recurso. Eu vejo dois caminhos para esse nosso retorno àquela condição parecida com a que a gente tinha. Primeiro, a formação de atletas e de clubes de esportes. Segundo, a política pública e as empresas também apoiando. Porque muitos dos clubes que estão aí receberam uma uma injeção de recurso muito grande, sem dinheiro você não tem condição de fazer nada.

Essa injeção de dinheiro existia naquela época?
Existia, existia.

Quem que colocava esse dinheiro? Era patrocínio privado, empresários?
Empresários, sobretudo empresários, né?

Por que o futebol de hoje não chama tanta atenção de empresários aqui em Mato Grosso do Sul?

É um círculo vicioso, porque o empresário investe esperando o retorno, E se não houver um retorno esportivo que garanta a presença na mídia em grande destaque nacional, o empresário acaba desistindo. Aqui houve uma tentativa com o time feminino do Santos, que a Copagaz patrocinou. E não foi pra frente. Assim, você veja, foi patrocinar lá em São Paulo, podia ter patrocinado o time local, podia ter feito um investimento local. Então, é uma coisa que requer um planejamento de longo prazo, requer recurso e requer infraestrutura. Não é tão simples.

O senhor falou de política pública e, enfim, fez um paralelo com o desempenho esportivo. A política pública, ela vem antes nessa engrenagem? Primeiro pensar a política pública, depois, como é que o senhor vê isso? Não, não, não. É o macroplanejamento em que todas as partes, cada um tem que dar sua contribuição. Os técnicos, os formadores de atletas, os clubes. Também os clubes da cidade, então o Rádio Clube poderia ter uma equipe de futebol, outros clubes existentes na cidade poderiam ter uma uma política de formação de atletas e de disputa, criação de liga. Cada um dá um pouco da sua participação, a mídia, fazer uma cobertura mais constante, criar ídolos, porque não apenas para ver grandes espetáculos de futebol, mas vão por causa dos ídolos. Nós temos escassez de ídolos, porque a mídia, a cobertura regional, ela está dividida com a cobertura nacional. A presença da mídia nacional é muito grande no espaço regional.

Por que?
Por causa do dinheiro, por causa do financiamento, por causa do marketing.

O senhor já vê essa sobreposição nacional em relação ao regional, em relação ao esporte então?

As grandes empresas perceberam que o espaço regional é importante, mas aí o estrago já tinha sido feito durante longos anos, em que o espaço nacional e internacional se sobrepôs à cobertura regional. Então hoje o garotão é adolescente, criança, ele sabe o nome de ídolos do Manchester City, do Manchester United, acompanha a liga espanhola, acompanha a liga do mundo inteiro, mas não sabe o nome de um jogador local.

O senhor consegue me dizer mais ou menos em que período isso aconteceu? Essa sobreposição?

Creio que assim, no final da década de oitenta para noventa, isso começou a se acentuar mais. Começou a virar uma coisa estabelecida. Então agora nós temos que fazer o caminho contrário, recuperar o esporte regional, a comunicação regional...evitar um pouco, não evitar, mas é que assim, o acesso à informação nacional e internacional é muito maior do que o acesso e o fomento à informação local. E aí o público quer ver o quê? Tá acostumado a ver liga europeia, não vai para o estádio sem liga local.

Entrevista II- José Eduardo Miranda (8 jan. 2025)

Descreva sua carreira profissional, por favor?

Me formei em março de 2003. No entanto, eu trabalho em jornalismo mesmo antes de ser formado. Trabalhei no Campo Grande News até junho de 2002, e nesse meio tempo trabalhei na Folha do Povo também, daí, em junho, eu entrei aqui no Correio do Estado para ser repórter de polícia. Na época, a gente tinha umas 40 pessoas na redação. Além do jornal impresso ser mais forte, mas também não teve essa sangria financeira que as redes sociais fizeram nos tempos atuais. Então, eu era repórter de polícia dentro de uma editoria de cidades, onde tinha uma equipe de sete pessoas, só nas cidades e polícia.

Isso na época, só impresso?

É, só impresso. De 2003 até 2008, por aí. Eu sempre fazia polícia. Sempre gostei de jornalismo investigativo e tudo, até que eu investiguei demais, e fui parar na editoria de esportes. Em esportes eu também fui fazer investigação, o Cezário.... Trabalhei na editoria de esportes, daí como repórter, depois fui promovido a sub-editor. A gente tinha de três a quatro páginas diárias, tudo isso até 2014, 2013. Ou seja, de 2003 a 2014, eram quatro páginas de esporte.

A equipe de esportes também era grande?

Não, eram três ou quatro pessoas, o máximo que teve, quatro pessoas dedicadas ao impresso. Porém, o jornal, financeiramente, precisou ir cortando gente, e reduzindo o tamanho da redação. Com isso eu fui ficando na editoria-chefe, o número de editores baixou muito também, o número de páginas. A versão online até cresceu, mas, enfim. Coisas da realidade.

Qual sua percepção, mesmo antes de se tornar editor, de que tipo de processos que a redação passou dentro da editoria esportiva, que eu acredito que talvez tenha sido sucateada nesse período aí, de redução, de redação, uma percepção interna sua, mesmo antes de se tornar editor, de qual a importância que o jornal dava para a editoria esportiva em relação a hoje, por exemplo?

Sempre deu muita importância, hoje, a importância é uma via de mão dupla, né? Eu acho que cobrir esporte antes você tinha algo mais a ser coberto. O apelo era diferente. Hoje o apelo está muito em rede social. Um apelo muito grande, mas desde quando eu entrei no esporte, ainda a gente teve time na Série C querendo subir pra B. Mas o esporte começou a perder força no estado, E assim, a gente sempre cobria, fazia as coisas, mas era uma coisa muito amadora.

Desde sempre?

Não, já foi muito profissional. E eu mesmo, quando estava na editoria, eu falei, olha, a gente tem que dar o tamanho para as coisas ao que elas realmente são. Se existem jovens que têm sonho que o esporte seja alguma coisa e tal, é preciso que a realidade aqui seja transformada. Então, assim, o esporte aqui é muito incipiente. Ele é amador demais. Então, assim, não vale a pena uma cobertura mais dedicada.

Em que ano foi isso?

Lá por 2014, para 2015. Na verdade, o esporte no Mato Grosso do Sul morreu quando o Campo Grande perdeu a chance de sediar a Copa do Mundo para Cuiabá. Ali foi o enterro, o sepultamento do esporte aqui. Até em termos de coisa pra ser coberta, etc. Foi ladeira

abaixo. Daí inventaram a série D de futebol, e a gente raramente tinha alguma coisa assim de apelo. Desde então, o esporte local se resume a alguém daqui que se destaca no cenário nacional. Mas antigamente ainda tinha até jogos de brasileiro mandados no Morenã, nem isso tem mais hoje. Então assim... a empresa também reduziu o tamanho da cobertura dela e enxugou a equipe. Mas também não tem espaço, porque o esporte não tem apelo a algo que mereça ser divulgado.

Você acha que essa questão mercadológica, a virada de chave foi em 2014? Com certeza. Foi até antes de 2014. Você acha que é uma questão que se aplica só ao Correio ou aos outros veículos também? É uma questão mercadológica ou é questão esportiva também?

Sim, não dá audiência. Você pode olhar aqui mesmo dentro do Correio do Estado, na nossa plataforma, qualquer matéria de campeonato estadual é, sei lá, 100 leituras, 200 leituras no máximo, enquanto matéria de outras coisas é 5 mil, 10 mil, 20 mil, algumas 100 mil, outras 1 milhão. Então assim, apelo zero. Eu acho que isso não ocorre onde o esporte tenta existir. Por exemplo, Mato Grosso. Mato Grosso tem time na Série A, tem time na Série B, ou C., é um estado que tem muito mais apelo e cobertura. Lá você consegue sustentar uma conexão maior com os com os grandes eixos do esporte A cobertura esportiva aqui foi morrendo nessa época. Em relação à questão da dinâmica interna do Correio, você pode exemplificar pra gente como era uma cobertura, por exemplo, de um jogo do Estadual, nessa época que o jornal A gente acompanhava o treino, por exemplo, operário na série C.

Eu ia lá, fazia o treino, pegava a escalação. Daí ligava, ia, sei lá, jogar com o Atlético Goianiense. Daí ligava pra alguém de um jornal grande de Goiânia, tipo o Popular, e ele me falava, Eduardo, qual é a escalação do Operário? Era essa, essa e essa. E o fulano, não, o fulano tá lesionado, é isso, isso. Trocávamos figurinha com eles, algum bastidor e tal. Enfim, era uma cobertura mais profissionalizada em termos jornalísticos. Só que assim, à medida que o Estado foi se desprofissionalizando, foi perdendo para o terrão, ele (futebol local) também parou de ter importância. Não adianta a gente fazer um negócio profissional em cima de uma coisa que é amadora.

Você acha que essa via de mão dupla (mercado e esporte) pode voltar a crescer no sentido de que o clube possa furar essa bolha esportiva?

Claro que pode, mas hoje a questão de furar bolha é muito relativa, porque assim, os times vivem num passado, em uma época muito amadora. Ai, ninguém dá nada, ninguém cobre nada, ninguém ajuda a gente. Só que assim, hoje a gente tem em termos, no online, por exemplo, a gente poderia deixar um repórter dedicado ou outro, mas sabe por que não dá? Porque, assim, não se paga. Se a gente pegar a audiência que isso dá, é zero, assim. Então, assim, tem que canalizar o esforço pra onde rende. A hora que eles tiverem alguma coisa que faça sentido render, a hora que a gente enxergar o número, um esporte, enxergar uma qualidade, enxergar uma cobertura, a gente pode publicar, mas tem que valer a pena. Para o jornal hoje, então, é uma virada mais esportiva do que qualquer outra coisa. Acontece lá para depois refletir aqui, é isso. Mais ou menos isso.

Como você vê essa questão interna de prioridade mesmo do jornal em relação ao esporte local? Não só o futebol, enfim, mas o esporte em geral. Se essa virada aconteceu negativamente só em 2014 ou se isso foi um apagamento gradativo? É um processo. É como um paciente que está no hospital lá. Até 2012, 13, o paciente,

acho que 11, sei lá, foi quando decidiu a desfecha da Copa (do Mundo), o paciente tinha chance de sobreviver, né?

Qual era a expectativa da redação, dos jornalistas mesmo na época?
 Não tinha nada aqui, era uma expectativa zero. Assim, era legal pelo fato do Brasil estar sediando, mas diferentemente de outros lugares. É o seguinte, quando você vai perdendo a esperança com o paciente e depois ele morre, o esporte é que morreu nessa época. Hoje ele é uma coisa que nasceu numa criança ou tem um cadáver ainda que não foi sepultado, que fede, sei lá, que é a Federação.

Você acha que a federação também tem impacto direto nesse reflexo também na mídia, por exemplo?

Não, eu acho que a crise aqui é de credibilidade, né? Não tem patrocinador, não tem público, não tem jogador bom, não tem um estádio decente e não tem uma federação profissional, aí também não tem o apelo da mídia. Hoje em dia, ninguém muito jovem torce para times daqui, é só eixo Rio e São Paulo, outros estados, assim, não tem nada que valha a pena. Se você não tem infraestrutura mínima, a juventude não vai(...)você tem que ter um gramado muito bom, você tem que ter um estádio minimamente maquiado, assim, pra ser bonito. Porque hoje a criançada começa a gostar de futebol não jogando na rua, têm muito acesso a um jogo de videogame que tem imagem de grandes estádios, de Copa do Mundo, de coisa, o legal é você ir num estádio e ver o futebol mais profissionalizado em termos de evento. E aqui é uma dor, porque não tem grana também pra isso. Não tem grana e não tem luz no fim do túnel, porque a gente tem exemplos de outros estados que conseguem se galgar, e aqui só fundo. Eu até acho sacanagem essa choradeira do povo culpar a mídia, porque a mídia precisa sobreviver. É mais rentável para qualquer jornal e site aqui assinar uma agência e ficar dando matéria nacional, um repórter dedicado pra fazer isso.

Você está como editor há quanto tempo?
 Desde 2015. Pouco depois da morte do esporte local. Tem alguma projeção futura que você faz pro esporte local?
 Não.

Porque se hoje ele respira por aparelhos, quando é que esses aparelhos vão desligar?

Não, já morreu. Já morreu. Tem que ser um renascimento muito bem profissionalizado, assim. Mas é muito amadorismo, até a cobertura é amadora, né? Acho que o pessoal que vai fazer, são meio heroicos, assim, mas os repórteres, assim, eles têm traquejo de radialismo, com jornalismo esportivo, mistura as coisas. Hoje em dia, se você for por aí, você conta no dedo, o repórter consegue fazer uma apresentação de jogo minimamente decente. Assim, o que é apresentação? É você, vamos supor, pra você dar uma matéria decente de um jogo, de um campeonato, custa muito caro. E essa conta não fecha, os jornais não vão pagar.

Por exemplo, você precisa estar por dentro dos treinos das duas equipes, saber quem são os jogadores que vão jogar, quem tá suspenso, quem não tá. É tudo muito centralizado.

Daí você tem que fazer um gráfico, um final de texto assim, com a escalação, com o árbitro, com o horário. Você tem que saber minuto do gol, minuto do cartão, um monte de coisa assim, sabe? Hoje é raro assim, você pegar a repórter que tem essa noção de

entregar um produto redondinho, assim, não existe, porque leva tempo também. Não se dá a oportunidade para as pessoas que são capazes de fazer isso, aprenderem a fazer isso na prática. A gente não tem nem time para acompanhar o treino. Sabe? Então assim, não vale a pena. O esporte para valer a pena que ele tem que se vender, ele precisa de grana. Então assim, enquanto ele não tiver dinheiro, não tiver patrocinador, não tiver uma movimentação social em torno de algum clube, não tiver um centro de treinamento decente, não tiver um estádio, pelo menos, programado suficientemente decente, não tiver uma gestão profissionalizada do organizador do campeonato, pode ser uma liga, pode ser uma federação, sei lá, de dar o resultado em tempo real, de ajudar as mídias nisso, né?

Você falou que o futebol aqui já morreu há um tempo. Queria te perguntar se dentro de alguns anos essa produção de agência ela pode sepultar de fato a cobertura local e aí no sentido de esporte mas no sentido de cobertura?
Hoje já é assim.

Você acha que tem como piorar ainda ou a gente já está no teto?
Piorar porque tem qualidade no nacional, as pessoas gostam do que acontece lá fora. Não faz sentido eu cobrir aqui uma coisa que acontece lá fora. Teve um dia que eu fui na UFMS, um estudante perguntou um negócio. Uns três ou quatro gostavam de jornalismo esportivo. Eu falei assim, cara, o dia que você se formar, você vai embora de Campo Grande se quiser alguma coisa. Foi a dica que eu dei pra ele. Porque você só consegue nutrir um aluno com uma cobertura suficientemente profissional de algo se você tem algum time. Vamos falar de futebol, da Série C pra cima, competindo, porque daí ele tem um calendário a ser cumprido durante o ano inteiro. Não é uma competição eliminatória como é a Série D. A Série D é meio que uma copa, né? Muito com a sinergia da economia local. Eu não sei se tá necessariamente no futebol, mas ela pode ter um time na elite de vôlei, na elite de basquete...que é o que a gente poderia dizer que acontece em Mato Grosso e Goiás, por exemplo. O que acontece em Uberlândia, com o Praia Clube. A cidade nem tem time na Série A, mas a cidade tem um puta de um time de futsal, dois times masculino e feminino no vôlei, que dominam o Brasil, é basicamente do mesmo tamanho de Campo Grande. Vim de uma cidade no interior do Paraná, Umuarama, lá tem um time da Liga Futsal. O jornal de lá tem cobertura esportiva, sabe por quê? Porque ele tem o que cobrir. Ele não fica cobrindo o coitadismo lá, do cara que fica tentando, tentando, tentando e cansa isso. Tem história boa, mas isso cansa. O esporte no Mato Grosso do Sul precisa ser profissionalizado, sabe? Aqui é uma fazendona, literalmente, em termos esportivos. É uma fazendona esportiva. Cobrir um torneio de fazenda e cobrir o campeonato estadual deve ser a mesma coisa. O destaque é que a fazenda as pessoas gostam mais do jogo, porque conhecem o jogador.

DADOS COMPILADOS

Data	Ano	Atribuição da Fonte	Canal
02/jan.	2015	Ministério Público	Rotina
02/jan.	2015	Presidente de secretaria	Corporativo
03/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
04/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
04/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
05/jan.	2015	Jogador	Corporativo
05/jan.	2015	Jogador	Corporativo
06/jan.	2015	Presidente de clube	Corporativo
06/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
06/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
07/jan.	2015	Jogador	Corporativo
07/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
07/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
09/jan.	2015	Jogador	Corporativo
09/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
10/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
11/jan.	2015	Nada	
13/jan.	2015	Presidente de associação	Corporativo
13/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
14/jan.	2015	Presidente de secretaria	Corporativo
14/jan.	2015	Vice-presidente FFMS	Corporativo
15/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
17/jan.	2015	Nada	
17/jan.	2015	Vice-presidente FFMS	Corporativo
19/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
20/jan.	2015	Presidente FFMS	Corporativo
21/jan.	2015	Presidente FFMS	Corporativo
22/jan.	2015	Nada	
24/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
24/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
25/jan.	2015	Nada	
25/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
27/jan.	2015	Jogadora	Corporativo
28/jan.	2015	Nada	
29/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
30/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
30/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
30/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
31/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
31/jan.	2015	Treinador de clube	Corporativo
01/fev.	2015	Jogador	Corporativo
01/fev.	2015	Prefeito	Corporativo

02/fev.	2015	Jogador	Corporativo
02/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
06/fev.	2015	Empresário	Corporativo
06/fev.	2015	Jogador	Corporativo
06/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
07/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
08/fev.	2015	Jogador	Corporativo
08/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
08/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
10/fev.	2015	Treinador de clube	Rotina
11/fev.	2015	Nada	
12/fev.	2015	Nada	
13/fev.	2015	Nada	
14/fev.	2015	Prefeito	Corporativo
14/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
15/fev.	2015	Engenheiro	Corporativo
15/fev.	2015	Zelador	Corporativo
16/fev.	2015	Jogador	Corporativo
16/fev.	2015	Jogador	Corporativo
16/fev.	2015	Nada	
17/fev.	2015	Presidente de clube	Rotina
17/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
18/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
20/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
20/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
21/fev.	2015	Nada	
21/fev.	2015	Nada	
22/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
23/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
25/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
26/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
27/fev.	2015	Jogador	Corporativo
27/fev.	2015	Treinador de clube	Rotina
28/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
28/fev.	2015	Treinador de clube	Corporativo
01/mar.	2015	Nada	
02/mar.	2015	Presidente de clube	Corporativo
03/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
04/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
04/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
05/mar.	2015	Jogador	Corporativo
05/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
07/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
08/mar.	2015	Nada	

09/mar.	2015	Nada	
10/mar.	2015	Nada	
10/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
11/mar.	2015	Nada	
12/mar.	2015	Nada	
13/mar.	2015	Nada	
15/mar.	2015	Nada	
16/mar.	2015	Nada	
18/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
22/mar.	2015	Nada	
24/mar.	2015	Nada	
25/mar.	2015	Jogador	Corporativo
28/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
28/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
29/mar.	2015	Jogador	Corporativo
30/mar.	2015	Nada	
31/mar.	2015	Treinador de clube	Corporativo
01/abr.	2015	Treinador de clube	Corporativo
01/abr.	2015	Treinador de clube	Corporativo
02/abr.	2015	Nada	
05/abr.	2015	Nada	
06/abr.	2015	Nada	
07/abr.	2015	Nada	
07/abr.	2015	Presidente de clube	Corporativo
11/abr.	2015	Nada	
11/abr.	2015	Nada	
12/abr.	2015	Treinador de clube	Corporativo
13/abr.	2015	Nada	
15/abr.	2015	Nada	
03/mai.	2015	Treinador de clube	Corporativo
04/mai.	2015	Nada	
05/mai.	2015	Presidente de clube	Corporativo
12/mai.	2015	Treinador de clube	Corporativo
15/mai.	2015	Nada	
17/mai.	2015	Nada	
21/mai.	2015	Nada	
31/mai.	2015	Presidente de clube	Corporativo
31/mai.	2015	Tesoureiro de clube	Corporativo
02/jun.	2015	Treinadora	Corporativo
09/jun.	2015	Jogadora	Corporativo
13/jun.	2015	Nada	
20/jun.	2015	Treinador	Corporativo
23/jun.	2015	Presidente FFMS	Corporativo
02/jul.	2015	Jogador	Corporativo

02/jul.	2015	Presidente FFMS	Corporativo
08/jul.	2015	Nada	
23/jul.	2015	Presidente de clube	Corporativo
23/jul.	2015	Treinador de clube	Corporativo
25/jul.	2015	Nada	
26/jul.	2015	Nada	
26/jul.	2015	Torcedor	Corporativo
01/ago.	2015	Nada	
02/ago.	2015	Nada	
04/ago.	2015	Engenheiro	Corporativo
10/ago.	2015	Promotor de eventos	Corporativo
13/ago.	2015	Nada	
20/ago.	2015	Promotor de eventos	Corporativo
23/ago.	2015	Nada	
29/ago.	2015	Treinador	Corporativo
30/ago.	2015	Nada	
05/set.	2015	Nada	
06/set.	2015	Nada	
09/set.	2015	Treinador de clube	Corporativo
11/set.	2015	Nada	
12/set.	2015	Treinador de clube	Corporativo
13/set.	2015	Nada	
14/set.	2015	Assessor de comunicação	Corporativo
14/set.	2015	Dirigente	Corporativo
14/set.	2015	Presidente de clube	Corporativo
14/set.	2015	Servidor universitário	Corporativo
19/set.	2015	Treinador	Corporativo
20/set.	2015	Nada	
22/set.	2015	Presidente FFMS	Rotina
23/set.	2015	Presidente de clube	Corporativo
23/set.	2015	Tesoureiro de clube	Corporativo
24/set.	2015	Assessor de comunicação	Corporativo
25/set.	2015	Presidente de clube	Corporativo
26/set.	2015	Nada	
27/set.	2015	Nada	
03/out.	2015	Presidente de clube	Corporativo
04/out.	2015	Jogador	Corporativo
04/out.	2015	Treinador	Corporativo
06/out.	2015	Dirigente	Corporativo
06/out.	2015	Jardineiro	Corporativo
06/out.	2015	Presidente de clube	Corporativo
15/out.	2015	Jogador	Corporativo
21/out.	2015	Ex-dirigente	Corporativo
21/out.	2015	Secretário-geral de futebol	Rotina

22/out.	2015	Nada	
25/out.	2015	Nada	
26/out.	2015	Treinador	Corporativo
29/out.	2015	Ex-dirigente	Corporativo
29/out.	2015	Presidente de clube	Corporativo
29/out.	2015	Presidente de clube	Corporativo
29/out.	2015	Secretário-geral de futebol	Corporativo
31/out.	2015	Treinador de clube	Corporativo
03/nov.	2015	Nada	
04/nov.	2015	Nada	
06/nov.	2015	Jogadora	Corporativo
08/nov.	2015	Treinador de clube	Corporativo
09/nov.	2015	Nada	
14/nov.	2015	Nada	
15/nov.	2015	Treinador	Corporativo
28/nov.	2015	Presidente de clube	Corporativo
28/nov.	2015	Presidente de clube	Corporativo
10/dez.	2015	Nada	
14/dez.	2015	Promotor de eventos	Corporativo
14/dez.	2015	Treinador	Corporativo
20/dez.	2015	Promotor de eventos	Corporativo
23/dez.	2015	Nada	
27/dez.	2015	Jogadora	Corporativo
27/dez.	2015	Treinadora	Corporativo
31/dez.	2015	Nada	

Data	Ano	Atribuição da Fonte	Canal
02/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
02/jan.	2016	Treinador de clube	Corporativo
03/jan.	2016	Treinador de clube	Corporativo
03/jan.	2016	Vice-presidente de clube	Corporativo
04/jan.	2016	Treinador de clube	Corporativo
05/jan.	2016	Jogadora	Corporativo
07/jan.	2016	Jogador	Rotina
09/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
10/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
12/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
13/jan.	2016	Jogador	Rotina
13/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
13/jan.	2016	Secretário estadual	Corporativo
13/jan.	2016	Reitora universitária	Corporativo
14/jan.	2016	Jogador	Rotina
15/jan.	2016	Jogador	Rotina
16/jan.	2016	Nada	
23/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
23/jan.	2016	Treinador	Corporativo
25/jan.	2016	Nada	
28/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
28/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
28/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
28/jan.	2016	Presidente de clube	Corporativo
28/jan.	2016	Vice-presidente de clube	Corporativo
29/jan.	2016	Nada	
30/jan.	2016	Treinador	Corporativo
30/jan.	2016	Treinador	Rotina
01/fev.	2016	Nada	
02/fev.	2016	Nada	
05/fev.	2016	Nada	Rotina
06/fev.	2016	Secretário estadual	Corporativo
07/fev.	2016	Nada	
08/fev.	2016	Conselheiro	Corporativo
08/fev.	2016	Diretor executivo	Corporativo
10/fev.	2016	Treinador	Corporativo
12/fev.	2016	Diretor executivo	Corporativo
12/fev.	2016	Torcedor	Corporativo
14/fev.	2016	Nada	
15/fev.	2016	Nada	
22/fev.	2016	Jogador	Corporativo
22/fev.	2016	Jogador	Corporativo

22/fev.	2016	Presidente de clube	Corporativo
24/fev.	2016	Jogador	Corporativo
24/fev.	2016	Jogador	Corporativo
24/fev.	2016	Jogadora	
25/fev.	2016	Nada	
26/fev.	2016	Treinador	Corporativo
28/fev.	2016	Treinador	Corporativo
28/fev.	2016	Treinador	Corporativo
02/mar.	2016	Nada	
06/mar.	2016	Nada	
07/mar.	2016	Nada	
08/mar.	2016	Treinador	Corporativo
10/mar.	2016	Nada	
11/mar.	2016	Nada	Rotina
12/mar.	2016	Nada	
13/mar.	2016	Nada	
14/mar.	2016	Nada	
16/mar.	2016	Nada	
17/mar.	2016	Nada	
18/mar.	2016	Secretário estadual	Corporativo
19/mar.	2016	Nada	
20/mar.	2016	Nada	
21/mar.	2016	Nada	
22/mar.	2016	Jogadora	Corporativo
23/mar.	2016	Nada	
24/mar.	2016	Nada	
26/mar.	2016	Treinador	Corporativo
27/mar.	2016	Nada	
28/mar.	2016	Nada	
03/abr.	2016	Nada	
04/abr.	2016	Nada	
05/abr.	2016	Nada	
09/abr.	2016	Nada	
11/abr.	2016	Nada	
13/abr.	2016	Nada	
14/abr.	2016	Nada	
15/abr.	2016	Nada	
17/abr.	2016	Nada	
18/abr.	2016	Nada	
19/abr.	2016	Treinador	Corporativo
23/abr.	2016	Presidente de clube	Corporativo
25/abr.	2016	Nada	
26/abr.	2016	Treinador	Corporativo
30/abr.	2016	Treinador	Corporativo

02/mai.	2016	Nada	
03/mai.	2016	Treinador	Corporativo
05/mai.	2016	Nada	
07/mai.	2016	Treinador	Corporativo
09/mai.	2016	Nada	
12/mai.	2016	Advogada	Corporativo
12/mai.	2016	Jogador	Corporativo
12/mai.	2016	Jogador	Corporativo
12/mai.	2016	Presidente de clube	Corporativo
12/mai.	2016	Presidente de clube	Corporativo
12/mai.	2016	Presidente de clube	Corporativo
18/mai.	2016	Nada	
19/mai.	2016	Treinador	Corporativo
24/mai.	2016	Nada	
03/jun.	2016	Presidente de clube	Corporativo
07/jun.	2016	Treinador	Corporativo
10/jun.	2016	Treinador	Corporativo
13/jun.	2016	Nada	
19/jun.	2016	Nada	
20/jun.	2016	Nada	
25/jun.	2016	Presidente de clube	Corporativo
26/jun.	2016	Nada	
28/jun.	2016	Treinador	Corporativo
02/jul.	2016	Nada	
03/jul.	2016	Nada	
04/jul.	2016	Nada	
05/jul.	2016	Jogadora	Corporativo
08/jul.	2016	Nada	
10/jul.	2016	Nada	
11/jul.	2016	Nada	
12/jul.	2016	Nada	
13/jul.	2016	Jogadora	Corporativo
15/jul.	2016	Secretario estadual	Corporativo
18/jul.	2016	Promotor de eventos	Corporativo
21/jul.	2016	Dirigente	Corporativo
22/jul.	2016	Treinador	Corporativo
28/jul.	2016	Presidente de clube	Corporativo
31/jul.	2016	Nada	
04/ago.	2016	Nada	
06/ago.	2016	Treinadora	Corporativo
20/ago.	2016	Nada	
21/ago.	2016	Músico	Corporativo
24/ago.	2016	Treinadora	Corporativo
25/ago.	2016	Nada	

31/ago.	2016	Jogadora	Corporativo
01/set.	2016	Nada	
08/set.	2016	Treinadora	Corporativo
09/set.	2016	Treinadora	Corporativo
10/set.	2016	Nada	
15/set.	2016	Nada	
21/set.	2016	Nada	
29/set.	2016	Dirigente	Corporativo
04/out.	2016	Nada	
18/out.	2016	Treinador	Corporativo
28/out.	2016	Presidente de clube	Corporativo
05/nov.	2016	Nada	
15/nov.	2016	Nada	
25/nov.	2016	Dirigente	Corporativo
25/nov.	2016	Gestor de marketing	Corporativo
25/nov.	2016	Presidente de clube	Corporativo
02/dez.	2016	Presidente FFMS	Corporativo
07/dez.	2016	Nada	
13/dez.	2016	Nada	
16/dez.	2016	Vice-presidente FFMS	Corporativo
21/dez.	2016	Presidente FFMS	Corporativo
21/dez.	2016	Treinadora	Corporativo
22/dez.	2016	Presidente de clube	Corporativo
22/dez.	2016	Treinador	Corporativo
26/dez.	2016	Jogador	Corporativo
27/dez.	2016	Nada	
29/fev.	2016	Treinador	Corporativo

Data	Ano	Atribuição da Fonte	Canal
2-jan.	2017	Presidente de clube	Corporativo
2-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
4-jan.	2017	Gerente de futebol	Corporativo
4-jan.	2017	Presidente de clube	Corporativo
4-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
4-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
5-jan.	2017	Jogadora	Corporativo
6-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
9-jan.	2017	Presidente de clube	Corporativo
11-jan.	2017	Torcedora	Corporativo
12-jan.	2017	Preparador físico	Corporativo
17-jan.	2017	Jogadora	Corporativo
20-jan.	2017	Árbitra	Corporativo
20-jan.	2017	Árbitro	Corporativo
20-jan.	2017	Árbitro	Corporativo
20-jan.	2017	Presidente Comissão de Arbitragem	Corporativo
22-jan.	2017	Jogador	Corporativo
23-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
23-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
23-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
24-jan.	2017	Torcedora	Corporativo
28-jan.	2017	Diretor-executivo de secretaria de Governo	Corporativo
28-jan.	2017	Presidente de clube	Corporativo
28-jan.	2017	Presidente de clube	Corporativo
29-jan.	2017	Auxiliar-técnico	Rotina
29-jan.	2017	Treinador de clube	Corporativo
30-jan.	2017	Jogador	Corporativo
31-jan.	2017	Nada	
1-fev.	2017	Nada	
3-fev.	2017	Presidente de clube	Corporativo
3-fev.	2017	Presidente de clube	Corporativo
3-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
4-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
5-fev.	2017	Jogador	Corporativo
8-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
11-fev.	2017	Presidente de clube	Corporativo
12-fev.	2017	Jogador	Corporativo
13-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
15-fev.	2017	Gestor de futebol	Corporativo
17-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
19-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
19-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
20-fev.	2017	Jogador	Corporativo

23-fev.	2017	Gestor de marketing	Corporativo
23-fev.	2017	Presidente de clube	Corporativo
23-fev.	2017	Presidente de clube	Corporativo
24-fev.	2017	Gerente de futebol	Corporativo
24-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
25-fev.	2017	Gestor de futebol	Corporativo
25-fev.	2017	Treinador de clube	Corporativo
27-fev.	2017	Nada	
1-mar.	2017	Presidente FFMS	Corporativo
4-mar.	2017	Gestor de marketing	Corporativo
5-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
6-mar.	2017	Jogador	Corporativo
6-mar.	2017	Treinador de clube	Rotina
6-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
7-mar.	2017	Gestor de futebol	Corporativo
7-mar.	2017	Presidente de clube	Corporativo
7-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
8-mar.	2017	Jogador	Corporativo
8-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
12-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
12-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
13-mar.	2017	Jogador	Corporativo
13-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
15-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
15-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
18-mar.	2017	Familiar de jogador	Corporativo
22-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
27-mar.	2017	Treinador de clube	Corporativo
28-mar.	2017	Presidente de clube	Corporativo
8-abr.	2017	Presidente de clube	Corporativo
8-abr.	2017	Treinador de clube	Corporativo
10-abr.	2017	Jogador	Corporativo
10-abr.	2017	Jogador	Corporativo
14-abr.	2017	Presidente de clube	Corporativo
17-abr.	2017	Jogador	Corporativo
18-abr.	2017	Advogado	Corporativo
18-abr.	2017	Presidente de clube	Corporativo
25-abr.	2017	Presidente de clube	Corporativo
27-abr.	2017	Secretário municipal	Corporativo
5-mai.	2017	Jogador	Corporativo
5-mai.	2017	Jogador	Corporativo
5-mai.	2017	Jogador	Corporativo
10-mai.	2017	Gerente de futebol	Corporativo
10-mai.	2017	Jogador	Corporativo

10-mai.	2017	Jogador	Corporativo
10-mai.	2017	Presidente de clube	Corporativo
11-mai.	2017	Presidente de clube	Corporativo
5-jun.	2017	Treinador de clube	Corporativo
14-jun.	2017	Jogadora	Corporativo
7-jul.	2017	Escritor	Corporativo
18-jul.	2017	Presidente de clube	Corporativo
18-jul.	2017	Presidente de clube	Corporativo
25-jul.	2017	Jogadora	Corporativo
1-ago.	2017	Nada	
21-ago.	2017	Presidente de clube	Corporativo
21-ago.	2017	Vendedor	Corporativo
03-04/jun	2017	Treinador de clube	Corporativo
06-07/mai	2017	Treinador de clube	Corporativo
15-16/jul	2017	Presidente de clube	Corporativo
17-18/jun	2017	Jogador	Corporativo
22-23/abr	2017	Treinador de clube	Corporativo
29-30/abr	2017	Treinador de clube	Corporativo

Data	Ano	Atribuição da Fonte	Canal
2-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
11-jan.	2018	Jogador	Corporativo
11-jan.	2018	Jogador	Corporativo
11-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
11-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
11-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
15-jan.	2018	Dirigente de clube	Corporativo
15-jan.	2018	Dirigente de clube	Corporativo
15-jan.	2018	Dirigente de clube	Corporativo
15-jan.	2018	Dirigente de clube	Corporativo
16-jan.	2018	Dirigente de clube	Corporativo
16-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
16-jan.	2018	Presidente FFMS	Corporativo
16-jan.	2018	Reitor universitário	Corporativo
17-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
17-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
17-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
19-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
19-jan.	2018	Presidente FFMS	Corporativo
19-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
24-jan.	2018	Dirigente de clube	Corporativo
24-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
25-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
25-jan.	2018	Treinador de clube	Corporativo
26-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
30-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
31-jan.	2018	Presidente de clube	Corporativo
9-fev.	2018	Presidente de clube	Corporativo
12-fev.	2018	Jogador	Corporativo
15-fev.	2018	Treinador de clube	Corporativo
20-fev.	2018	Treinador de clube	Corporativo
8-mar.	2018	Presidente de clube	Corporativo
8-mar.	2018	Presidente de clube	Corporativo
2-abr.	2018	Nada	
2-abr.	2018	Nada	
4-abr.	2018	Treinador de clube	Rotina
10-abr.	2018	Jogador	Corporativo
10-abr.	2018	Jogador	Corporativo
10-abr.	2018	Jogador	Corporativo
12-abr.	2018	Presidente de clube	Corporativo
13-abr.	2018	Presidente de clube	Corporativo
23-abr.	2018	Treinador de clube	Corporativo

27-abr.	2018	Treinador de clube	Corporativo
27-abr.	2018	Treinador de clube	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
18-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
28-jun.	2018	Torcedor	Corporativo
3-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
3-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
3-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
3-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
3-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
3-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
11-jul.	2018	Torcedor	Corporativo
14-ago.	2018	Engenheiro Civil	Corporativo
22-ago.	2018	Presidente de clube	Corporativo
4-set.	2018	Pai de jogador	Corporativo
26-nov.	2018	Torcedor	Corporativo
26-nov.	2018	Torcedor	Corporativo
21-dez.	2018	Presidente de clube	Corporativo
21-dez.	2018	Presidente de clube	Corporativo
24-dez.	2018	Treinador de clube	Corporativo
24-dez.	2018	Treinador de clube	Corporativo
07/08/abr	2018	Jogador	Corporativo
07/08/jul	2018	Torcedor	Corporativo
07/08/jul	2018	Torcedor	Corporativo
07/08/jul	2018	Torcedor	Corporativo
07/08/jul	2018	Torcedor	Corporativo
07/08/jul	2018	Torcedor	Corporativo

Data	Ano	Atribuição da Fonte	Canal
3-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
4-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
7-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
14-jan.	2019	Presidente de Clube	Corporativo
14-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
15-jan.	2019	Presidente de Clube	Corporativo
15-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
16-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
17-jan.	2019	Gerente de Futebol	Corporativo
17-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
21-jan.	2019	Jogador	Corporativo
21-jan.	2019	Jogador	Corporativo
21-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
21-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
23-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
23-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
25-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
25-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
30-jan.	2019	Treinador de clube	Corporativo
1-fev.	2019	Jogador	Corporativo
4-fev.	2019	Jogador	Corporativo
6-fev.	2019	Treinador de clube	Corporativo
11-fev.	2019	Treinador de clube	Corporativo
12-fev.	2019	Treinador de clube	Corporativo
13-fev.	2019	Treinador de clube	Corporativo
15-fev.	2019	Treinador de clube	Corporativo
26-fev.	2019	Jogador	Corporativo
27-fev.	2019	Treinador de clube	Corporativo
1-mar.	2019	Tesoureiro de clube	Corporativo
7-mar.	2019	Jogadora	Corporativo
11-mar.	2019	Jogador	Corporativo
13-mar.	2019	Dirigente	Corporativo

15-mar.	2019	Jogadora	Corporativo
25-mar.	2019	Treinador de clube	Corporativo
1-abr.	2019	Jogador	Corporativo
1-abr.	2019	Treinador de clube	Corporativo
3-abr.	2019	Presidente de clube	Corporativo
3-abr.	2019	Treinador de clube	Corporativo
26-abr.	2019	Treinador de clube	Corporativo
3-mai.	2019	Treinadora	Corporativo
9-mai.	2019	Auxiliar-técnica	Corporativo
9-mai.	2019	Jogadora	Corporativo
16-mai.	2019	Jogadora	Corporativo
28-mai.	2019	Presidente de clube	Corporativo
28-mai.	2019	Tesoureiro de clube	Corporativo
7-ago.	2019	Promotor	Corporativo
7-ago.	2019	Secretário de Governo	Corporativo
26-ago.	2019	Diretor-presidente	Corporativo
26-ago.	2019	Prefeito	Corporativo
7-nov.	2019	Secretário de Governo	Corporativo
7-nov.	2019	Superintendente - Procon	Corporativo
22-nov.	2019	Torcedora	Corporativo
22-nov.	2019	Presidente de torcida organizada	Corporativo
22-nov.	2019	Torcedor	Corporativo
16-dez.	2019	Torcedora	Corporativo
16-dez.	2019	Comerciante	Corporativo
16-dez.	2019	Comerciante	Corporativo
18-dez.	2019	Diretor-presidente	Corporativo
18-dez.	2019	Promotor	Corporativo
18-dez.	2019	Secretário de Governo	Corporativo
02/03/fev	2019	Treinador de clube	Corporativo
05/06/jan	2019	Presidente FFMS	Oficial
05/06/jan	2019	Treinador de clube	Corporativo
06/07/abr	2019	Treinador de clube	Corporativo

09/10/fev	2019	Treinador de clube	Corporativo
12/13/jan	2019	Presidente de clube	Corporativo
16/17/fev	2019	Treinador de clube	Corporativo
16/17/fev	2019	Treinador de clube	Corporativo
16/17/mar	2019	Treinador de clube	Corporativo
16/17/mar	2019	Treinador de clube	Corporativo
19/20/jan	2019	Treinador de clube	Corporativo
23-24/mar	2019	Treinador de clube	Corporativo
23-24/mar	2019	Treinador de clube	Corporativo
23/24/fev	2019	Treinador de clube	Corporativo
26/27/jan	2019	Treinador de clube	Corporativo

Data	Ano	Atribuição da Fonte	Canal
2-jan.	2020	Treinador de clube	Corporativo
15-jan.	2020	Presidente FFMS	Corporativo
17-jan.	2020	Presidente FFMS	Corporativo
23-jan.	2020	Promotor de Justiça	Corporativo
23-jan.	2020	Secretário de Governo	Corporativo
23-jan.	2020	Coronel do Corpo de Bombeiros	Corporativo
24-jan.	2020	Presidente de clube	Corporativo
2-mar.	2020	Nada	
11/12 jan	2020	Treinador de clube	Corporativo
25/26 jan	2020	Prefeito	Rotina